



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

9000

7

STANFORD UNIVERSITY  
LIBRARIES  
STACKS

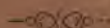
MAR 30 1977

O

# ARISTARCO PORTUGUEZ

REVISTA ANNUAL

DE CRITICA LITTERARIA



PRIMEIRO ANNO — 1868



## Auctores das obras criticadas:

A. da Silva Gaió.— Alberto Pimentel.— Camillo Castello-Branco.  
— Candido de Figueiredo.— Carlos Borges.— Climaco dos Reis.—  
Eduardo A. Vidal.— Ernesto P. de Almeida.— Eugenio de Castilho.  
— F. Adolpho Coelho.— Guerra Junqueiro.— Guilherme Braga.—  
Julio Diniz.— Latino de Faria.— Lemos de Napolé.— Lopes Praga.  
— Martins de Carvalho.— Ramalho Ortigão.— Simões Dias.— Theo-  
philo Braga.— Thomaz Ribeiro.— Etc.

5133/

ARIST

5133/70

0

**ARISTARCO PORTUGUEZ**



O

# ARISTARCO PORTUGUEZ

REVISTA ANNUAL DE CRITICA LITTERARIA

1.º ANNO—1868



LIBRA

VERONA



Lançámos uma vista de olhos pela nossa litteratura de hoje; e, se motivos houve por que nos congratulassemos, não vimos sem mágua o como em Portugal se aquilatavam as nossas letras.

Por mais que a vista se nos entranhasse por todos os recantos da nossa republicasinha litteraria, não nos appareceu um crítico de lei, que tivesse ânimo para dizer sem rebuço toda a verdade ao povo que, no procurar alimentos para o espirito, poucas vezes pode por si escolher, d'entre os insossos e os deletérios, aquelles que lhe apurem o gosto e nutram a intelligencia.

Por força de consequencia, o merito do escriptor dependia do favor das circumstancias, e, por muitas vezes, o merecimento real ficava na sombra, emquanto a fama revestia de luz e gloria entidades que a justiça nunca devia de salvar da obscuridade.

E não é porque em Portugal faltassem homens, que do seu levantado ingenho tirassem luz, para mostrar a verdade ao povo: impecia-os talvez a consideração de que poucos dos que escrevem escutam a sangue-frio as verdades da critica, malquistando-se



de prompto com os que se aventuram a prégal-as em público.

Não nos deteve tão balofa e pueril consideração: tomámos o caminho da verdade e da justiça, e não trepidaremos diante de susceptibilidades feridas.

A nossa missão especial é notar e louvar o bom, e apontar e censurar o mau. Se cabalmente a não desempenharmos, ao menos o publico ha de convencer-se — ou nós nos enganamos muito — de que nol-a impozemos com a mão na consciencia.

Se já hoje não apparece o nosso nome á frente d'estes estudos criticos, não é tanto culpa nossa, quanto d'aquellés que avesaram uma parte do publico a não ver com bons olhos a imparcialidade da verdadeira critica. Apparecerá um dia, quando virmos que se faz justiça aos nossos esforços e á pureza das nossas intenções.

\*\*

---

# **PRIMEIRA PARTE**

## **PROSA**



# O ARISTARCO PORTUGUEZ

REVISTA ANNUAL DE CRITICA LITTERARIA

---

A. DA SILVA GAIO

---

MARIO

Episodios das luctas civis portuguezas  
de 1820 a 1834

LISBOA, 1868

No meio das ruidosas tempestades môraes, que agitam o coração da Europa moderna, a litteratura marcha insensível como baixel que levasse os despojos do passado. A litteratura, que segundo os principios do *Cenaculo* francez não podia deixar de ser toda dramatica numa epocha de revoluções como a nossa, desnortêa-se do seu augusto sacerdocio humanitario para se concentrar no sanctuario da consciencia individual.

Neste seculo de transição, em que deviamos todos

prégar ás massas qual o seu destino na terra, os seus direitos, os seus deveres, cruzamos os braços como os prophetas de Jerusalem e choramos cada qual á beira do seu Cedron lamentoso, como se o nosso ultimo dia tivesse de ser amanhã. Agora que os mares da politica andam revoltos no fluxo e refluxo continuo dos partidos, e os povos em sua marcha triumphal para a liberdade vão rasgando os pés na via dolorosa das revoluções, a litteratura assume um character pacifico, os romances, os dramas, e os poemas sociaes fallecem, e se nalguns apparece o character revolucionario, é porque só herdaram da *Restauração*, nanja que lhe viesse inspirado da crise por que vamos passando. Se alguma questão social se discute, tão só ao pamphleto e ao jornal se devem as honras da discussão.

O nosso marasmo não é sómente o symptoma de debilidade intellectual, não é tambem o resultado de indolencia propria aos povos do Meio-dia, é o espirito de imitação que nos mata. Não sabemos legislar sem que a França formule as nossas leis. Este factio dá-se em politica, em sciencias, e em litteratura. Somos para os francezes, o que estes dizem da Alemanha — uma posteridade contemporanea. — Sem fallarmos da poesia, de que infelizmente não temos uma eschola, que represente as agonias da transformação do seculo, porque em Portugal não ha a raça grega, atrevida, inflammada de André Chenier;

limitando-nos a um eclectismo caprichoso e mal dirigido; sem falarmos do romance de costumes, onde a maltrapida parodia de Balzac por ahi trapaceia com o publico jogando a cabra cega; sem falarmos do nosso theatro, que é o transumpto do *vaudevillismo* de Scribe, como este foi o imitador de Calderon; — notamos no romance historico portuguez as mesmas tendencias, que descobrimos nos romances historicos francezes depois da revolução de 1789. A França era um montão de ruinas fumegantes do incendio. Era necessario animar o povo desalentado, mostrando-lhe as glorias do seu passado.

Hoje é necessario dizer não o que fomos, mas o que devemos ser. É necessario fazer da historia não um espectáculo, mas uma lição proveitosa, para cautela no futuro. Em quanto Casimiro Delavigne e Béranger cantam em suas lyras entusiasticas o triumpho da liberdade politica, e Lamennais fustiga o ultramontanismo, pedindo a liberdade religiosa, Sainte Beuve formúla os verdadeiros principios da critica, Guizot desenvolve a philosophia da historia, Benjamin Constant proclama as garantias do cidadão, e todos se empenham na reorganisação intellectual, moral e politica da França; o romance historico apparece balbuciante em Arlincourt, vigoroso em Victor Hugo, poetico em Chateaubriand. A Inglaterra responde pela voz onnipotente de Walter Scott, e Portugal por via do seu representante nacional — o visconde Garrett.

O *Arco de Sant'Anna* e a *Notre Dame* foram o resultado d'uma necessidade imperiosa, qual era a de saber se as revoluções são um acaso, ou filhas das leis providenciaes da humanidade. O que Bossuet com sua admiravel eloquencia tinha demonstrado em sua *Historia Universal*, o mesmo foi rectificado pela litteratura subsequente á epocha imperial. Mas então o romancista tinha cumprido a sua missão, expondo como Chateaubriand nos *Martyres* o modo como a idéa zomba do despotismo cego dos homens; hoje é necessario mais alguma cousa — abrir o caminho para o futuro, prever o que será amanhã. Os *Miseraveis* de Victor Hugo, livro que é por sem dúvida o primeiro poema social d'este seculo, necessita do ultimo capitulo; que ha de escrever-se amanhã, quando algum vidente da historia nos disser para onde caminhamos. Os principios estão postos, levante-se alguem a formular a conclusão.

Para que hão de os romances historicos pedir piedade aos corações e lagrimas aos olhos, mostrando-nos o quadro de nossas glorias passadas? O que nós queremos é consolação para os males presentes e bastantes esperanças no porvir.

Quando as rosas da patria cavalheiresca, folgasã e independente murchavam na corôa de D. João III, Camões vingava do esquecimento e transmittia aos vindouros o deposito de nossas glorias. Então não podiamos fazer mais, porque as nossas circumstan-

cias eram desesperadas. Hoje, que temos fé em nossos corações e garantia nos codigos liberaes da Europa, não temos tempo de olhar para as abarcas dos nossos maiores, senão para alguma estrella, que por ventura venha luzir em nossos horisontes.

Não rejeitamos a eschola historica; ao contrario, amamol-a pelo seu duplo interesse da instrucção e do deleite. O que dizemos é que o romance historico de hoje, longe de ser uma narração, deve ser uma experiencia. Bem sabemos quantos serviços devemos a Saint-Réal e a João de Barros, mas muito mais devemos a Herder e a Herculano. Uns levam-nos ao labyrinth, outros dão-nos o fio de Ariadna. Queremos romances historicos para lição, como os de Walter-Scott, e não para espectáculo, como os do visconde de Arlincourt.

Vejamos se o romance do sr. Gaio satisfaz ás exigencias da critica moderna, e se elle merece os louros, de que a imprensa portugueza o coroou. Passando em silencio as origens do romance historico em Portugal, de que encontramos vestigios anonymos nas relações de naufragios, nalgumas chronicas anteriores ao seculo de seiscentos, e nas lendas piedosas colligidas pelo auctor do *Flos Sanctorum*, bemmereceram da patria os escriptores do seculo actual, que souberam fazer uma especie de philosophia romantica d'alguns factos positivos da nossa historia.



Garrett, Herculano, Rebello da Silva, Andrade Corvo já têm fóros de romancistas historicos; e se bons ou máos foram os titulos de sua fidalguia, não descutiremos neste logar. A esta phalange privilegiada por seu incontestavel merecimento vem unir-se agora o auctor do *Mario*, a quem de certo não falta ingenho, mas cujo merecimento em certo modo foi exaggerado por quem tinha obrigação de ser imparcial. Os nossos criticos não sabem elogiar sem favor, nem censurar sem paixão. O que nos parece, é, que A. Silva Gaio é certamente academico muito mais distincto do que romancista; e, se lhe não falta talento para o romance, carece de muita experiencia, predicado indispensavel para ser mestre em qualquer coisa.

O *Mario* é uma boa estreia, mas não passa d'ahi. O pensamento do *Mario*, ou antes a intenção do seu auctor é profundamente patriotica e racional. Representa a celeuma dos marinheiros politicos ao verem a liberdade quasi a pique de encontro á tyrannia coroada; porque a cabeça de um monarcha despotico vale bem a dureza de uma rocha. Em todo aquelle movimento dramatico do *Mario* escuta-se incessantemente o fremito, o alarido confuso de uma epocha revoltada contra os esbirros da sombra, os phariseus da lei, os devassos seductores da familia, os algozes do povo, os sicarios da intriga, os vendilhões do templo, os imbecis do throno, e, o que mais é, os hypocritas, que em nome da religião e do throno flore-

teavam lanças contra o coração dos crentes, que todo se abria por dentro em canticos pela aurora que tão formosa rompia já no anno de 89.

O logar da scena é bem escolhido. A Beira com a sua vegetação triste; coroada de pinhaes, recortada de olivedos e castanheiros, tapetada de vinhas e urzes, rasgada por valleiros, e ondulada por serras, é um cadafalso excellente para a execução de uma idéa ignominiosa, um capitolio formoso para o triumpho da liberdade, um calvario soberbo para a resurreição de um povo. A epocha de 1820 a 1834 foi uma escolha excellente, pelos principios fecundos que produziu, e mais ainda pelo muito que se presta ao caracter dramatico do romance. Aqui pode o escriptor descobrir thesouros, que tem a certeza de que estão intactos. Nenhum mineiro por lá os andou a explorar. Tudo o que vier é novidade, e a novidade agrada sempre; muito mais a nós outros, que andamos aborrecidos com a rotina classica d'esta litteratura falsa.

E depois, que bello espaço para referencias e episodios, aquelles esforços lentos dos liberaes de 1817, as agonias, as vexações e as penas dos infelizes companheiros de Gomes Freire de Andrade até que podem alcançar aquelle intersticio liberal de 1820 a 1823! Aqui tudo é heroico, sublime, grandioso! Os quatorze annos que precederam a revolução de 1834 não têm egual em nossa historia contemporanea. Duas sociedades poderosas, dois pensamentos incon-

ciliaveis, sol e noite luctando como dois gigantes—é um espectáculo que assombra e ao mesmo tempo inspira. Local magnifico, epocha prestadia, assumpto grandioso, protagonista soberbo porque é a liberdade, parte historica bem estudada, a trama em geral bem urdida, que falta para a apotheose? Tudo; falta o artista; o *Mario* é uma pessima execução de uma idéa grande. Papeis d'esta força, ou o artista os aceita, e então os desempenha bem, ou lhe fallecem forças, e então rejeita-os e escolhe outros, onde possa mostrar sua pericia. No *Mario* falta a experiencia do romancista historico.

A agitação revolucionaria, o medo, a alegria, a côr da epocha, os caracteres, que num dicto, numa palavra, num movimento se revelam, faltam naquelle livro. É a historia d'aquella comprida epocha narrada por um homem que a ouviu contar. Gaio não nos faz viver alli, em conversa com Jorge Pinto e Mario; faz-nos apenas uma dissertação sobre liberdade em forma dialogal. Aqui ouvimos uma prelecção sobre botanica, alli sobre geographia, alem vai repetindo a phrase estafada — *ondulações do terreno*. Em tudo apparece o auctor do livro; os seus heroes repetem a lição que lhes ensinou; são umas especies de cabeças falantes.

Silva Gaio está na sombra articulando o que os seus heroes têm de falar. Por isso é que se nota a cada passo que Silva Gaio se não compenetrou do

espírito da epocha, nem estudou os typos, que figuram na contextura. D'esta falta resultou um defeito, que o bom artista cuidadosamente evita—a inverossimilhança dialogal. Effectivamente o dialogo do *Mario* apenas se conhece pelas indicações typographicas. A particular tendencia de cada interlocutor desaparece naquelle nivelamento de expressão. Bem sei que nem todos podem assumir todas as indoles como Valter ou Goethe ou Garrett; mas o estudo e a experiencia abrem largo caminho para conquistar este segredo. A indole de Silva Gaio é toda declamatoria, e por mais de uma vez tivemos occasião de admirar seus dotes oratorios; mas isso, que fica bem na cadeira do magisterio, não pode entrar em todas as paginas de um romance. Com alguma concisão deixava no *Mario* paginas excellentes. O accessorio absorve o essencial e o necessario; nem tanto flores que suffoquem. Por via d'este seu defeito é que por vezes perdeu a lingua seus fóros de genuina, e o colorido ficou sem animação, parecendo antes um brilho postigo. Por vezes deixa Silva Gaio nas scenas de sentimento transparecer uma especie de lambuje idyliaua, que faz rir em vez de arrancar lagrimas. Nisto se parece com Thomaz Ribeiro, servindo-se de palavras tão plebeas e tão choradas, que instinctivamente nos sorrimos de descontentes, que não de alegres. Cheira-nos isto áquella mania dos nossos primeiros bucolicos, que, em vez de estudarem a natu-

reza qual ella é, se deram a copiar-a pela copia que d'ella havia feito o celebre Sannazaro.

Accusaram Gaio de ter imitado Paulo Fèval. É verdade que ha grandes analogias entre o *Mario* e o *Jean Diable*; cremos, porem, que nem esse livro visse. Ha d'estas coincidencias muitissimas: nem Gaio precisava de imitar; Para fazer obras como a do *Mario* sobra-lhe talento.

Entretanto encontramos no *Alfageme de Santarem* coisas tão parecidas com outras do *Mario*, que ficamos desconfiados não houvesse por alli sua imitação. As mesmas luctas populares pela liberdade. O padre Mauricio do *Mario* é uma copia do Froilão Dias, freire do Hospital. — Ambos têm sua sobrinha; no *Alfageme* chama-se Alda, no *Mario*, Theresa. — Cada uma d'estas é namorada por dois; no *Alfageme* por Nun'alvares Pereira e Fernão Vaz, no *Mario* por Fernando, com quem casa, e por Mario. — No romance de *Gaio* ha uma lucta entre a familia do padre Mauricio e a de Jorge Pinto; no drama de Garrett essa lucta existe entre o traidor Mendo e o sancto freire do Hospital. Por generosidade accreditemos que esta approximação de facto foi casual. O que prejudica o romance é o character contradictorio de Jorge Pinto, representando umas vezes o papel de conselheiro de estado, outras vezes de esbirro; considerado aqui ente abjecto, alli senhor poderoso, noutra parte salteador. Jorge Pinto, que podia insultar a casa

do vigario de S. Romão, como insultava a dos vizinhos, diverte-se por alli com o pobre do Fernando, que representa um papel de truaço... impossivel. Theresa é um typo, que se não entende. A mulher creada á sombra da sotaina falla em politica como qualquer diplomata. Por mais vezes que Albano Coutinho entôe a sua interminavel *Magnificat*, por mais que Xavier Cordeiro, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro e Mendes Leal exaltem o *Mario*, estas sombras, que notamos, são nódoas indeleveis, e faz pena vel-as num quadro tão magestoso, como o dr. A. Silva Gaio se propoz traçar.

Vejam tambem com que profundo conhecimento da arte accusaram Silva Gaio do gravissimo crime de ter omittido alguns factos importantes das luctas civis de 1820 a 1834! Não cito o auctor do reparo, ainda por generosidade. Queria o sabio critico que um romance historico fosse um compendio! Não tem olhos para reparar nos defeitos, mas vê-os onde os não pode haver!

Em resumo: Silva Gaio tem bastante merecimento, se bem que muito distante se ha de considerar dos mestres portuguezes acima declarados; e nelle reconhecemos talento para um dia se incorporar na lista gloriosa de Garrett, Herculano, Rebello da Silva e Andrade Corvo; por ora, não. O *Mario* não satisfaz ás exigencias da critica nem da epocha. Queremos uma lição que nos aproveite no futuro, se d'ella

precisarmos; não queremos saber como luctámos em circumstancias que não são as de hoje. Quem tem talento como A. da Silva Gaio, tem obrigação de caminhar á frente do povo.

\*

---

## CAMILLO CASTELLO-BRANCO

---

### I

Camillo Castello-Branco é um nome por tal forma illustre na nossa litteratura contemporânea, que as suas obras como que ficam fóra do alcance da critica. Obreiro incansavel, os seus trabalhos conseguiram um logar em todas as livrarias; a opinião publica emittiu o seu *veredictum*, e este *veredictum* se não é de todo em todo verdadeiro difficilmente poderá ser contrariado.

Quem não conhece Camillo Castello-Branco, o homem dos setenta e tantos livros, o estylista admiravel, o dramaturgo, o poeta, o theologo, o politico, o romancista e o fazedor de satyras? Ninguem. Podemos asseveral-o.

A imprensa é que não tem tido o desembaraço, a coragem sufficiente de reproduzir a opinião geral. No tribunal legitimo e authenticos dos homens de letras fallaram já amigos e inimigos; e a imparcialidade, vestindo-se de paciencia, teve de resignar-se a esperar pelo futuro.



Não nos cabe a nós, meros apreciadores da litteratura d'este anno, escutar e verificar o echo da opinião publica. Vasta é já para nós a seara escolhida; mas não nos isentaremos de lançar os traços geraes para que os leitores possam julgar se por ventura é verdadeira a luz que nos ha de guiar nesta melindrosa apreciação.

## II

Camillo Castello-Branco, ao lado de um talento preciosissimo, tem uma vontade frouxa e inconstante; ao passo que a sua intelligencia se eleva como a aguia, contemplando a verdade e a virtude, o seu coração, na práctica da vida, despenha-se e deixa-se facilmente vencer das caricias do prazer e das seducções mundanas; tem o idealismo na cabeça e por vezes o materialismo no coração; é o Protheu da fabula: ri-se como sceptico e chora como crente; as suas lagrimas encantam, as suas gargalhadas horroresam; anjo ou demonio, Camillo Castello-Branco tem talento de mais para ser uma vulgaridade.

Relembrando passadas amarguras, escreveu Camillo num de seus livros: «Contava com a graça divina para lutar e vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me, as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de mãos sedimentos.» Muitas e muitas vezes

temos visto e contemplado Camillo. Nunca nos coube em sorte tractar com elle. Vê-se, comtudo, que o julgámos imparcialmente em vista do seu depoimento. Nem é, nem foi, nem poderia ser nossa mente egualar a severidade d'elle para comsigo. A aura publica raras vezes se engana, ajuisando de escriptores de tão popular nomeada. Parece-nos por tanto irrecusavel o duplo aspecto sob que temos apresentado o auctor illustre de *Um homem Rico*, do *Homem de brios*, e do *Amor de perdição*.

Ora esta dualidade, esta heterogeneidade, esta anthitese que se dá no homem, revela-se evidentemente, incarna-se e, muitas vezes, ostenta-se no escriptor publico.

E como poderia esperar-se outra cousa ?!

Camillo tem escripto, em assumptos tão diversos e tão precipitadamente, que nem tempo tem para contrafazer-se. Se tivesse reflectido alguns momentos, facilmente teria evitado tristissimas desillusões. Que fez elle mettendo-se em politica? Escreveu, entre outras cousas, os folhetins do *Nacional*, prestou-se ás velleidades dos partidos belligerantes, desacreditou-se. E não tinha elle uma intelligencia brilhantissima para formar convicções elevadas, não lhe tinha o Creador liberalisado as riquezas do talento para ser um cidadão prestadio como Demosthenes ou Cicero ?!

Perdeu-o a pouca firmeza de character, perderam-no

do sensualismo, que lhe vendaram os  
 e os esplendores da sua *illustração*.  
 mdo a carreira theologica teve o bom senso  
 dos rins a estampanha sacerdotal; en-  
 ar traduziu livros religiosos, fez-se campeão  
 do catolicismo. Ainda como romancista, pequenos  
 seus desmandos. Se a liberdade de cul-  
 para nós uma feliz realidade, Deos sabe  
 ria. Assim, podemos-o julgar em paz com  
 o papa.  
 dramaturgo e poeta... Camillo nem é  
 dramaturgo; Camillo, verdadeiramente,  
 ser olhado como o professor e o decano dos  
 romancistas, se não dos romancistas histori-  
 o menos d'aquelles que escrevem romances  
 alidade.  
 to, porem, que ainda como romancista não  
 minar de todo as suas tendencias.  
 nance pode ser historico, didactico e humo-  
 Em todas as tres especies de romances tem  
 por mais de uma vez, revelado a fecundi-  
 seu talento.  
 nance historico deu-nos, entre outras obras,  
 e se não póde neste genero rivalisar com  
 dre Herculano e Rebello da Silva, nem por  
 xam os seus ensaios de ter merecimento.  
 romance humoristico em certo modo poderão  
 ontar-se como notaveis as *Scenas da Foz*, e

a *Queda de um Anjo*. Theophilo Braga gosta d'este ultimo romance; nós entendemos que tal romance apenas serve para mostrar o máu genio de Camillo. A satyra pessoal é alli ligeiramente disfarçada. Em vez de censura ao vicio, o leitor só chega a descobrir naquellas paginas um desforço, uma vingança, e a vingança, por mais que se diga, só serve para amesquinhar os seus auctores.

O romance didactico e da actualidade é o principal titulo do credito litterario de Camillo. Filiam-se neste genero os primeiros dois romances de que vamos falar.

### III

Felizmente é este um dos annos em que a intelligencia e o coração de Camillo nos têm dado alguns fructos relativamente primorosos.

A *Bruxa do Monte-Cordova* é um romance formosissimo. Sobre ser um romance social, veio tão a proposito, que nós o aconselhamos a todos os paes de familia.

Os perigos de um máu confessor são infinitos. Podem matar e atrophiar o que ha de mais sancto no sacrario da consciencia e do coração. Nem o amor de mãe lhes pode ser superior. O máu confessor é a vibora aquecida no seio. A monomania religiosa é a peor de todas as monomanias. As ver-

dadeiras practicas e sentimentos religiosos fazem sanctos; o fanatismo faz demonios ou idiotas.

O contraste entre frei Jacintho de Deos e frei Silvestre do Coração Divino é traçado com uma naturalidade e mestria dignas de Camillo Castello Branco.

Tem o romance tres partes: 1.<sup>a</sup>, *mocidade de um homem*; 2.<sup>a</sup>, *o ultimo frade*; 3.<sup>a</sup>, *quinta essencia do amor divino*. Em todas as tres partes se occupa romancista de ambos ou de algum dos seus heroes — Angelica e Thomaz d'Aquino.

Na primeira parte pôde o auctor descrever um colorido vivo e animado a relaxação dos ventos no seu ultimo periodo, e como elles eram casião de desgraças pela coacção dos paes sobre a vontade dos filhos. Começa a resplandecer o admiravel de Jacintho de Deos, e Thomaz d' morre ferido de uma bala.

Na segunda parte, frei Jacintho de Deos o filho de Thomaz d'Aquino, e recolhe a vento a inconsolavel Angelica Florinda; pode livral-a da lepra de Silvestre do Coração Divino, que lhe tinha estragado o coração e a um tempo. A leitura d'esta segunda parte mollo, deveria ser reflectida pelos leitores das classes, para estes repetirem a sã moralidade das paginas a todos os que têm ouvidos. Parte aos enredos dos Grainhas e comp

A terceira parte termina fechando Angelica os olhos na presença de seu filho, o barão de Burgaes.

O *Retrato de Ricardina* é um dos romances de que não é licito, ainda a um mestre, escrever muitos por anno.

Entretanto, é força confessal-o, achamol-o menos util e proveitoso que a *Bruxa do Monte-Cordova*; temol-o por mais artistico e menos natural.

Os episodios da morte dos lentes em Condeixa é traçado com tal variedade de côres; são os principaes caracteres tão bem desenhados; as narrações tão variadas; os dialogos tão bem travados que a nossos olhos em nenhuma outra parte do livro se revela tão perceptivelmente o talento do auctor. Até pelo lado da moral paira a irreprehensibilidade sobre o quadro; não ha palavra de honra nem juramento que possa salvar a nossa responsabilidade de um crime ou d'uma acção immoral.

O resto do romance está bem delineado. Talvez se possa notar alguma inverosimilhança no credito que deu Norberto ao abbade, quando, perguntado sobre o destino de Ricardina, se limitou a responder: Morreu. Ainda é menos natural que Bernardo não inquirisse de Norberto como chegou a informar-se da morte de Ricardina e que sabendo as circunstancias desse credito á nova.

Segundo se nos affigura, o capitulo: «O que fez a ignorancia do estylo figurado,» formando um dos

essenciaes do enredo, torna o romance menos crível e o faz desmerecer um pouco.

Leonardo Botelho de Queiroz é um typo excellentemente acabado. Talvez pareça excessivamente endurecido; mas culpem a natureza que nos offerece a cada passo excrescencias d'aquellas.

O final do romance satisfaz o coração, e não deixa o leitor em torturas.

#### IV

Resta-nos falar de mais tres livros de Camillo Castello-Branco: o *Sangue*, o *Mosaico* e as *Virtudes Antigas*.

O *Sangue* é um dos romances somenos de Camillo. Ha um filho, que, tendo herdado boa fortuna por intermedio do supposto avô, faz endoudecer o pae que o estremece, provocando-o a duello com um nome supposto, a fim de vingár o primeiro marido de sua mãe.

Os acontecimentos precipitam-se. A virtude, cedendo aos commettimentos da infidelidade conjugal, afrouxa entre pretextos justificativos do romancista.

A obstinação do filho, salvo de um tiro com que seu pae, sem o conhecer, o ferira em duello, traz ao romance um desenlace pouco natural. É pouco crível que um homem, á vista das precedencias, ao ver o que com elle se tinha passado na França, não co-

lhesse informações para, em presença do que se passava em casa do seu adversario, não cuspir, sacrilegamente, nas faces, embora maculadas, de sua mãe, a baba de um miseravel.

Camillo poderá dizer — escrevi a verdade. Não sabemos se vai nisto appello a todas as glorias de Balzac, do insigne observador do coração humano. Ousamos insurgir-nos contra a elasticidade do dicto. As bellezas de um rico e variado estylo e as carambolas da pobre e torva realidade não bastam para um romance sair perfeito. É preciso que o genio, dirigido pelo gosto puro da arte, faça pairar o real até encontrar-se com o ideal. Ao *Sangue* falta-lhe muito para ter esta ultima condição.

E já agora digamos de uma vez toda a verdade. Sente-se facilmente nas ultimas composições de Camillo um esmorecimento notavel das suas faculdades romanticas. Que Camillo desprezara sempre devassar os segredos da sciencia do bello, isso era já convicção nossa, antes das suas críticas a Theophilo Braga. Mas julgámos sempre incontestavel a sua tendencia e aptidão para o romance. Propendemos todavia para crer que esta declinação se deve attribuir á falta de tempo e cuidado.

Escreve, não compõe romances. A necessidade, que não o amor da arte e da gloria, é, geralmente, havida como o mais poderoso motor da sua penna.

O *Mosaico* é um agregado de antigualhas com



co valor intrinseco; os labores externos nem sem-  
 podem salvar o leitor do enfado. Abre-se por  
 artigo em que censura o viver abeatado das ra-  
 arigas do Minho.

As *Virtudes* antigas são tres historietas: A freira  
 que fazia chugas; o frade que fazia reis; e um  
 poeta portuguez... rico. De tempos remotos as duas  
 primeiras, contemos da obra. O editor, por maior que  
 Nada diremos a Camillo, o qual á falta de peça littera-  
 fosse o typo escolhido, não pôde fazer livro das duas  
 paçass e os capitulos, faltava-lhe novo romancete;  
 primeiras narrativas; escreve a Camillo, o qual á falta de peça littera-  
 ria congenera lhe mandou *Um poeta portuguez...*  
 rico. O livro vingou roçar por 224 paginas; o bon-  
 doso editor, embora o titulo geral da obra fosse  
 prejudicado, respirou; mas no tocante a elogios diz  
 que não lhe cabe fazel-os, terminando com esta de-  
 claração: *Pela minha parte fiz quanto pude: em*  
*dal-o á estampa.*

Quem não dará credito ao sr. Campos Junior?  
 Da nossa parte tambem fazemos-lhe a justiça de  
 lhe dar fé e de lhe desejarmos prosperos resultados,  
 remettendo de nossos hombros a tarefa dos elogios  
 para quem julgar o livro digno d'elles.

## V

Mais duas palavras. Os criticos de pôlpa devem de estar assanhados connosco por nos verem discre-  
tear longe dos descuidos em que, mais ou menos,  
costumam descambar os artistas escrupulosos e os  
pensadores severos.

Ha dias, indo nosso caminho, ouviamós barafus-  
tar em clamorosa disputa: «Não emprega o Camillo,  
ainda nos livros d'este anno, *lhe* em vez de *lhes*,  
*faz* em lugar de *faze*, *diz* quando deveria escrever  
*dize*? Nas *Virtudes antigas* não preferiu elle, na ter-  
ceira pessoa do presente do indicativo, pôr *induze*  
por *induz*? Na primeira pagina do *Mosaico* não se  
lê, por ventura, este periodo: «Sá de Miranda, Ber-  
nardes; Lobo e Fernão Alvares; Camões e Braz  
Garcia; Sá de Miranda e Quita, os quatro pontos  
cardeaes tomados de poetas que melodiavam buco-  
licas, louvores de sancta vida pastoril, virtudes de  
zagalas que faziam corar as rosas de puro enver-  
gonhadas»!? Não escreveu elle...»

Não ouvimos que mais disseram; o que sabemos  
é que tomaramos nós e os que fallam como ess'ou-  
tros brincar com a lingua portugueza tão galhar-  
damente, como Camillo nos seus ultimos livros tem  
brincado. Tem seus lapsos, que mais revelam pressa

do que insciencia. É verdade que Camillo não  
perdôa nos outros, quando apaixonado; mas  
Camillo não é Camillo quando se mette a despicar  
sua paixão ou as alheas.

## VI

Não é a nossa conta considerar Camillo con-  
vingador dos credits de Soropita do qual nem p-  
isso passamos de gostar, em que pese a muito  
Alem das Obras de Soropita fez também publica-  
as Memorias do bispo do Grão-Pará.  
Folgamos com tudo que é dilatar a nossa esphera  
litteraria, na qual o nosso romancista é um obreiro  
incansavel.

A isto limitaremos o nosso discurso a proposito  
de Camillo Castello-Branco. Basta que seja tão so-  
lidamente exacto, como é seguramente imparcial.

CARLOS BORGES

---

EULALIA

Romance original

LISBOA, 1868

Não deve de passar desapercebido este romancesinho de Carlos Borges.

Na *turba magna* dos romances de segunda plana é de justiça distinguir *Eulalia*. Os caracteres não são impossiveis, mas tambem não são triviaes; — Fernando, um *D. Juan* a-la-moda, cae na boa graça de Margarida, donzella tão innocente que até *ignorava a palavra amor*: este ultimo assérto, esta *ignorancia* da palavra *amor*, é que nos não parece lá muito possivel em frente das luzes do seculo dezenove; mas vá.

Fernando chega a amar Margarida; mas, seduzido pelos encantos de Eulalia, mulher dissoluta, volta-se para esta, e abandona aquella. As lagrimas porém de Margarida abalam e convertem Eulalia, reduzindo-a a supplicar a Fernando a felicidade da sua rival. Graças á generosidade de Eulalia, a ben-

ção nupcial trouxe a paz e a ventura a um libertino e a uma innocente vilipendiada.

Quem tiver o *Fausto* diante dos olhos, encontra nos primeiros traços do romance *Eulalia* alguns pontos de analogia com o poema do immortal Goëthe: — aquelle nome de Margarida, aquella candura e innocencia tão serafica; no *Fausto* as gargalhadas de Mephistopheles, e na *Eulalia* o riso do demonio a cada passo que a donzella dá para fóra da innocencia primitiva... Mas bem podia ser que o auctor da *Eulalia* nem se lembrasse do *Fausto*, quando traçou as primeiras linhas do seu romancesinho.

O que nós podemos asseverar é que o livro é escripto com alguma correcção, e ás vezes com elegancia. Outras vezes o estylo é desigual, o pincel do artista treme na mão incipiente, e acontece de onde em onde que os quadros se não recommendam pela nitidez e firmeza dos traços.

Por fim, ousamos avançar que não cremos na vocação litteraria de Carlos Borges: a politica subministra-lhe prosa em demasia, e a cabeça ha de matar-lhe o coração.

---

## CLIMACO DOS REIS

---

### OS HOMENS DE BEM

PONTA DELGADA, 1868

Climaco dos Reis é um moço digno de estima, porque trabalha, e é um soldado intrepido na cruzada do progresso. Se não suspender a tão ardua quanto gloriosa faina de letras, é de crer que o seu nome não passe desconhecido na republica litteraria. Por ora, pouco ou nada fez.— Os *Homens de bem* são um romance, cuja segunda phrase é um erro de grammatica: «Engolphou-se no passado as vinte e quatro horas do dia 22 de agosto de 1866.» A linguagem rarissimas vezes é vernacula, e os episodios são tão desligados, tão despídos de interesse, tão sem variedade, que difficilmente haverá quem leia o livro sem fastio.

Climaco dos Reis precisa estudar muito; mas quem tem aptidão para o trabalho, não deve de esmorecer diante das difficuldades que lhe interceptam um futuro de gloria.

---



COSTA GOODOLPHIM

---

PAGINAS SOLTAS

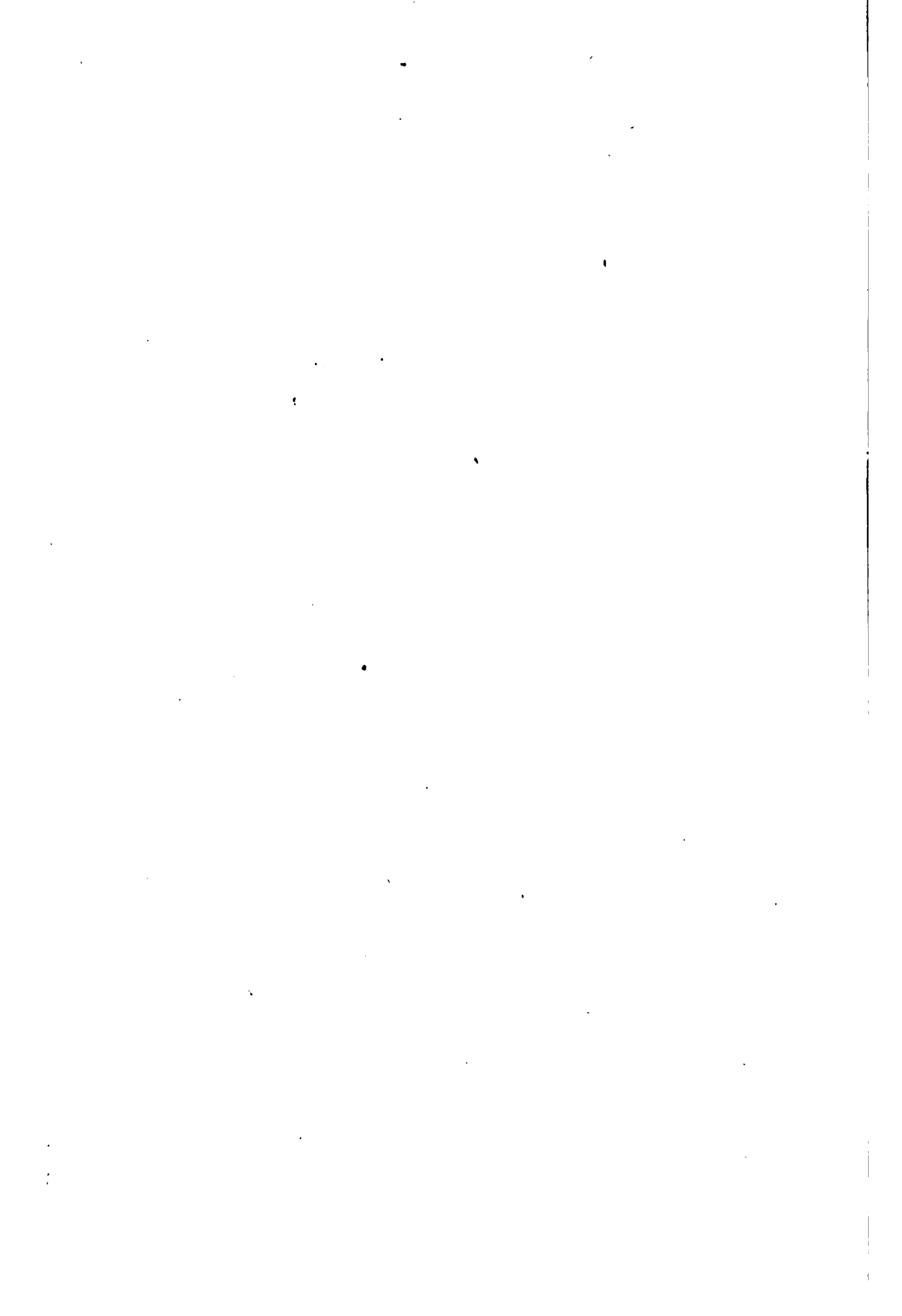
LISBOA, 1868

São uns esboços de tentativas litterarias, medindo apenas 96 paginas. Antolham-se-nos os longes d'um estylo suave, mas as incorrecções afogam-no entre os defeitos que se nos deparam. A grammatica soffre por lá algumas torturas, quando lemos, por exemplo, *houveram homens*, em vez de *houve homens*; e o bom gosto cede, não raras vezes, o logar ao que se chama semsabor.

Não queremos levar desanimo ao auctor das *Paginas soltas*; cumprimos apenas o nosso dever, e aconselhamos-lhe, por bem seu, que não erga mão dos bons modelos, e que não farisque os folhetineiros de agua doce què sonham com a posteridade, erguendo-se um monumento de... banalidades charras. E perdõe a rustiquez dos nossos dizeres: somos ás vezes rudes, por falar ás direitas.

---





F. ADOLPHO COELHO

## A LINGUA PORTUGUEZA

COIMBRA, 1868

Fallaremos com prazer d'este escriptor novel, já erudito e digno de estima.

Não temos duvida em o classificar desde já como o conhecedor mais profundo das origens da nossa lingua. Em Phonologia excedeu quanto até hoje se tem escripto entre nós. Os fazedores de grammaticas, que por ahi pullulam, devem de estar maravilhados da sua rotineira ignorancia.

Para explicar a causa do nosso atraso neste genero de estudos escusado nos é divagar muito. O inglez e o allemão, linguas entre nós geralmente desconhecidas, revelaram a Adolpho Coelho o que os seus predecessores almejaram em vão saber.

Neste particular Theophilo Braga, iniciador de um novo movimento litterario, não eguala o auctor da *Lingua Portuguesa*. É que Theophilo balbucia, difficilmente, o inglez e o allemão; ora o francez, a pesar de lingua universal, não pode substituir aquellas.

É preciso, porem, não exaggerar; se preferimos

de Francisco Adolpho Coelho sobre ori-  
*Lingua Portugueza* e sobre Phonologia a  
 temham escripto entre nós os seus predeces-  
 quer isto dizer que o fasciculo, onde o  
 põe as suas ideias esteja escripto ortodo-

forçoso confessar que o escriptor novato  
 e apresentar as seus conhecimentos em um  
 sempre correcto e harmonioso. Os seus  
 são de uma dureza ferrea, lêem-se com dif-  
 3. A paginas IV da prefacção diz elle:—por-  
 seu estudo bem comprehendido diz elle:—por-  
 o em mais do que saber...—Ora aquelle *fundo*  
 expressão muito castiça, quando empregado  
 a accepção. Não pensa o auctor assim, visto  
 emprega noutras partes com egual coragem,  
 gnadamente a folhas XIII.

paginas XV diz elle: « A ordem material é assás  
 e nelles; » pois tambem haverá ordem ou me-  
 pequeno? Não gostamos.

paginas XVI escreveu na penultima linha: «É  
 que se devia determinar era se o que.» Valha-  
 seus com tanto que. No mesmo periodo ainda  
 res vezes se encontra o celebre que.

paginas 3 da obra lemos este periodo: « Ou-  
 exterior, e por assim dizer puramente occasio  
 que permittiu a essas tendencias o transfor-  
 se em principios de operação activa... » Porque

motivo não-escreveria o auctor *transformarem-se*? Parece-nos que leu, inadvertidamente, Soares Barbosa sobre o uso dos infinitos pessoas.

Emfim alguma vez emprega *mesmo* com a significação de até, e cae noutras inadvertencias que do bom grado apontariamos se houvesse, no plano d'este livro, logar para taes delongas.

Escreva e estude o auctor, e o uso o tornará mestre.

Aqui poríamos ponto, se nol-o consentisse a má impressão que, geralmente, fizeram as criticas severas, asperas, desabridas de Adolpho Coelho. Consta-nos que a sua indole é um tanto agreste. Mettido comsigo, folheando os seus volumes allemães, inglezes, francezes, portuguezes e hespanhoes, não cura de se tornar brando e affavel por meio de escolhida convivencia. Não negaremos que tenha razão Adolpho Coelho em censurar Leoni e Fr. Francisco de S. Luiz; mas tambem é certo que se podiam dizer as mesmas verdades em phrases cortezes e menos rudes. Emfim, estando o auctor no começo da sua vida litteraria, não admira que encontremos no seu primeiro trabalho algumas verduras e descuidos.

Algunsmeticulosos hão de, por ventura, estranhar que Adolpho Coelho tenha empregado uma technologia desusada entre nós, a qual aos menos lidos nas materias do livro ha de causar embaraços. Da nossa parte não levamos a esse ponto os nossos escrupulos. Isto de crear linguagem nova e privati-

vamente nossa para designar ideas, creadas longe de nós, é um orgulho mal cabido e inutil, sendo aliás certo que ha bastante propriedade e precisão na terminologia adoptada pelos escriptores, que serviram de fonte aos estudos de Adolpho Coelho. Em quanto ao mais não encarecendo, por evidente, a importancia do livro. É um caminho novo que se revela, inesperada e modestamente aos amadores das humanidades e boas lettras do nosso paiz. Que todos lh'o agradeçam, como nós sinceramente lh'o agradecemos.

Saudamos o joven escriptor, e anciamos a continuação da obra.

J. D. RAMALHO ORTIGÃO

---

EM PARIS

PORTO, 1868

Acabamos de ler algumas paginas do livro de Ramalho. São uns apontamentos escriptos ao correr da penna, comprehendendo algumas curiosidades.

Entre o *fim* e o ultimo periodo do livro vem a data: *Paris — Janeiro de 1868*. Quem ler meia duzia de paginas acredita, facilmente, que o livro foi com effeito escripto em Paris.

Poucos periodos se passam sem que o auctor nos mimoseie com uma ou outra locução franceza. Ás vezes até o proprio portuguez se resente da linguagem que o auctor fallaria quotidianamente em Paris.

A linguagem é desenfetada, fluente e despretençiosa. Tem, de vez em quando, uma ou outra expressão metaphysica, que vem mostrar-nos que o livro não é para todos, mas tão sómente para os que souberem o francez, e a significação d'este ou d'aquelle vocabulo, que é acceitavel, embora os que só usam do diccionario portuguez de Fonseca e Roquette

Em quanto ao mais, repetimos, tirante  
francezas intercaladas no texto, tirante  
expressão arrevesada, uns versos fran-  
nos versos accrescentarei que são nada  
nos de dezesete quadras escriptas num  
do leito da amante adormecida.  
diz que os versos não estão bons; é de  
que seja modestia.  
scriptor um folego extraordinario; tem  
atira para mais de trinta linhas. Por  
sa quiz á sorte que abrissemos d'uma  
a paginas 113. N'essa pagina começa  
«Ella entende-nos etc., etc. Pois esse  
mar sem limites, é o Sahará. O ponto  
com a magra virgula e com o ponto  
nada mais: nem sequer os dois pontos  
ao cansaço. Tambem nos não pregou ou-  
inscripta — *A Parisiense* começa elle a  
diversos nomes de cidades; descemos com

inscripta — *A Parisiense* começa elle a

inscripta — *A Parte*  
diversos nomes de cidades; de

os olhos até o fundo da pagina, e, não descobrindo paragem, interrompemos a leitura. Ficámo-nos naquellas palavras: «Sevilha e o seu luar, com os seus pandeiros e as suas seranadas.» Abrimos o livro noutra parte sem nos dar ao trabalho de decifrar se os pandeiros são do luar, ou de Sevilha, ou de Sevilha e do luar.

Um velhinho, escriptor nosso, que maneja, invejavelmente, a lingua latina e a portugueza, diz que se permittem, se bem me lembro, os hiatos nos discursos singelos e em outros casos.

Os *cacophatons* é que não sabemos quem os desculpa: comtudo nas paginas que lemos alguns se offereceram a nossos olhos. Dos *cacophatons* innocentes como *que ouve* não vale a pena fallar-se: que importa que tenhamos de ouvir *couve*<sup>1</sup>? Ahi temos um outro *cacophaton* innocente: *que acolá*<sup>2</sup>; ainda que se leia *cacólá*, não ha que lastimar. Já nos custa mais a tolerar est'outra cacaphonia: «de *que acabo* de fallar<sup>3</sup>.» São descuidos reparaveis. Emfim, não queremos ser minuciosos em demasia. A pag. 75, linhas 17, e na primeira pagina do *prologo em viagem* na setima linha, encontram-se cacaphonias que podem offender o pudor e que deveriam evitar-se.

<sup>1</sup> Pag. 151.

<sup>2</sup> Pag. 108.

<sup>3</sup> Pag. 231.



Hão de dizer os leitores do *Aristarco Portuguez* que nos esquecemos de fallar-lhes do assumpto do livro, da materia, do intrinseco, da idea, ou de outra cousa assim.

Não nos esquecemos ; mas confessaremos que não poderíamos fazer o summario do livro, ainda que tivéssemos lido todos os periodos. É d'uma variedade tão notavel de materias que, por vezes, mais nos parece um catalogo que um livro. Em quatro paginas (176-179) nos diz o auctor o nome de duzias de mulheres illustres. Por isto ajuize-se do resto. Conhece-se que não desgosta d'Arnaldo Gama, e que não sympathisa, e com razão, com Ponson du Terrail.

Em quanto a modestia vamos indo: «Consinta-se, diz o auctor, que eu desafogue numa palavra um dos maiores desvanecimentos da minha vida litteraria; é licito a quem, como eu, tão pouco tem de que se orgulhe: o meu nome não era completamente desconhecido naquella casa (de Ferdinand Denis).» Mais abaixo ajuncta: «Eu tenho-me aproximado de muitos homens celebres, tenho olhado de perto para muitas fronte aureoladas pela gloria, guardo a lembrança de muitas d'estas entrevistas:»<sup>1</sup> etc , etc. Deus queira que nunca as olvide, embora se esqueça de o dizer.

É certo que Ramalho Ortigão vai tendo um tal

<sup>1</sup> Pag. 63.

qual nome no nosso pequeno mundo litterario; escreveu, segundo nos dizem, uns folhetins criticando o *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro, escreveu a *Litteratura de hoje*; auxiliado, tambem segundo dizem, pelo sr. J. Gomes Monteiro, escreveu muito em jornaes, e saiu-se agora com um livro que se poderá ler, por vezes, sem muito enfado.

É pena que o auctor termine por se despedir da mocidade. A perda é toda nossa; não teremos mais *Em Paris*.

A moral do livro não é má, ainda que alguma vez pareça exquisita:

«As bellas qualidades, são palavras de Ramalho, produzem a admiração, os bellos defeitos inspiram a sympathia: ora eu, podendo escolher, quero mais ser querido que admirado.»<sup>2</sup>

Lá o lê, lá o entende.

---

<sup>2</sup> Pag. 217.



J. J. LOPES PRAÇA

---

## HISTORIA DA PHILOSOPHIA EM PORTUGAL

VOLUME I — COIMBRA, 1888

Destinamos este capitulo á *noticia* de um volume que não deve esquecer nos annaes da philosophia portugueza. Dizemos *noticia*, porque nem as proporções d'este livro comporta a analyse minuciosa d'uma obra como a do sr. Praça, nem as nossas forças alcançam a mais. Criticar um livro unico, em Portugal, no seu genero, inteiramente novo em suas doutrinas, e talvez novo em sua fôrma e com certeza tão abundante em theorias, quanto proveitoso em seus corolarios, importa um estudo tão demorado e tão reflectido, como aquelle que o seu auctor por ventura custasse. E porque nem todos se dedicam ás especialidades philosophicas, nem possuem os conhecimentos do sr. J. J. Lopes Praça, d'ahi veio que as analyses, que do livro lhe fizeram, sahiram a publico tão superficiaes, que desmerecem o nome de criticas. Não censuramos ninguem, porque deviamos começar por nós a censura. Poetas, por poetas sejam

philosophos, por philosophos poderão devidamente ser comprehendidos; mas é obrigação nossa citar aqui o nome de J. J. Lopes Praça. O nome douctor da Historia da *Philosophia em Portugal e suas relações com o movimento geral da Philo-* era desconhecido antes da publicação d'este livro. Não admira: o sr. Praça nunca procurou conseguir a protecção dos Mecenas. O seu orgulho queria algo de mais para pedir esmolas; se alguma pede é que lhe façam justiça inteira. Depois o sr. Praça não viu a luz da vida em thalamos d'ouro puro, e todos sabem que hoje em dia os mais nobilitados e ennobrecidos são aquelles a quem a fortuna concedeu, caprichosa, uma libré agaloadada para o seu lacaio, e um arco triumphal de flores na fachada de seu palacio. Estes sim, que foram bemdictos de Deus e do mundo, e de tal modo sahiram regenerados da pia baptismal de sua fortuna, que de todos os peccados originaes ficaram livres; até o do trabalho, que é de todos o primeiro brazão, lhe foi permutado em descanso eterno para seu glorioso regalo. Uma creança que nasceu á fóra do mundo na insignificante e desconhecida aldeia de Castedo, e deixa sua *aurea mediocras* de seus honrados paes só por amor do saber, para ir a Braga receber os primeiros premios em seus cursos de oratorios e curso theologico, e d'alli vôa á universidade a colher os primeiros louros nas faculda-

des de direito, theologia e philosophia, só com o seu velho candieiro de lata e a sua tenacissima vontade de estudar, e hoje é doutorando em direito com regosijo de seus lentes; uma criança que sem arrimo, sem dinheiro nem protecções se levanta das humildes aguas furtadas da sua vivenda até ao capitolio da sciencia; esta criança que ainda não conta vinte e cinco annos, como havia de ser conhecido entre os grandes, os grandes de pequeninas invejas? Ainda bem que esta humildade é a glorificação do seu nome, e que este nome, de que hoje vae gosando perante os apreciadores do talento, o deve á sua vontade, ao seu estudo e ao seu genio! Não conhecemos poema melhormente merecido, e se nos faz pena vel-o «algemado (palavras d'elle) pela pobreza e singularidade de seus recursos . . . materiaes» bemdigamos aquella pobreza, porque d'ella bem póde ser que nascesse a necessidade do estudo e d'este o desenvolvimento do seu talento. Tambem os padres bem-disseram do peccado de Adão pelos beneficios da vinda do Reparador.

Deixando os particulares da vida tão cortada de penas, e tão amesquinhada de recursos do sr. Lopes Praça, falemos do seu livro. Escusado é encarecer a necessidade da obra áquelles que bem sabem que não possuia a nossa litteratura, tão abundante em outros ramos, uma historia de seus philosophos, por onde podessemos calcular o movimento

da philosophia racional entre nós. Todos sabíamos que tivemos escholas regulares, que a nossa universidade não foi das ultimas estabelecidas na Europa, que tivemos sabios que assombraram as escholas estrangeiras, nomeadamente em Hespanha e em Roma, que os jesuitas em Portugal cultivaram a philosophia com proveito a par das sciencias mathematicas e theologicas; por onde calculavamos que em Portugal tivessem florescido philosophos; o nome d'elles, porém, seus progressos na sciencia, os pormenores de suas vidas e systemas, finalmente o papel definitivo que por ventura tivessem representado no meio do movimento philosophico antes e depois do descobrimento da imprensa e das luzes espalhadas pelos sabios de Constantinopla, questões eram estas que ninguem ousára resolver em publico. As nações cultas da Europa já têm a par de sua historia politica ou conjunctamente com ella a historia da sua philosophia; Portugal não tinha dado por essa falta, porque até muita gente de boas letras ignorava que em Portugal tivessem havido philosophos. Num ou noutro livro estrangeiro lá apparecia de vez em quando o nome de Francisco Sanches e de Luiz Antonio Vernei; mas tão desapercebidos passavam entre nós, que nem com essas rarrissimas citações os estrangeiros faziam vergonha aos nacionaes, que assim deixavam por mãos alheias estas riquezas, que são o orgulho e o patrimonio de na-

ções pequenas e empobrecidas. Foi necessario que Stanke viesse dizer que a *Philosophia lusitana* tinha acompanhado o movimento philosophico europeu *passibus non dequis*; mas ainda neste escriptor as homenagens são dirigidas á Hespanha, e Portugal fica escondido ou mal visto na penumbra ingloria d'algum escasso elogio. Isto não deve admirar, se attendermos ao nosso desleixo por vingar o que de direito nos pertence. Se nós andamos em nossas eschololas de litteratura a fazer obra por o que a nosso respeito escreveu Sismondi e Ferdinand Diniz! Vejam agora que longas fadigas, que penosas locubrações, que prodigios de vontade não seriam precisos ao sr. Praça para evocar de seus jazigos e reorganisar essa fileira de homens illustres que em seu livro ostenta illuminados cada um por sua aureola! Se algum dos nossos leitores já passou noites e noites em claro, com os olhos pregados sobre um manuscripto do principio da monarchia, procurando decifrar á luz do candieiro aquella paleographia arrevezada e por vezes indecifrável, se passou os melhores dias de sua vida sepultado em livrarias á procura d'um documento para encontrar uma data, o fio d'um systema, um ponto mal averiguado, se algum já passou por essa dura prova, avaliará os suores e as mortificações que ao sr. Lopes Praça custou a Historia da philosophia em Portugal. O fim do auctor escrevendo este livro foi bem servir a sua patria. «Acordar na memoria



do povo portuguez a lembrança do seu passado, é dar-lhe vida, é rejuvenecel-o.— Tal foi o pensamento que presidiu á redacção d'este livro.» Louvavel empenho de quem estima a sua terra! Das suas artes e sciencias é que Athenas tem vivido a través de tantos seculos: quem sabe se d'este pobre espolio é que teremos de viver no futuro? Bemdictos sejam os filhos que trabalham pela boa nomeada de sua mãe! O systema adoptado pelo sr. Praça foi o seguinte: dividiu todo o movimento de philosophia entre nós em tres periodos; o primeiro desde o começo da monarchia até D. João III; o segundo desde D. João III até D. João V; e o terceiro desde D. João V até o sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

Não é esta a divisão que se costuma fazer da litteratura portugueza; mas é preciso advertir que emte Portugal, onde mais ou menos se reflectiu a luz da philosophia estrangeira, aconteceu o mesmo que lá fóra.

A philosophia não acompanhou *pari passu* o desenvolvimento dos outros ramos de nossos conhecimentos; pelo contrario, quando a poesia e a theologia tinham apparecido no horisonte litterario, a philosophia ainda esperava que o seu dia amanhecesse. Demais a mais, a divisão em tres periodos justifica-se perfeitamente: «no tempo (de D. João III) reanimaram-se as letras e se fundou o collegio, que deve á philosophia se não uma face nova, ao menos uma feição caracteristica e digna de notar-se»; a univer-

sidade restabeleceu-se, os jesuitas importaram muita luz. D. João III protegeu os estudos, e todos estes factos notaveis deviam formar uma epocha d'onde começasse a decorrer um periodo, o segundo, até D. João V, em cujo reinado começa a apparecer a philosophia moderna e a decair consideravelmente a Aristotelica escolastica, que por tantos seculos havia dominado nas escholas e subjugado o imperio da razão.

A cada um d'estes tres periodos correspondem tres secções, segundo o systema do sr. Praça: na primeira dá uma noticia biographica, bibliographica e critica dos philosophos mais notaveis naquelle tracto de tempo que forma o periodo; na segunda occupa-se do movimento escholar da philosophia, comprovando, por assim dizer, com a practica do ensino a theoria doutrinal de cada philosopho; na terceira occupa-se do movimento da philosophia na Europa naquelle periodo, de que tracta.

Este systema parece-nos novo, e cremos que pôde justificar-se com restricções num compendio de doutrinas philosophicas, como estas. Effectivamente, ninguém poderia fazer ideia do estado de nossos estudos philosophicos pelo que alguns philosophos escreveram: primò, porque nem tudo se escreveu, e a prova está no pouquissimo numero de philosophos até D. João III; secundò, porque nem todas as ideias dos escriptores do tempo foram as seguidas nas escholas.

50

Portugal não pôde ser a excepção d'esta lei geral  
nos outros povos e tempos. Era, pois, necessario  
descer á eschola e ouvir da bocca do professor a  
doutrina dos collegios.

Esta seg. é uma contraprova d  
primei. am isto; o sr. Prac

Esta segunda operação é uma contraproposição da primeira. Alguem contentava-se com isto; o sr. Praça lançou ainda mão d'outro criterio e comparou os resultados philosophico na Europa. Só assim é que podia avaliar se a philosophia externa era acompanhada pela nossa, ou se esta era um reflexo d'aquella. Por ordem, e organisando um systema, até que terminou o livro com a morte de Silvestre Pinheiro Ferreira; não porque este fôsse o ultimo representante da philosophia portuguesa, mas por necessidade de seu plano. A apreciação dos contemporaneos determinou sr. Praça fazer-a em volume separado, obra que escrevendo, e publicará sob a denominação de philosophia contemporanea.

O sr. J. J. Lozano. O seu elogio está no titulo, a sua necessidade de suas doutrinas. Que difficuldades se oppozeram á elaboração só ao certo as avaliará o seu auctor dividido em mil cuidados para cumprir as obrigações escolares, ás necessidas suas e ás investigações philosophicas.

A timha um nome illustre que o guiasse, um fio

de Ariadna que o dirigisse, um luzeiro que o anorteasse.» Edificou em o vacuo esse monumento que ahi depositou no altar da patria. Se não sahio acabado, não temos outro melhor; se tem defeitos, seu auctor os virá corrigir em posteriores edições, porque o sr. Praça não é homem que durma á sombra do loureiral. Uma boa parte dos nossos escriptores coetaneos são como os Homéridas: cantam ou escrevem para conquistar um pedaço de pão; quero dizer, a litteratura para elles não é um sacerdocio, senão uma profissão; é um meio, que não um fim. Triste de quem as circumstancias obrigam a tanto. Acreditado por esta fatalidade é que o livro do sr. Praça sahio mais cedo do que devia. Não nos arreceiamos de o dizer; porque, se este livro fosse melhormente revisto, uma boa parte dos defeitos desapparceriam á luz do mirifico talento de seu auctor.

O livro tem defeitos e muitos; apontarei alguns. O estylo não me parece igual; umas vezes diffuso, outras excessivamente laconico. Bem sei que este predicado não é gravissimo senão em obra mais scientifica do que artistica; mas desejáramos ver a lucidez didactica a par da elegancia artistica num livro tão doutrinal como este. Porque o livro não foi feito numa hora sob o influxo da mesma inspiração; pelo contrario, foi elaborado ás furtadelas em momentos escassos roubados a outras obrigações; e, deixem-nos repetir, sob a pressão fatal da necessidade; d'ahi

veio que as ideas apparecem por vezes pouco ordenadas e mal expressas. É uma especie de estylo de Algebra antiga; enuncia-se a proposição, segue-se o corollario, mas omitta-se a demonstração correlativa. O sr. Praça fala discutindo, e conversa argumentando; d'aqui um continuo marulhar de raciocinios, que nem sempre caminham ligados. Parece que se absorve na reflexão, e julga que os seus leitores vêem a sua idéa tão claramente como em sua intuição a descobriu. Alguem lhe elogiou este modo de escrever. Por nós não podemos approval-o: a clareza importa o perfeito conhecimento das ideas. Bem sei que a nomenclatura da Philosophia tem seus fóros, que o sr. Praça fugiu quanto pôde do *abstruso* de Kant e Fichte, mas omittiu por vezes o que a intelligencia de qualquer leitor não poderá supprir; nem se diga com o poeta hespanhol: *elles que subam que eu não desço*; o publico ledor tem direito a exigir clareza:

Outro reparo nos manda recolher o thuribulo. O sr. Praça não venceu a difficuldade de escrever a historia da philosophia patria sem invadir os dominios da alheia. As historias singulares de philosophia que temos á vista só se referem de passagem e d'um modo muito secundario ao movimento philosophico das outras nações. Quando o fazem é por necessidade. A obra do sr. Praça não seguiu estes modelos, e de tal modo se demorou no que

devia ser accessorio, que antes é um compendio da philosophia da Europa, do que privativamente de Portugal; haja vista a extensão das tres secções, em que elle compara o nosso estado philosophico com o da Europa. Este defeito bem sabemos que é attenuado pela escassez de materiaes nossos, e que os progressos que Portugal fez neste ramo não podiam ser estudados sem o confronto com as idéas dominantes nas escholas externas, mas este processo é de gabinete e não do publico; o resultado d'elles tão sómente devia apparecer num livro de Philosophia patria. O movimento philosophico europeu tinhamol-o em Victor Cousin, estava este trabalho feito; o que não tínhamos escripto era o papel que nesse movimento representavamos. O mais não é nosso. O defeito pois é ter o sr. Praça dado mais do que devia. O estafado *quod abundat non nocet* não tem logar em uma obra que se préza de systematica. É um senão egual ao da *Historia da poesia popular portugueza* de Theophilo Braga. Aqui falla-se mais da poesia hespanhola do que da nacional; ali fala-se mais das escholas estrangeiras do que das nossas.

Notámos tambem que nem todos os philosophos enfileirados no livro são dignos d'este nome. D. Duarte, por exemplo, não sabemos que descobertas fizesse na sciencia para a reputação de que goza. A nomeada de seu talento deve-se mais ao fulgor da

coroa que cingiu, do que ao merecimento do *Leal Conselheiro*. Não devemos nós amesquinhar nossas glórias, que não são ellas tantas, mas respeitemos a rudeza de verdades e as estrictas contas que temos de dar á historia. Quem sabe se d'aqui a pouco não virá um outro A. Herculano, frio, sisudo e imparcial, e com os olhos tapados para o fanatismo patriotico e só abertos para a verdade historica, e com a esponja da critica não apagará muitos d'esses nomes glorificados pelo sr. Praça? Emfim, bom foi propor a questão. A gloria do primeiro lidador neste campo ninguem a poderá tirar ao sr. Lopes Praça. Os defeitos que apontei não tiram o incontestavel merecimento ao livro; porque dos livros d'este anno outro de maior valia não conheço. Registramol-o como um facto notavel na litteratura portugueza. Oxalá que a patria saiba reconhecer um dia os serviços de tão prestante escriptor.

---

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

---

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA  
CONTEMPORANEA

COIMBRA, 1868

Em Coimbra nunca houve uma litteratura, que não fosse a dominante em Portugal, nem estes reinos são tão dilatados, que o mesmo sol litterario os não cobrisse ao mesmo tempo de sua luz; é, porem, certo que d'esta cidade em melhores dias correram pelo mundo tradições de boas letras, quando a universidade ainda não havia principiado seu somno de morte. Pelas universidades estrangeiras andavam os apóstolos de nossas glorias recebendo os justissimos louros de seu merecimento e fazendo inveja, por não dizer vergonha, ás terras, d'onde primeiro nos tinham vindo os mestres; hoje resonam os cathedra-ticos sobre as cadeiras escolares em quanto o estudante percorre as folhas d'um romance, ou faz acrosticos á servente. Nesta paz podre se vão essas almas deixando escorregar para um desconhecido Josaphat, d'onde não haverá resurreição. Algumas



cepções, bem que pouquissimas, poderíamos citar, e nos não quizessemos forrar ao desgosto e deshonra nacional de desenrolar o lastimoso rol dos condemnados. Alguns lentes conhecemos de muita habilidade, outros de muita sciencia, outros de muita vontade: que importa? As limitadas forças de uns e a indolencia do maior numero não pôde responder ao grito de Garrett, que em seu tempo lhes brava «que acordassem e dissessem á nação porque estavam sentados em suas cadeiras de mestres?» Um ou outro livro escolar por ali se vai cerzindo de estrangeirices multiformes, de elementos divorciados de farrapos apanhados a esmo nos armazens francezes, e o maltrapido vende-se por mercadoria original, e apesar do bundismo da lingua consegue naturalisar-se; e não morre moiro, porque seu auctor é tambem padrinho de seus interesses. Com estes exemplos dos mestres, aonde, a que astros se altearão os discipulos? Descuidados nos andámos por aquella formosa, quanto infeliz Coimbra, esparecendo os olhos pelos verdes cinzeiras do Mondego, encabeçando lóas em soláos, decorando algum soneto de Bocage ou de Camões.

E que ha de fazer um rapaz, quando os seus annos são uma continua primavera de flores e frutos, esquecido do seu passado e descuidado pelo futuro? O entusiasmo febril dos vinte annos por alli nos fica abafado sob o tecto carcomido

d'alguma cella que habitamos, ou exaggerado nalguma estrophe de amor, escripto nas folhas do jornal litterario, ou no album do amigo. Depois os felizes que têm um lar domestico, onde vão pendurar, até que se enchugue, o lenço molhado pelas lagrimas da saudade, com que triste melancolia não atira os olhos por esses longinquos horisontes onde lhe ficam por ventura seus melhores dias, se não os applausos de seus entusiastas admiradores? Admiradores, sim, porque muitos alli ganham reputação e nome para sua vida, quando para alem da morte se não estenda. Admirados foram os redactores do antigo e novo *Tronador*; e se d'esses pouco vingara para a posteridade, é porque abusaram ou não entenderam os excellentes modelos que o seculo offerecia.

Byron em Inglaterra, Lamartine e Victor Hugo em França, Goëthe em Allemanha, Espronceda em Hespanha e Garrett em Portugal começaram de ser estudados em Coimbra, mas infelizmente por jovens que tinham de roubar ás obrigações escolares o tempo que a litteratura exigia. D'onde proveiu um estudo tão superficial, que podemos dizer — os bons modelos mataram os imitadores. Depois veio nova camada de estudiosos, que á semilhança dos primeiros cantou e desapareceu; e assim continuou a litteratura de Coimbra, que pode dizer-se de cavalleiros andantes, que ao fim da canção sobraçam a harpa

astello hospedeiro não voltam. O academico, é como a andorinha que alli vem gorgear, e bo regressa á patria sem oportunidade para r memoria larga.

ambem quem ha de esperar que no rapaz se an- e o homem? Por isso nestes ultimos annos com ma razão houve censuras feitas á mocidade pelo zo em que deixaram as boas letras, sem que a obra de vulto fizesse calar os exigentes. Veiu nno de 1868, e os estudos litterarios tomaram ra direcção, e melhorada foi ella. No principio do no começava de ler-se o *Cancioneiro geral portu-* ez de Theophilo Braga, obra incompleta, mas de erecimento, porque abria o caminho para aquellè mo de estudos; depois veio Ayres de Campos com a suas escavações no cartorio da camara, obra his- rica de não menos merecimento do que trabalho; aguiu-se J. J. Lopes Praça com a sua *Historia da* philo sophia em Portugal, obra unica entre nós no genero, e a de maior alcance pela necessidade d'ella tinhamos; não tardou muito que Adol- Coelho não começasse os seus estudos sobre a lingua portugueza, elevando-os á altura da linguis- tica e philologia como se estuda em Inglaterra e Al- manha; e agora vem o sr. Martins de Carvalho com seus *Apontamentos para a historia contemporanea*, obra que tem merecido a attenção do publico pela ovidade de noticias que dá, e principalmente pela

historia da imprensa em Coimbra, que forma a segunda parte do livro. Ácerca d'este faremos algumas reflexões, que por agora nos occorrem.

Os que compram a fogaça pelo enfeite que traz, e os que avaliam um livro pelo peso e nitidez da impressão, hão de por certo acudir ao grito do fogaceiro que pregoar o livro de Martins de Carvalho, porque os *Apontamentos* têm 420 paginas, o papel é bom e a edição nitida. Os que procuram doutrina, e noite e dia trazem os braços arregaçados para o trabalho, e porisso sabem avaliar pelo proprio o suor alheio, estes mais de prompto acudirão, porque o livro tem merecimento e custou trabalho.

Pelo que de nossos chronistas nos ficou, sabemos muito do que fomos, e se ainda não lográmos a ventura de possuir completa uma historia de Portugal severa, sisuda, imparcial e philosophica, qual entrou na mente de Herculano, possuímos por essas estantes bolorentas variados elementos para a sua formação, e agora á luz da critica que tão luminosa vem araiando em outros paizes, agora que a mão fria das edades passou por cima dos obeliscos, mais facil é encaral-os imparcialmente, e determinar-lhes a grandeza.

A luz dos séculos cresta as flores, que a mão piedosa plantou na sepultura dos maiores, e deixa ver a ossada nua. Á luz da critica desapareceu o ma-

ravilhoso formado pelo enthusiasmo do povo. Do seculo presente é que não é facil ajuizar. Vamos no terceiro quartel, e não podemos prever como chegará o seu termo. Dos annos decorridos quem pode imparcialmente falar? o nosso passado está de tal forma ligado com o presente, que em falando d'aquelle corre-se perigo de desagradar a muitos.

Dos heroes de nossas lutas politicas, uns ainda vivem; outros receamos que estremeçam na campa. Os partidos que hão de figurar em quadro separado neste seculo ainda não pozeram ponto final á historia. Serviço grande é na verdade o d'aquelles que, vendo a impossibilidade de fazer a historia d'um seculo que vai pouco mais de meio, occupa seus vagares em assentar em seu caderno factos e datas para a grande obra de cada povo.

A historia dos feitos d'um povo. — Aqui está o merecimento de Martins de Carvalho. Num estylo fluente e verdadeiramente didactico descreve algumas scenas da invasão franceza em 1807, 1809 e 1810; discorre pelas sociedades secretas em Coimbra; e mais se demora na descripção das lutas de D. Pedro e seu irmão, para que se veja o quanto a liberdade nos custou. É admiravel como o sr. Martins pôde colher tantos esclarecimentos ácerca de sociedades, que, pelo facto de serem secretas, deviam de acautelar-se dos profanos, e resguardar seus institutos. Gostámos de

ver o modo como o sr. Martins ia buscar a razão de alguns acontecimentos á influencia das lojas; o que certamente lhe seria assás trabalhoso.

Depois de falar mui de espaço na sociedade secreta de S. Miguel da Ala, de que era grão-mestre D. Miguel de Bragança, e d'algumas outras de menos importancia, passa á 2.<sup>a</sup> parte do seu livro, á Historia da Imprensa em Coimbra. Aqui fez o auctor grande serviço, e por pouco que se tenha estudado esta materia, para logo se vê o enorme trabalho que temos á vista. Bem sabemos que A. R. dos Sanctos fez muito sobre esta materia, mas muito mais estava por fazer. É necessaria uma paciencia de frade para percorrer as livrarias da universidade, particulares de Coimbra, e varios depositos de livros das ordens extinctas em procura d'uma obra illustrativa. O que o sr. Martins nos dá em volume já o haviamos lido em folhetins do *Conimbricense*, e então tivemos occasião de observar o processo que seguiu para chegar a demonstrar as proposições que avança.

Alli vimos citados muitos livros desconhecidos, que o sr. Martins trouxe a publico por que se visse o movimento litterario que havia em cada typographia. Por isso acreditamos na exactidão das datas e cremos bastante perfeito este trabalho. Quem mesmo tiver intento de verificar a exactidão das epochas do movimento typographico em Coimbra, pode ir consul-

tar os testemunhos que em comprida lista  
 posto no *Coimbricense*, jornal de que  
 tins de ha muitos annos é redactor e admi-  
 nistrador. Os officinas de Coimbra lhe foram impressas  
 pelas suas trezantadas, outros porque o tempo  
 guiu; e até hoje ninguem fez mais.  
 No tomo VIII das Memorias da litteratura  
 tuguiza, uma sobre as origens da typographia  
 memorias de Portugal no seculo XV, outra sobre a histo-  
 ria da mesma no seculo XVI; mas uma memoria não  
 tractado, nem o distincto escriptor se propo-  
 dar todos os seus esforços no desenvolvimento  
 assumpto; nem os seus trabalhos academicos  
 cadicos lh'o permittiam. Porisso nos desgostamos  
 pressões grosseiras de que o sr. Martins usou  
 com o auctor de tantas obras uteis, que sempre  
 o caminho para a historia typographica, lhe a-  
 sempre foi respeitado pelos seus collegas, cujo  
 mia e soube conquistar um nome superior ao  
 maior parte dos academicos de seu tempo.  
 Por muitas e muitas vezes errou o sr. Martins  
 juizo que ia formando do seu trabalho á proporção  
 que lhe ia lançando as bases nos folhetins do seu  
 jornal.—Se a *incontestavel competencia* de Antonio  
 Ribeiro é confessada pelo sr. Martins, como vai cha-

malo carece de critica e juizo? Podia  
 que estudou menos esta materia e por isso errou  
 mas insultou-lhe a memoria por tantos titulos ho-  
 rada e veneranda. Se A. Ribeiro tivesse sido  
 do escriptor de si mesmo os documentos, que o propo-  
 sr. Martins não seria o redactor do *Conimbricense* que lhe  
 raria á sepultura o titulo de homem sem critica  
 sem juizo.  
 O escriptor de juizo não deseja elevar-se, me-  
 cabando o escriptor de juizo não deseja elevar-se, me-  
 tins não com os de maior vulto. Depois o sr.  
 culares de Coimbra que as livrarias publicas e  
 simplesmente para separar o util, que busca-  
 passo, melhores fructos, que ia encontrando  
 Artigos de mera curiosidade, outros sem mere-  
 mento artistico de outros de maior vulto. Não sabemos  
 por exemplo, para que sirvam os cap. XI, XII, XIII  
 em que largamente se occupa da sorte dos infelizes es-  
 tudantes que da sociedade dos divodignos sahiram  
 a esperar a commissão que ia felicitar D. Migue-  
 O cap. XIII, com especialidade, é inutil; não sab-  
 mos que interesse tenha a copia d'uma sentença  
 condemnou á morte um desgraçado estudante.



pois, algumas lojas maçônicas foram de tão curta duração e de tão imperceptível influencia na politica do estado, por ex. a Liga academica, Raio, e Liberdade, que não sabemos que merecimento possuam para a historia do seculo XIX. Até na parte intitulada *A imprensa em Coimbra* apparecem narrações inteiramente alheias á materia: haja vista o capitulo que se inscreve — Imprensa da Academia liturgica.

Este artigo consta de 17 paginas, e quando esperavamos uma grande dissertação sobre esta imprensa, uma das mais importantes de Coimbra, apparecem apenas tres pequenissimos trechos sobre o assumpto e uma circunstanciada resenha dos muitos trabalhos e perseguições que no reinado de D. José soffreu o bispo de Coimbra — D. Miguel da Anunciação.

Para em tudo se desviar do seu proposito e materia essencial para os accessorios, começa pelo anno do nascimento, naturalidade e filiação do insigne bispo, e só d'elle se despede depois de sua morte, e seu enterramento em Sancta Cruz de Coimbra. Esta falta de critica revela-se tambem no artigo ácerca da imprensa do *Observador*, em que seu auctor se occupa de varias cousas, como incriminações ao batalhão de caçadores n.º 7, representações contra elles, episodios de nenhuma valia, e outras bagatellas que alli vêm deslocadas.

No artigo da imprensa do *Conimbricense* e em

muitos outros ha o mesmo defeito, que não desejamos encontrar no livro do sr. Martins. Sabemos o muito que todos esses apontamentos lhe custaram, mas podemos assegurar-lhe que em muitas partes a obra não dá em merecimento para o trabalho, que teve.

Com mais alguma critica e juizo, e com um pouco de genio para crear um systema, o livro seria mais util e melhormente ficaria am coroadas as longas fadigas de seu auctor. Não negamos inmerecimento ao livro: pelo contrario temol-o por um dos melhores almanaks historicos, que ultimamente se publicaram.

O que recommendamos a J. Martins de Carvalho é que em seus trabalhos posteriores não aproveite tudo o que for encontrando nos raros livros que consulta, mas só aquillo, d'onde todos nós possamos haver proveito. Outros reparos poderíamos fazer, mas outro virá que de mais tempo possa dispor.

Por ultimo, Perguntamos a razão do titulo, que nos não parece applicavel senão á primeira parte do livro, que expõe alguns factos, desde 1807 até nossos dias, e não á historia da typographia, que vem do anno 1531, epocha notavel na historia da renascença, mas que ninguem poderia introncar na historia contemporanea.

---



J. SIMÕES DIAS

---

COROA DE AMORES

COIMBRA, 1868

Este livro começa assim :

« Perto do rio Mondego, e não longe da *Lapa dos Poetas*, nome que se deu á *Lapa dos Esteios*, em virtude de umas merendolas que ahí soham fazer os versejadores dos bons tempos do Castilho, etc. »

Aquelles *bons tempos do Castilho* são como que uma nenia psalmeada á beira do sepulchro da escola, de que é principal mantenedor o poeta da *Primavera*.

Não somos gregos nem troianos, e, pelo conseguinte, não faremos a apologia da invectiva, nem defenderemos Antonio de Castilho. Este é um dos poucos homens de letras, a quem se devem bons desejos, e talvez obras, em serviço do paiz; Simões Dias é um dos poucos moços letrados, para quem a independencia, na phrase de Musset, é o deus de hoje, e que lança os olhos muito longe, por se não restringir á *domesticidade litteraria*, de que fala um

68

grande critico. Mas quem, dominado pela esperança do futuro, entrou de feito nas luctas da intelligencia, deve de esforçar-se sem repouso por lançar a barra até aonde lhe alcancem os olhos, sem se rir d'aquelles que se traçaram mais estreita arena. Isto não tem visos de conselho a Simões Dias: é dizer o que faziamos, se poderdessemos acompanhar os arrojos da sua esperança, e, sobretudo, se possuíssemos o seu grande talento.

talento.  
Cortemos  
galeria, em  
encobrem o  
aquellas efflorescencias. É o retrato do auctor, do poeta  
do Mundo Interior. São amores, tristes todos, e to-  
dos vestindo galas, como a alma do poeta que no  
silencio da noite segrêda maguas ao seu travesseiro,  
e de dia franze um sorriso falso para desviar o es-  
carneo de quem passa. Na *Pedra Philosophal*, um  
dos romances do livro, e por ventura o mais bem  
scripto, diz-nos o auctor que o romance alludido  
se segue o caminho dos romances que por ahi se  
has a cada hora, e gostámos de ler estas primeiras  
e de um capitulo:  
isto que vou escrevendo fosse um romance  
propriamente tal, phantasiado a capricho, com pre-  
zo da verdade historica, sem visos de bom senso,  
sómente talhado pelos moldes defeituosos de  
absurdo agradável ás massas, mas reprovado pelos

homens que andam com as mãos nestas coisas da sociedade moderna, a esta hora teria eu assassinado o meu heroe, etc.»

De todos os romances, porem, o que nos parece mais singelo e mais verdadeiro é o *Vaso de crystal*. Rosalia é o typo da infamia, Tristão o typo da desgraça. Quantos Tristões, desvanecidos pelo amor-proprio, ou cegos por amor d'outrem, não vêem atrás da porta o perverso que lhes infama o thalamo, nem sob as flores de um sorriso mentido divisam a serpe da traição e da perfidia! Depois, quantas Rosalias se não têm visto resvalar do thalamo prostituido para a immundicie do alcoice! O epilogo de tantas misérias são sempre as lagrimas.

De correcção de phrase nada diremos, porque nada temos a notar, a não ser, uma vez por outra, um descuido como este: *o quer que seja* em vez de *o que quer que seja*.

Não terminaremos esta noticia da *Coroa de Amores*, sem nos referirmos a uma apreciação que d'este livro fez um auctorizado critico de Lisboa. Censurou elle as prosas de Simões Dias; e, querendo mostrar que o estilo d'este escriptor se parecia com o estilo arrevezado e gongorico de Soropita, extráe da *Coroa de Amores* o trecho seguinte:

«Depois, as nuvens parecem-me vizões de magica tripudiando em scena. Como as phalanges celestes no poema de Milton, passam e repassam naquello

pequenino theatro azul, como feiticeiras, celebrando o sabbado em charneca deserta. Para complemento do quadro, falta a figura pallida e desgrenhada da lua. Se eu fosse poeta, atirava lá para cima com uma pequena esphera de sabão, e chamava-lhe depois lua, bola ou perola, rolando-se em concha de esmeraldas; mas como a verdade para mim vale mais que um Platão, embora feito de diamante, aqui me atrelo, e corto por divagações; velejar, só com a monção de verdade.»

Horas depois de admirarmos a justeza do reparo, liamos estas linhas num romance de que é auctor o critico alludido :

«Franqueara estas columnas de Hercules da vida das senhoras, passara do brando e azul Mediterraneo das solteiras para o verde e tempestuoso oceano do matrimonio, e confesso que não sentia o minimo fremito agitar as brancas velas do baixel do meu destino.»

Não pedimos aos leitores que se riam d'este pequenino fragmento d'um livro que não vale metade da *Coroa de Amores*; só lhes revelamos que é extractado da pagina 23 da *Flor Secca*, romance de Pinheiro Chagas, e perguntamos — em qual dos extractos se reflecte mais ridiculamente o estylo de Fernão Rodrigues Lobo Soropita.

O despeito do alludido critico, de si se entende: a *Coroa de Amores* revelava um character franco e

independente, em opposição diametral com o servilismo litterario que tantas victimas tem feito, não exceptuando Pinheiro Chagas; logo, não era muito que o auctor da *Flor Secca* brandisse o látigo da intolerancia contra quem lhe é muito superior em clareza de espirito e em riqueza de imaginação.

Pinheiro Chagas, como critico, não roça nunca pela severidade, senão quando avista algum scismatico de frente erguida contra algum dos seus dogmas litterarios... E é pena.— Pinheiro Chagas é um bello talento; e com mais sentimento de independencia, e com menos pretensões a critico, bem mereceria da patria, e possuiria legitimamente os creditos de escriptor notavel e consciencioso.

Julgámos necessarias estas explanações, para que não esqueça o nosso velho annexim:— *Nem tudo o que luz é oiro.*

Agora, vamos traçar a ultima observação que fazemos sobre o livro de Simões Dias.

Para a erudição que Simões Dias realmente possui, mas que alardeia em demasia na *Coroa de Amores*, não nos parece lá muito asado este logar, porque é difficil embelecar-nos em as louçainhas de que se arreia a singeleza dos seus romances. Os cedros do Libano e os pinheiros da Noruega não ficam bem entre *lirios e amores*. Estreme-os quem poder, e admire aquelles respirando o perfume d'estes.

---





JULIO DINIZ

---

AS PUPILLAS DO SR. REITOR

Chronica d'aldea

PORTO, 1868

Que prestimo possam ter hoje em dia os romances, de que factos deriva sua origem, que transformações lhe advieram do correr dos annos e das revoluções litterarias — questões são estas que nem a estreiteza d'este capitulo comporta, nem a solução é facil. Deixemos questionar Huet e Girolodi sobre a origem do romance, olvidemos o que a respeito do *Amadis* phantasia Baret, e consideremos como pró-dromo do romance entre nós o celebre Vasco de Lobeira. D'este e não de mais longe nos vem o romance, o nosso tão saboroso romance, que por tantos annos andou sumido com o drama sob as pastas aladas do classico Pégaso.

Umaz vezes a frauta campesina dos bucolicos, outras a tuba sonerosa dos epicos, muitas a lyra dos trovistas e menestreis, e algumas a cachinada zom-

beteira dos satyricos, de tal modo afugentaram o timido romance, que o pobre por ahi andou envergonhado de si e mais ainda do vestido estrangeirado que os phariseus lhe pozeram aos hombros; porque o triste senhor da cana verde não passava da traducção ignobil do italiano ou do francez.

Depois as circumstancias politicas tambem o não ajudavam. Este povo, tão respeitado como poderoso até D. João III, viu-se um dia na balança da Europa sem peso para fazer equilibrio ás potencias orgulhosas, que noutro tempo lhe obedeceram, desacreditado até por seus naturaes, por vezes vendido infamemente; e no meio de tantas alternativas da fortuna que havia de fazer, senão chorar, ou, o que é o mesmo, cantar para distrahir-se? Assim é que no seculo de seiscentos surgem as grandes epopéas nacionaes que ficaram eternamente gravadas na pedra das construcções manuelinas, nos cantos immortaes da poesia epica, bem como na massa substanciosa e sempre gigante da nossa historia.

O que havia de fazer um povo cioso de suas glorias, ufano de seus triumphos, com as chaves do oriente na mão, e os reis da Europa ante si curvados de respeito? O romance, que é a reflexão pacifica, a discussão amena do espirito sobre as tendencias, condição e segredos particulares d'uma epocha, não podia crescer e vigorar á sombra dos arcos triumphaes, no meio do fremito bellicoso d'esta al-

vorada, que breve se fez tarde e noite alli pelo anno infausto de 1580! A razão era impropria para a analyse d'esta febre gloriosa de nossa historia. Sobre os tambores escrevem-se apothéoses; á frente dos exercitos inflamma-se o genio dos Tyrteus; as melancholias da lyra, o sarcastico do romance, e a fiel imitação da vida particular do povo, não a procureis em dias d'estes.

Ao depois, quando a opulencia se transformou em penuria, o riso em tristeza, e em lagrimas as preteritas alegrias, então sim: o alaúde geme, a reflexão acode, e o romance retrata. Assim deveria acontecer ao romance — vigorar e seguir seu caminho a par de todos os ramos da litteratura, se esta não fosse toda jesuitica, e se o fanatismo estúpido pelos poetas gregos não tolhesse os vãos a muitos dos nossos Arcades, em quem reconhecemos talento, embora as suas obras venham gafadas do gosto miasmento da epocha.

O caso é que o nosso romance de costumes tem creado raizes em Portugal; e faz pena ver homens de talento gastarem seu tempo em traduzir Dumas e Sue, quando sem estes trabalhos, que nenhum bem nos fazem, podíamos crear mais gosto pelo que é nosso; que já não temos pouco por onde ler e estudar.

Acudiram-nos estas reflexões, quando a nós mesmos perguntavamos o para que se fazem hoje romances, quando a nossa litteratura exerceu e se

em elles? Verdade -seja, que as compe-  
 aticas, que não são mais que o romance  
 ” em parte as substituíram, e muitos sob  
 novellas andam disseminados pelas nossas

B-  
 caturas têm seus progressos, como as epo-  
 mem; e aquillo que uma qualquer epocha  
 , em outros é elemento necessario. O ro-  
 uma fôrma, indispensavel em nossos dias,  
 , actos da nossa sociedade não cabem na  
 ade do drama e muito menos na circum-  
 do poema. O romance é tão necessario na  
 a d'este seculo, como os poemas de caval-  
 idade media, a architectura no Egypto e a  
 na Grecia.

cada ideal sua fôrma. O romance é a fôrma  
 , mais vasta e por isso o mais prestadio do  
 mpo. As questões sociaes, metaphysicas e lit-  
 aqui foram desenvolvidas por Victor Hugo,  
 Goëthe e tantos outros. Se os elogios do ro-  
 houvessem de ser cortados pelo numero dos  
 s, que o cultivaram, nenhum genero ficaria  
 onrado.

rte de fazer romances (diz um escriptor do  
 io d'este seculo) foi cultivada por philosophos,  
 Apuleu e Athenagoras; por pretores romanos,  
 Sisenna; por consules, como Petronio; por  
 atos ao imperio, como Claudio Albino; por

padres, como Theodoro Prodhomo; por bispos, como Heliodoro e Achilles Tacio; por papas, como Pio II; e por sanctos, como S. João Damasceno.

Dizem que o romance não moralisa, nem desmoralisa. É verdade que Bocage não corrompeu a sociedade de Lisboa com as suas eroticas e Werner seus companheiros com suas loucuras, e as comedias lascivas de Gil Vicente eram representadas nos paços de D. Manuel, e o cantico dos canticos se lê no canon dos livros sanctos; é verdade tudo isto, mas não o é menos que os romances de Voltaire disseminaram pela Europa o polen da impiedade religiosa; Werter arrastou muitos corações apaixonados ao abysmo do suicidio, e Byron apostolison e fez medrar por toda a parte a descrença e o cynismo.

Fallamos em geral do romance em prosa, ou em verso. Negar ao romance a sua influencia directa sobre a humanidade, é descrever da força omnipotente da litteratura. Queremos ainda admittir que a litteratura não faz epocha, mas nasce d'ella; seja. O que seria feito do christianismo sem os seus apostolos, e das theogonias gregas sem os seus sacerdotes, e das litteraturas orientaes sem os seus monumentos? Neste discorrer nos deixariamos levar até longe, se deante não tiveramos um livro, a que destinamos este capitulo, e sobre o qual é necessario dizer alguma coisa, já pelo seu merecimento intrinseco, já

logrou merecer as attenções do publico por-

lamos das *Pupillas* do sr. Reitor, que na 1.<sup>a</sup> e  
vêm assignadas por Julio Diniz, pseudo-  
Gomes Coelho. Foi esta obra victoriada, como  
d'este anno. D'ella se fez 2.<sup>a</sup> edição em  
mezes, e d'ella extrahiram para o theatro as  
laudidas *Pupillas*, de que os jornaes da ca-  
to se occuparam.  
factos são importantes em Portugal, onde  
de leitores é diminutissimo. A critica tem  
de registral-os; porque exprime o juizo de  
practica. O livro do sr. Gomes Coelho não.  
de solemnidade nenhuma, para seu cabal  
Dissera que esta obra varrerá o mercado.  
signal de reconhecimento para tão boa acceita-  
voltou o novel escriptor a publico com outras  
tas — *Uma Familia ingleza* e a *Morgadinha dos*  
vies — obra de algum engenho, mas que outras  
ente não mereceu do publico o enthusiasmo, com  
accudiu a applaudir as *Pupillas*. Para que isto  
n succedesse, não era preciso que o publico reco-  
nesse menor merecimento na *Familia de inglezes*.  
variantes da nossa critica incerta e pouco judiciosa.  
astámos por uma vez todo o incenso da naveta;  
mado elle, resta apenas o fumo negro e mal chei-  
do carvão.

O nosso publico, prodigo em sorrisos, facilmente se arrepende da generosidade, carrega o sobrecoelho e insulta desbocadamente. Como as creanças, atira aos pés e calca de bom humor, lhe fôra enlevo dos olhos. Aconteceu isto com o sr. A. F. de Castilho, a quem o publico tanto elevou em seus encomios, quanto pouco pretendeu deprimir em suas objurgatorias.

Aconteceu isto ao sr. Thomaz Ribeiro, de nenhum homem de juizo caminhar já em 3.<sup>a</sup> edição com que os louvaminheiros o saudaram no primeiro pio. Quem vê nos *Sons* que passam a realisação tantas esperanças, que o auctor de D. Jayme jogral com os rapazes, Thomaz Ribeiro, como já tudar, ha de passar na turba *vatum*. Um outro os versejadores da *Fénix renascida*. A *Visão* de se deu com o sr. Theophilo Braga, homem que foi metade do que elle se pregou. *A Visão* dos pos proporcionou-lhe facil accessos nos reconditos netraes da privança pontifical dos mestres. Quando entrou em Lisboa, enramalhado os ros adquiridos, vieram todos estender-lhe os fraternos ao som das entoações classicas *renit sacerdos magnus secundum ordinem*. Aquí sabiam já os arautos que ordem era, se a de



sedech, a de Hegel, se a de Cagliostro... O caso que os triumphos, se em Portugal os ha, couben-lhe d'aquella vez.

Chamaram-no a elle, o adolescente, o timoneiro, iador das tradições gloriosas interrompidas por rte de Garrett. Disseram-se destemperos da mais npacta stulticia, para d'ahi a dias matarem de iculo o talento, o genio, o Christo, que em sua rusalem haviam recebido com desusada pompa. ogios inconscientes são pedradas que se atiram ás es do elogiado, e taes como as pedras caem na na, d'onde sahiram.

O que dentro de si tiver alguma força intelleal, e no latejar da fronte presentir os estos innmados da Sibylla, cale-se comsigo, estude e esva, mas cautela! que não venham os thuriferas surprehendel-o em flagrante. Veja, que os malos querem coraal-o de loiros, para no dia seinte lh'os arrancarem da frente, e em praça puca lh'os substituirem por cebolas! Cuidado, sr. mes Coelho; os seus mais impertinentes adversass d'ámanhã serão os que hoje lhe foram adeante prestito, agitando os incensorios. Nesse crime, essa perfidia não queremos nós tomar parte. Palaios da verdade, por ella seremos hoje e ámanhã, ui e em toda a parte.

O seu livro faz-nos honra, e é digno do tempo em e vivemos. Não traz o character da novidade, nem

na fôrma nem na idea. Romances meraes, como o seu, temós alguns; amenidade de estylo, correcção de phrases, simplicidade no dizer, louçanias só proprias da riqueza popular da nossa lingua, temos melhor nas *Viagens* do nosso Garrett. A raridade, porém, de livros como as *Pupillas*, que ao são e puro da doutrina reúnem a boa moldura da fôrma, faz-lhe dar um character que parece novo. Sim, nós que andamos acostumados ás lascivias de Paulo de Kock, ás anatomias balzaquianas dos romances de Camillo feitas sobre o coração humano, nós que trazemos o paladar derramado pelas pessimas traducções de Xavier de Montepin e Ponson du Terrail, como não havíamos de gostar muito d'este idyllio suavissimo, que entre as flores campestres da poesia popular se levanta em strophes d'amor, como um cantico de religião? Faz bem ás almas eivadas do scepticismo da nossa epocha escutar as palavras de Margarida, que nos pareceram um hymno de caridade.

Neste livro, cada pagina é serena e suave, como um céu todo estrellado por noites de verão. Entrar aqui é como que abysmar-se a gente no interior d'um templo perfumado pelos aromas do incenso e do rosmaninho e das violetas do altar. Respira-se uma atmosphera de poesia mystica tão preñhe de unção religiosa e de sanctidade, que nem a gente sabe porque está alli tão bem! Aquelle typo do rei-

tor a apparecer por aquella variedade de quadros, todos da natureza, dá-nos uns longes de S. Francisco Xavier; é o apostolo d'aquella pequena freguezia.

Aqui não ha Magdalenas redemidas por lagrimas, nem Lucrecias corrompidas a punhal, nem Marions Delormes aspirando ao segredo da belleza eterna. Aqui tudo é a alegria dos sanctos, e até o typo odioso das madrastas se sanctifica pelo arrependimento.

«Deus alumiou-me o espirito, diz a mãe de Clarita voltada para Margarida, só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdoa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim.» Daniel, de quem o sr. Gomes Coelho podia, a gosto da epocha, fazer o typo do eterno seductor hespanhol, nos apparece um rapaz franco, sincero, jovial, que não premedita assaltar traiçoeiramente a reputação das familias, e por isso é bemquisto de todos. Tem todo o amor grego pela fórma; o seu ideal é a folgança, mas não comprada á custa de remorsos. Daniel não precisa pedir perdão, como o cavalleiro de la Mancha, pelos mans exemplos que por ventura desse.

José de Dornas é um burguez honrado; o seu amigo Semana é o typo acabado de homem de bem. Se algum quadro mais escuro retrata a maledicencia dos visinhos, é coisa secundaria e de menor vulto nas *Pupillas*. Insistimos no carácter moral do livro,

porque nos parece uma quasi novidade nestes ultimos annos e incontestavelmente uma necessidade ao presente.

Os padres hão de deixar em meio o sacrificio inconcruento e correr a lavar os beijos prostituidos da orgia, e as mãos ensanguentadas do infanticidio, quando o sr. Gomes Coelho for apresentar-lhes deante o retrato evangelico do seu reitor. Os libertinos, pallidos da taberna, e esquecidos da sua dignidade porque adormecera sobre a mesa do jogo, hão de acordar á voz formidavel do pastor das almas, quando o sr. Gomes Coelho entrar com o sr. reitor na espelunca; nesse foco de miseria onde estão apodrecendo, no ocio e no vicio, tantos braços vigorosos para o trabalho.

As mulheres devassas hão de correr-se de vergonha e chorar, como chorou Magdalena, quando o sr. Gomes Coelho prégar mais outra vez a caridade, como practical-a soube aquella intelligente e sympatica Margarida, que eu não sei se era menos virtuosa que a celebre Clarissa de Richardson — o espelho da bondade.

Repetindo, este livro das *Pupillas* era necessario; saudamol-o porque é uma aurora. Marivaux, Werner e Radcliff e centos de escriptores sombrios e extravagantes temol-os de sobra. O que nós precisamos é de quem nos abra o caminho do futuro e comece por moralisar esta geração que vae perdida.

escejáramos espaço para transcrever as palavras  
rentes do reitor na taberna, verberando os ociosos;  
na do mesmo, conduzindo pelo braço de rua  
ua a innocente Margarida, tão sacrilegamente  
gada pela maledicencia; os primores dialogacs  
se lêem na pag. 105, 64 e 62 e tantos outros.  
tor que vá receber as alegrias da surpresa no  
que tanto elogiamos, sem que por isso deixe  
de contraprovar a verdade do elogio pela cen-  
que nos mereceu. Porque tambem lhe encon-  
s nódoas, que mais avultam quanto mais for-  
e fino é o véu, sobre que cahiram.

z-nos pena a execução má d'uma idea tão for-  
tão *sancta*, como teve o sr. Gomes Coelho.  
ezes o dialogo é banal e frouxo, e o peor é que  
na inverosimil na pag. 43. Margarida, que é  
pastora, responde assim á Clarita, que lhe  
a sua amizade: «A minha amizade pedes-me  
um pouco de amizade, disseste! E a não ser  
quem queres que eu vá dar toda esta, que  
e poz no coração para dar? De tua mãe re-  
a *esmola* do pão e do abrigo, agradeço-lh'a  
Deos por ella; a ti devo mais, devo a es-  
nsolação e do conforto: porisso te estre-  
ro.»

ola, *esmola*, que palavra!...» D'estes  
dia citar muitos.

bilhanças de acção citamos a que vem a

pag. 195. Descreve-se uma entrevista de Daniel com Clara no sitio da fonte. Já não era hora de passeio; mas, como a moralidade da scena pudesse perigar, surge lá em cima sentado num tronco velho o bom do reitor, que parece naquelle lance um boneco puxado ao ar por occultas molas. Isto não faz um artista. Defeitos d'este genero podiamos citar mais; limitamo-nos ao que vem a pag. 204. A povoação dorme, a noite é silenciosa, o irmão de Daniel, o ciumento Pedro, acorda do seu primeiro somno e vae nessa hora para falar á sua Clara; encontra-se lá com o leviano do Daniel, horror! empurra o bacamarte, vae descarregar, accode Margarida, e, quem tal diria? surge o reitor, como um anjo custodio! áquella hora! Isto só se explica, concedendo ao padre o dom de adivinhar!

Nas *Pupillas* ha outros factos, que a critica não pode acceitar sem esforço; por exemplo, as relações tão proximas do peccado entre Daniel e a Clarita, que estava em vesporas de casar com Pedro. Clara certamente que devia recatar-se mais para não perder a boa fortuna que todos viam em seu esposo; e Daniel, que tanto a respeitava, como sua proxima cunhada, como anda ali á maneira de Lovelace? Mais: não encontramos naturalidade naquelle preceptor de Margarida. Sente-se que o sr. Gomes Coelho encontrou difficuldades no modo como devia instruir a sua Margarida. Vê-se que o typo d'aquelle des-

açado mestre foi ali posto para supprir uma falta, quando esta cessou, morre tambem aquelle infeliz.

ramos, sr. Coelho, hão de nascer naturalmente propria arvore, do movimento da acção, e não o de ser implantados, ou, melhor, enxertados nella; ás corre o risco de produzirem estes garfos um cto de outro sabor, como aconteceu neste caso. nalmente, os defeitos ficam bem compensados com bellesas. O sol tem suas manchas.

---

## II

### UMA FAMILIA INGLEZA

PORTO, 1868

Não faremos longo arrasoado sobre o novo romance de Gomes Coelho, ou Julio Diniz, como o auctor costuma assignar-se. É verdade que o livro sahiu volumoso, mas nem por isso se julgue que a reputação do auctor cresceu com o novo livro. Ao contrario. Uma *Familia Inglesa* não vale as *Pupillas do sr. Reitor*. Numa ou noutra parte descortinará o leitor aquella delicadeza de sentimento, aquella fina observação e, deixem-nos dizer, aquella original singeleza que caracteriza Julio Diniz. A habilidade feminina com que Jenny se esforça por determinar Whitestone a concordar no casamento de Carlos com Cecilia é digna do auctor das *Pupillas*. O desenho dos caracteres é feito por vezes com mestria; mas, ao lado d'estas e d'outras bellezas não muito numerosas, quantas sombras, quantos defeitos!

Ficámos extenuados ao concluir a leitura. É um



de elephante com a vitalidade de um pinta-  
 Aquellas paginas repletas de periodos jazem  
 mortas ante o desfallecimento da acção. Não  
 e ambicionemos no romance a nimia rapidez  
 zenas e o vigor e movimento da tragedia; tudo  
 em seu lugar. O que nos parece censura-  
 que se estendam as descripções e as ethopeias  
 a que é necessario para a explicação e intel-  
 porção. Uma das condições da belleza  
 enredo. Quem gostará de ler logo na entrada  
 acção. Quem gostará de ler logo na entrada  
 aquellos celebres versos ao tabaco? Que  
 perderiam se o auctor tivesse rasgado  
 os versos?... Alguem accusou os nossos ro-  
 de falta de imaginação. A doença intel-  
 Julio Diniz cremos não ter unicamente  
 Prende-se nas suas proprias concepções,  
 nos proprios pensamentos, sacrificando a  
 necessidade da acção na contemplação prolongada  
 necessarios.

das scenas mais encantadoras, verosimes e  
 do romance encontra-se no capitulo que se  
 — *Diplomacia do coração.* É a conversa  
 Cecilia e Carlos. Julio Diniz elevou-se ás al-  
 de um verdadeiro romancista. Escriptor com  
 e vocação para o romance não escolhia tão  
 deira e formosa situação, e não a desempe-  
 com tamanho primor e galhardia. Pois, bem  
 termina a conversa, ahi nos vem elle ensinar

que foi exacto e verdadeiro nas palavras que p  
na bocca de Carlos e Cecilia, etc. etc. Nesta pa  
o artista deve ser grande sem explicações. Algu  
comprehendido e admirado. Deos não gravo  
pereferia de cada estrella: Isto é formoso e su  
hendente.

Em fim, promettemos não ser extensos.  
seremos; preteriremos até alguns defeitos d  
ção; e deixem-nos concluir este bosquejo  
cição litteraria, convencidos de que o ro  
*Uma Familia Inglesa*— não estava concluíd  
começou a ser publicado em folhetins.

---



## PAMPHLETARIOS IBERISTAS

Propomo-nos neste capitulo dar uma idéa dos escriptores pòrtuguezes que neste anno se occuparam da muito falada questão iberica. Chamamos-lhes *iberistas* pelo assumpto que escolheram, e não pelas suas opiniões; por quanto esses escriptos, de que vamos occupar-nos, repellem mais ou menos vivamente a idéa da união iberica.

Desde já é necessario declarar que não ha motivos de força para nos convenceremos de que a *união, fusão, confederação* ou como melhor quizerem, seja uma consequencia fatal da democracia hespanhola. Insistimos nisto, porque o jornalismo portuguez e alguns dos opusculos recentemente publicados querem ver na propagação dos principios democraticos do reino visinho o germen e o perigo da proxima invasão em nosso territorio. Não nos amedrontemos com isso. A diffusão das luzes liberaes em qualquer ponto do mundo é sempre um bem. Póde produzir uma aurora para os reinos visinhos; entenebrececer-lhes os horisontes, nunca. Da cegueira dos nossos e da ambição dos extranhos é

provir a perda de nossa autonomia. Da  
 dos partidos, da pessima administração de  
 a veres e da ignorancia dos principios do  
 da economia é que temos tudo a reear.  
 o po é que devemos construir arraiaes e for-  
 qualquer ataque será repellido pela união  
 ireito. Dos alheios não temos medo, dos  
 é que receiamos.

isto para apontar um defeito de logica e  
 aos que viram na democracia hespanhola  
 nossa independencia. Entretanto louva-  
 mos a boa intenção, a intenção patrio-  
 catamos que quizeram questionar e discutir todas  
 as theses da propaganda iberica. Esta questão  
 de hoje, nem de hontem; sempre que em  
 ha apparece um movimento politico, seja em  
 ntido for, surge por encanto no animo dos  
 vezes a idéa do iberismo. Desde 1640 este  
 em-se repetido milhares de vezes. É de notar  
 mpre são os hespanhoes, que mais advogam,  
 o de interesses para Portugal, os principios da  
 Dizemos mais, porque entre os portuguezes  
 é notabilidades têm pensado como aquelles. En-  
 tes avulta o Duque de Palmella, D. Jeronymo

o, Visconde de Almeida Garrett, José Estevão  
 no de Magalhães, J. F. H. Nogueira, J. M.  
 l Ribeiro, Lopes de Mendonça, C. J. Caldeira,  
 tros que vêm citados em um folheto do infeliz

Xisto Camara, escriptor hespanhol de elevados conhecimentos e auctor do *Character do movimento philosophico contemporaneo*, do *Absolutismo ou Democracia* e outras obras.

Xisto Camara não contava trinta annos, quando ao regressar do exilio á Hespanha foi ali perseguido pelos inimigos da liberdade; e obrigado por elles a fugir, veio cair morto de canção e sêde juncto de uma fonte ao pé de Olivença. Quando mais tarde os seus ossos poderam ser transportados para Badajoz, juncto da sepultura foi recitada uma sentidissima poesia de Manoel Barriga Soto, poesia publicada na *Cronica* de Badajoz, e que expressa bem profundamente o muito que a morte de Xisto Camara foi sentida por toda a Hespanha.

A obra d'aquelle martyr, a que acima incidentemente nos referimos, intitula-se a *União Iberica*, e vem precedida de um prologo magistralmente escripto por Latino Coelho. Esta obra, bem como outra memoria sobre a conveniencia da união pacifica e legal de Portugal e Hespanha, *A Iberia*, devida á penna illustre de D. Sinibaldo de Mas, e tambem precedida d'um prologo de José Maria Latino Coelho, actual ministro da marinha em Portugal — são os dois documentos mais significativos e importantes que em prol da união se têm escripto. A questão é tractada habilmente em principio e em hypothese, á luz da historia e do raciocinio; e força é confessar

que é necessario um excesso de patriotismo para desconhecer a força probativa, a lucidez e a valentia de alguns argumentos. Não nos deixamos levar pelo apparatus das theorias, entenda se bem, mas aventuramos aquellas palavras, para em tudo mostrarmos o quanto apreciamos a justiça. Contra aquellas duas obras que temos á vista é que foram dirigidos alguns pamphletos, que passamos a enumerar. Não os citamos pela ordem do merecimento nem das datas de sua publicação. Tiramol-os ao acaso de sobre a mesa.

*Hoje* é um folheto patriotico de J. G. Barros e Cunha. O merecimento d'esta obra está no alto conceito em que o teve a Inglaterra, traduzindo-o e fazendo-lhe tres edições até á hora em que escrevemos. O nome do auctor é conhecido na republica das letras, e quando o seu folheto não fosse uma obra de merito litterario, tinha o patriotico, que é quanto basta para a glorificação d'um portuguez. Isto que dizemos do *Hoje* diremos da *Nobreza, Direitos e Deveres do povo*, que é o 1.º volume da *Propaganda patriotica-liberal* contra a pretendida união iberica. Não nos demoramos na apreciação d'este folheto, que, apesar de anonymo, revela o estylo de M. J. de Figueiredo Guimarães; porque é nosso proposito falar sómente dos que trouxeram data de 1868. Por egual motivo omittiremos algumas poesias, que appareceram no theatro, como, entre outras, o

*Zuns Zuns* de Luiz Palmeirim, executados pelo actor Taborda, assim como não falaremos de alguns artigos notaveis de Mendes Leal, Andrade Ferreira, Thomaz Ribeiro, Chagas e outros, por nos determinarmos á noticia unicamente de brochuras.

*Portugal e a Iberia* é o titulo de um folheto do auctor das *Fatalidades do amor*, Antonio Gomes da Silva Sanches. Esta obra é offerecida á memoria de Julio Gomes da Silva Sanches, tio do auctor. Este folheto merece ser registrado pela fluencia da linguagem e pelas optimas medidas que aconselha aos ministros que nos governam; de certo que a nossa primeira defesa é a boa direcção de todos os ramos de nossa administração.

Surge-nos agora o primeiro folheto da edição-patriotica-liberal—*Os contrabandistas officiaes e particulares*. Vem anonymo, mas parece-nos ver ali alguma coisa do acima citado Figueiredo Guimarães. As reticencias, os pelotões de baforadas patrioticas, as fileiras de interrogações e admirações... enfim, bem póde ser que nos illudamos.

Este folheto encerra uma verrina descabellada contra o governo d'este anno, e é inspirado pelo facto escandaloso, que por tantos dias deu pabulo aos jornaes da opposição. É o facto de Carlos José Caldeira, inspector geral das alfandegas, irmão do ex-ministro José Maria do Casal Ribeiro, tentar introduzir clandestinamente na alfandega de Lisboa



entre varios objectos de contrabando um pacote lacrado com o seguinte letreiro — *Varios documentos ibericos remettidos por D. Sinibaldo de Mas a Carlos José Caldeira para serem distribuidos opportunamente.* D'este facto tira o auctor dos *Contrabandistas* algumas illações contra o ministerio, principalmente contra Carlos Bento da Silva, que mandou entregar ao Caldeira o pacote, sem ser verificado nem aberto. Convida os portuguezes a estarem de atalaia contra todos os contrabandistas, que querem vender a patria aos castelhanos. Termina assim: «Patria! Independencia! Força! União! Liberdade e ordem!» Promette depois refutar em segundo folheto o prologo de Latino Coelho, que serve de introduccão á *Iberia* de D. Sinibaldo. Era melhor que a questão fosse tractada na altura dos principios, que se aquilatassem bem as vantagens ou desvantagens da união iberica e se acompanhassem um por um os argumentos de Xisto Camara e do sr. de Mas, e não descessem a servir paixões politicas; porque neste campo todos ralham e nenhum tem razão.

*O Almanak patriotico e anti-iberico* (para 1869) é uma publicação de 60 réis. Traz seis gravuras symbolicas, representativas de Viriato, do milagre de Ourique, de D. João I, do Condestavel, do Cardeal Rei e de D. João IV. Contem varios assumptos patrioticos, varias commemorações de factos gloriosos

da historia nacional, brados á independencia e pre-  
gões contra a união iberica. Temos presente a se-  
gunda edição d'este almanak, que pela sua doutrina  
merece ser lido.

Publicou-se tambem um folheto de 14 paginas,  
duzido por D. A., segundo cremos, e que tem po-  
tulo *Resumo historico da dominação de Castel-  
lha e da famosa insurreição do dia 1.<sup>o</sup>*  
*de Bessières.* Não nos propozemos falar de  
ginas da *Histoire des Révolutions Politiques*  
de Bessières. Não nos propozemos falar de  
ções, mas de passagem diremos que é muito  
vel a idéa do traductor, que não é dos que  
conhecem a lingua de Bessières. «Desc-  
(ao povo) a miseria e a oppressão, que pe-  
bre os portuguezes durante a dominação  
para que pela historia do passado podes-  
do futuro, fazer-lhe bem sentir quanto va-  
da independencia nacional, e preparar-l-  
animo para a primeira occasião, era,  
uma lacuna, que no presente estado de  
cumpria preencher.» Esta lacuna, se eff-  
não estava preenchida já, preencheu-a  
a sua traducção. Quem faz um folhe-  
por 20 réis não quer especular com  
louvavel.

*Opusculo liberal. A revolução de*  
*Questão iberica — Considerações a*

José Pinheiro de Mello. É editado pelo sr. J. V. Duarte Ferreira e custa 20 réis. É um manifesto democratico dos bons principios; louva-se com justiça a revolução de Hespanha, que Pinheiro de Mello chama lição de reis e exemplo de povos, e sustenta que todas as tramas urdidas para a união iberica serão frustradas, porque lhes falta o principal elemento, a annuencia da nação. Termina assim: «Portugal quer ser livre e independente, e repelle com todas as suas forças quaesquer ideas de annexação.» Está em geral bem escripto, e se tivesse tanto de rigor logico como tem de declamação, optima coisa seria. Leiam-no, que o merece.

*A independencia nacional e a Iberia* eis um outro pamphleto. Foi escripto por A. Ribeiro Gonçalves, e foi julgado muito auspicioso por Mendes Leal e Viale, e até Costa Goodolphim lhe fez um elogio de espavento. Não admira: Ribeiro Gonçalves tem alma de portuguez e sente nas faces o ferro em brasa da vergonha, quando pensa que o seu tão querido Portugal póde ir-se um dia agua acima do Tejo parar ao Prado de Madrid, onde as *chiquitas* repicam as chocalheiras castanholas ao som da guitarra fadista. Ribeiro Gonçalves não quer que a gloria dos prudentes revolucionarios de Alcoléa fique destruida pela infame pretensão de nos absorverem os hespanhoes. Gostamos do seu folheto.

*As victorias dos Portuguezes em defesa de sua in-*

*dependencia*, por D. Miguel Sotto Maior. *Em 135*  
 paginas Sotto Maior pretende mostrar *que uma in-*  
 vasão hespanhola importaria uma derrota *para os*  
 invasores, por quanto as nossas forças *são de sobra*  
 para repellir uma affronta.

Nos folhetos que temos noticiado *encontramos a*  
 mesma idéa, que nos parece inspirada *mais pelo*  
 amor da patria, do que pelo convencimento *de seus*  
 auctores. Sem querermos desvanecer illusões a quem  
 as tiver, notaremos a D. Miguel Sotto Maior que  
 Portugal de 1868 não é o de 1810, de 1663, e muito  
 menos o de 1385. A união iberica anda no pensa-  
 mento de muito boa gente, e d'esta boa gente sur-  
 diriam mais traidores hoje do que soldados contava  
 o exercito portuguez de D. Antonio, prior do Crato.

*A revolução em Hespanha e a independencia de*  
*Portugal*. Estamos alargando a vista por 28 paginas  
 d'um anonymo, publicadas sob aquelle titulo. Pugna  
 pela resurreição das velhas nacionalidades confede-  
 radas sob os auspicios d'um só conselho. A união  
 iberica não lhe repugna, uma vez que Portugal não  
 fique absorvido. Mostra bom senso no que escreve,  
 se bem que não acceitemos algumas de suas idéas  
 aspirantes a salvadoras de nossa independencia.  
 Este anonymo não é dos que peormente encararam  
 a questão.

*Iberismo, ou o paiz e a situação deante dos ulti-*  
*mos acontecimentos de Hespanha*, por Albano Couti-

o. As idéas d'este escriptor vejam-nas nesse ex-  
 acto; «Está escripto no livro dos destinos dos po-  
 os, que a Iberia venha a ser um facto; porque está  
 escripto no grande livro dos destinos da humanidade,  
 o principio «progresso» que leva á perfeição social,  
 á confraternidade dos povos e fraternidade dos ho-  
 mens.»

Está escripto no livro dos destinos da humanidade  
 que a Iberia venha a ser um facto..... mas as da-  
 tas? São as idéias de Prim, de quem Albano Cou-  
 tinho se diz amigo.

Será este um dos contrabandistas de que falámos?  
 Não o cremos. A. Coutinho ama a sua patria, e se ap-  
 pella para o futuro em que o destino se cumpra, é  
 porque entende que Portugal unido á Hespanha é uma  
 consequencia providencial. Está no seu direito.  
 A Hespanha e a Republica, por Pedro Salema Gar-  
 ra. Ainda que este folheto não foi escripto para com-  
 clar a união iberica, pôde e deve entrar nesta sec-  
 ção. Porque toca factos e faz explanações que reve-  
 lam claramente as idéas do auctor sobre a referida  
 restauração em 1640 põe em relevo os vultos  
 dos 40 conjurados, com bastante conhe-  
 de causa.  
 aos portuguezes (opusculo patriotico contr  
 da união de Portugal á Hespanha). O l  
 é um retrato fiel das humilhações e desgra-

ças que os portuguezes soffreram durante a dominação de Castella. Sustenta-se alli que a união ibérica seria a repetição d'aquellas desgraças. O auctor parece-nos excessivamente meticoloso.

*Pontos negros* é o segundo folheto patriotico de Barros e Cunha. Está a traduzir-se na Belgica, e merece ser lido por todos os que presam a terra onde nasceram.

*Forças defensivas de Portugal, hoje e amanhã*, por José Dionysio de Mello e Faro. É um folheto de 82 paginas, maior no merecimento do que no formato. Nos 14 capitulos, em que se divide a obra, demonstra Mello e Faro que os nossos meios de defesa são tantos e de tal natureza, que Portugal não pôde dizer-se um paiz cansado, e menos exausto. Os recursos, embora dispersos, de Portugal podem amanhã ser reunidos numa forte organização e chegar-lhe de sobra para sustentar a sua posição de paiz livre e repellar, á mão armada, qualquer tentativa contra a sua independencia. São estas as palavras do sr. Mello, e, segundo sua confissão, o seu livro responde ao celebre artigo da *Epocha*, folha isabelista de Madrid, artigo em que se discute a possibilidade da invasão e conquista do territorio portuguez pela força de Castella. Este folheto é notavel pelos conhecimentos que revela da organização militar, pelas acertadas medidas que aconselha, e pela clareza com que as questões alli são tractadas.

Os jornaes do paiz fizeram-lhe a devida justiça, o sr. Faro teve a honra de ver algumas de suas atirinas confirmadas no jornal francez *Revue maritime et coloniale* por alguns officiaes peritos de França, o sr. coronel de artilheria Jervoise, o official marinha o sr. Clément Cordes, e o capitão de mar guerra o sr. Grivel. O escripto de M. e Faro foi já duzido em allemão e francez. É digno d'estas honagens.

Dos folhetos publicados a proposito da Iberia, é um dos mais notaveis. Remata assim: «Portugal e para a paz, mas está prompto para a guerra.» A este respeito já dissemos bastante para que nos atendam. Á Hespanha não faz conta uma união forçada; já o demonstraram Sinibaldo e Xisto Camaraquelle seu estylo poetico, que nos faz inveja; mas os castelhanos tal intentassem... ai de nós! Não que nos levar o desanimo aos corações generosos de Portugal, que bem sabemos estão promptos a derramar até á ultima pinga de sangue pelo solo sagrado da patria; mas é preciso dizer a verdade, para que ninguém durma. Se os dias de Portugal estiverem contados, o que não crêmos, venham os estrangeiros lêr a ultima pagina da nossa historia, mas de olhos ante sepulchros de heroes.

Não sabemos de outros pamphletos publicados até agora em que escrevemos estas linhas.

THEOPHILO BRAGA

---

OS FORAES

COIMBRA, 1868

I

Como os livros de historia estão no uso e posse de terem um logar no gremio das Bellas-Letras, vamos emittir o nosso juizo sobre a dissertação de Theophilo Braga. E, valha a verdade, não sente o *Aristarco* grande repugnancia neste trabalho por dois ponderosos motivos, que de modo nenhum quer occultar ao leitor. O primeiro motivo é que vive neste seculo, e o leitor sabe que a erudição e a historia indicam as principaes tendencias da litteratura de hoje.

O segundo motivo foi o ter sido o auctor, aos olhos do *Aristarco*, sempre inexactamente apresentado ao leitor pelos criticos.

É, pois, necessario um preambulo.



## II

Theophilo Braga tem amplissimas aspirações e uma vontade de ferro.

Quando abordou em Portugal, já em S. Miguel, seu berço, tinha deixado as *Folhas verdes* do seu coração de poeta. Muitas mais tinha elle lá, se o calor da sua progressiva instrução lh'as não amadurasse em Coimbra.

Um dia saiu-se o estudante com a sua *Visão dos tempos*, e os nossos litteratos em seu deslumbamento offereceram-lhe uma corôa de triumpho; irradiou-se a fronte austera de Theophilo, e a nossa republica litteraria agitou-se entre admirada e surprehendida. Porque lhe não poderam entender o prologo do livro julgaram, sem crime do auctor, que tinham novidade de principio a fim. Dissemos — sem crime do auctor, e deveramos accrescentar — sem culpa dos litteratos. Acalentados na escola do velho Bernardim escreviam empiricamente e sem consciencia, repand o apenas em variantes de fôrma. Exceptuamos Garrett e Hercolano e poucos mais, que nada têm que ver com predecessores e contemporaneos na sua e nossa terra.

Não se fez esperar o rebate. A pedrada do incon-

siderado Anthero, recebeu nova impulsão da fundação de Theophilo, e a reacção desencadeou-se tempestuosa e desabrida, chegando a exorbitar ainda para além dos excessos do ataque. E tudo isto se desvaneceu como o fumo, sem proveito da litteratura, nem proveito dos contendedores.

Nem al poderia succeder.

Em parte alguma havia unidade, em nenhuma parte justiça completa. Em fim de contas prevaleceu a reacção porque era mais numerosa. Castilho, como bom commandante, deu pelo desvio dos seus no poema do Chagas, Camillo fez umas reflexões em favor do chefe. O Eremita do Chiado e o Ramalho Ortigão fizeram-se ao largo, e, querendo justificar ambos os partidos, foram injustos para com todos. E os follicularios vieram depois desenganar a excitação publica com suas ineptias.

E assim se acabou a contradança.

### III

Não mais os periodicos de Lisboa encheram suas columnas com os artigos dos revoltosos.

Theophilo viu as suas *Tempestades Sonoras* fene cerem quasi sem echo. E o seu *Cancioneiro Geral* não esperou o mercado, embora merecesse alguma

## II

Theophilo Braga tem amplissimas aspirações e uma vontade de ferro.

Quando abordou em Portugal, já em S. Miguel, o berço, tinha deixado as *Folhas verdes* do seu coração de poeta. Muitas mais tinha elle lá, se o calor sua progressiva instrucção lh'as não amadurasse em Coimbra.

Um dia saiu-se o estudante com a sua Visão dos tempos, e os nossos litteratos em seu deslumbramento ofereceram-lhe uma corôa de triumpho; irradion-se a fronte austera de Theophilo, e a nossa república teraria agitou-se entre admirado e surpreendido. Porque lhe não poderam entender o julgar, sem crime do actor, que tinham a verdade de principio a fim. Disseram-lhe, e deveramos accrescer os nossos ratos. Acalentados na escadaria empiricamente ando apenas em variantes de forma. Exceptuamos arrett e Herculano e poucos mais que nada têm a ver com predecessores. E os nossos na sua nossa terra.

Não se fez asp...

do incon-

SECRET

de

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

bo

so-

eu

a

e-

III

do 12

dos povos

União

de 1944

de 1944

1944

mais que a sua desordenada e desconnexa  
Direito.

Os defeitos de Theophilo Braga se podem  
tres. O primeiro, e o mais lastimoso e o  
vitavel de todos, é que Theophilo Braga é  
recheado em suas idéas do que Proudhon e  
em suas theorias socialistas. O segundo  
a nimia facilidade em apprehender e apre-  
mo realizadas, obras que nem uma vontade  
como a d'elle, poderão jámais realizar em  
espaço de tempo. O terceiro é o seu des-  
empenho em querer ser e querer parecer eru-  
d'estas fontes que promanam a incompati-  
e o absurdo de muitas das suas proposi-  
sua superficialidade em muitos pontos, a fa-  
mal digerida accumulção de factos e ci-  
e desordem das materias e as não raras in-  
a e imperfeições da fórma.  
ões não são pequenos os seus merecimentos;  
bem poderosamente para a reconstrucção da  
ouiu litteratura, indicando-lhe o caminho verdadei-  
litteratura, apontado muitas lacunas na nossa Historia  
m e tem-se esforçado por encher algumas;  
ria, e o seu talento vigoroso nunca se enamo-  
nente lempresas, que não fossem dignas de talentos  
rimcira ordem.  
sua já vasta erudição faz-nos prever em Theo-  
Braga um benemerito apreciador e constru-

ctor da nossa Historia litteraria, trabalho *improbo* que nos falta, e que deve immortalisar o talento corajoso, que o levar a cabo. Como era erudito o seu auctor, os *Foraes* de Theophilo Braga aguçaram a nossa curiosidade e multiplicaram as nossas esperanças.

— Vejamos.

## IV

A Historia do Direito Portuguez, projectada por Theophilo Braga, se elle, devidamente, a podesse realisar, intrinseca e extrinsecamente, havia de merecer-lhe as benções da patria e da humanidade.

Entretanto, talvez, fique sempre em projecto a difficil tarefa em que o joven escriptor, uma ou outra vez, terá pensado. E tambem para aquelle que, como Theophilo, perdeu a fé na existencia da patria, uma tal empresa seria dobradamente escabrosa.

Esqueçamos por um pouco a epigraphe grandiosa, para nos limitarmos a escrever dos *Foraes* de Theophilo Braga, concedendo, sem difficuldade, que elles formam um capitulo importantissimo da Historia da nossa Jurisprudencia.

O pequeno livro em que Theophilo Braga se occupou dos *foraes* era sufficiente para se fazer um estudo completo d'esta fonte do nosso direito. O auctor, porém, affeiçãoando-se ás generalidades, va-

a ponto de no livro o accidental e parte, o fio do assumpto.

ndamente, este defeito, devido á tentante encyclopedica do auctor do livro na necessidade das digressões; mas

faz do accidental o plano do livro.

e, entre nós tres historiadores — Aleto, Rébello da Silva e Simão da Luz ultimos dois não, mas no primeiro ophilo o modelo de um perfeito hisginalidade meritoria não deve con-

os em Simão da Luz Soriano e d'elle não par, porque o seu ultimo volume é de 67, esta nota uma digressão sem exemplo. É a phrase e o estylo de Soriano são, como rais descurados do que as proprias necess o permittem, e que muitas vezes se detem pouco proprias da verdadeira natureza da

pezar d'isso, de reconhecer que os seus tração de urgente necessidade. Assim o tem esgotando-lhe as edições. Detestamos ver copas do thesouro, e só a necessidade extor não poder trabalhar sem esse subsistaxa formar um juizo favoravel da austera esse homem. Escreveu Soriano a nossa Hist. té 1807. E não passa d'alli sem novo conrno, que de certo esperava que o sr. So-Historia em menos volumes. Não sabemos dencia; se infelizmente assim for, conse-

fundir-se com a extravagancia. Depois, neste ponto, Alexandre Herculano tinha já mostrado o cunho do seu talento. Parece-nos que a litteratura de Theophilo tem ainda menos fé na nossa nacionalidade, que o proprio Theophilo.

Como, porém, Theophilo Braga se desvia neste ponto de Alexandre Herculano, nos pontos em que mais se avizinha dos foraes, confrontaremos sobre a noção dos foraes uma opinião com outra, para que o leitor, em abono da verdade, possa decidir-se sem escrupulo.

O que são foraes? Na linguagem do sr. Alexandre Herculano são: «cartas constitutivas dos municipios, codigos que ou estatuiam ou fixavam o direito publico local, e que constituíam com varios individuos uma pessoa moral, uma entidade social com certa autonomia, a *civitas* da jurisprudencia romana, mais ou menos profundamente caracterisada<sup>1</sup>.»

lhamos o governo a que ceda. O paiz precisa de uma Histooria contemporanea. O sr. Soriano dá-nos muitos materiaes para ella. Aproveite-os o governo. Ha dinheiro que se gasta peor. E depois temos a Historia da Sybilla romana, que não está para attender a razões. Quer perder tudo, mas não quer ceder de parte.

Repetimos: o merito de seus trabalhos compensa bem os seus defeitos e uma ou outra inexactidão que, se houvessemos de criticar as suas obras em capitulo isolado, facil nos seria apontar.

<sup>1</sup> Hist. de Port. vol. 3, pag. 50.



definição contrapõe Theophilo Braga uma  
seguinte: «Para nós as cartas de foral  
mais do que a reducção a lei escripta da  
da obrigação prescripta, um instrumento  
d'essas immunições alcançadas numa  
revolta.» Esta definição prima pela obscu-  
ra idêa e da redacção.

nos poderemos demorar, por alheio ser a este  
no confronto das duas opiniões, a nós pa-  
muito mais acceptavel a doutrina do sr. Her-  
que, fixando a noção de fôro e foral como  
desentranhou dos factos sociaes do primeiro  
da Historia, que elle tão profundamente es-  
A melhor demonstração d'este nosso juizo  
confronto das theorias, embora a nosso ver  
dos do sr. Herculano não admittam parallelo  
do joven e estudioso escriptor.

effeito, o sr. Alexandre Herculano, fazendo  
das theorias genericas dos Michelet e que-  
distinguiu, a nosso ver, justamente, o que  
se entendia por fôro e foral em harmonia  
observação de factos incontestaveis, não se  
fazendo de fazer notar o que noutros tempos em  
circumstancias se devia entender por aquel-  
sas palavras.

assim devemos advertir, em bem da ver-  
o livro foi escripto em pouco tempo, e que  
proveitosa leitura. Nas suas numerosas digres-

sões Theophilo apresenta, umas vezes por outras, aproximações curiosas, induções novas, e um *estyl*o variado, embora, por vezes, obscuro e pouco cioso de vernaculidade.

---



## **SEGUNDA PARTE**

### **POESIA**



DA PARTE

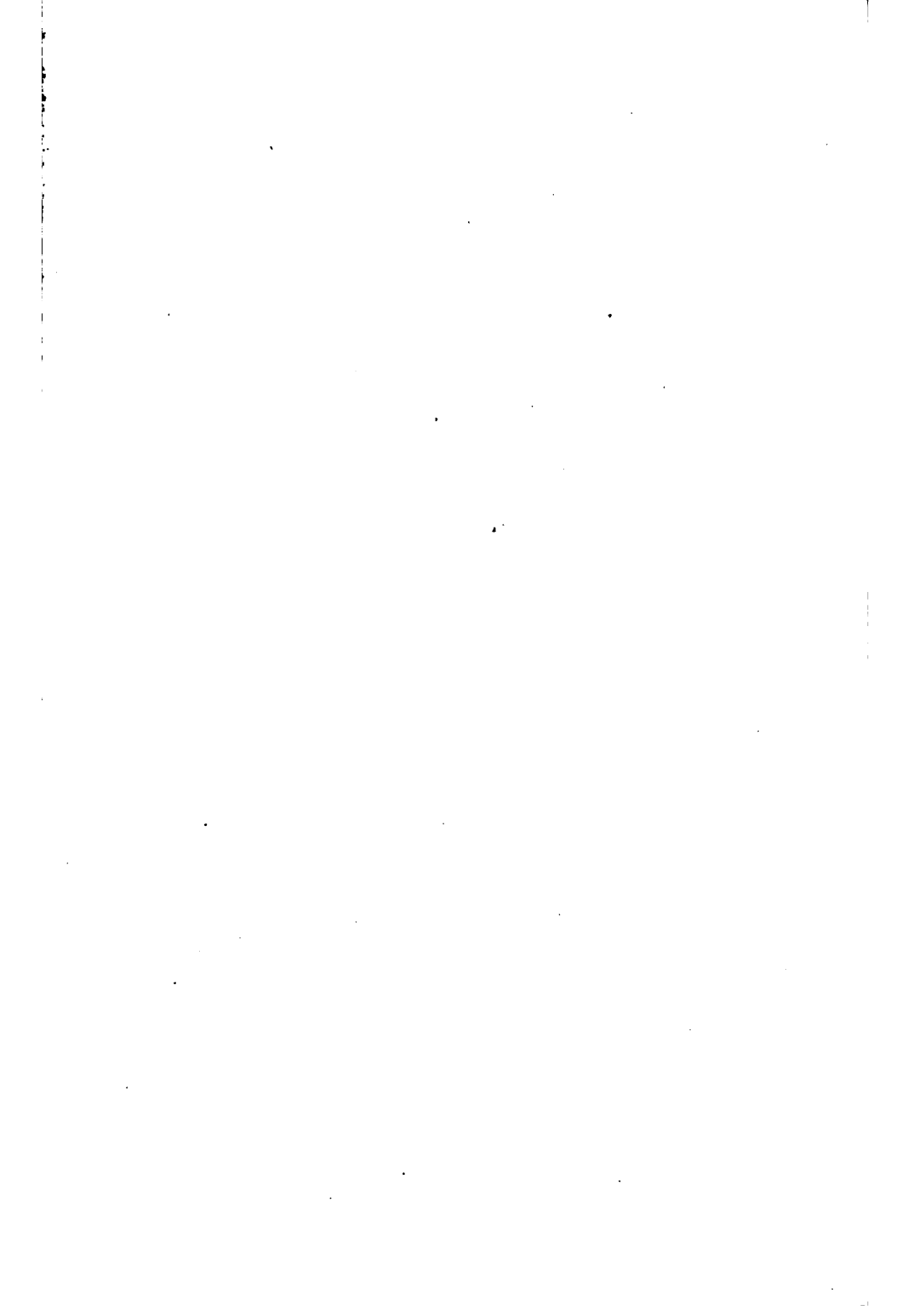
DE-I-

NTEL

AS

vasam as ideias  
essa; e o século  
cias occupa um  
menos na historia  
por toda a parte  
; a geração que  
da estrella do  
humanidade;  
m uns clarões  
grande alvo-

úndo da idéa,  
persó que, sem  
a a realisação  
que balbucia  
ámanhan: o  
aga-a sobre os



ALBERTO PIMENTEL

I

ROSAS BRANCAS

PORTO, 1868

A litteratura é molde em que se vasam as ideias culminantes do seculo que atravessa; e o seculo dezenove, que na reforma das sciencias occupa um logar distincto, não o occupará somenos na historia das revoluções litterarias. Sente-se por toda a parte um estremecimento apenas definido; a geração que se levanta não desprega os olhos da estrella do progresso, que é a estrella polar da humanidade; de todos os angulos da terra surgem uns clarões indecisos, que são prenuncios d'uma grande alvorada.

Já se não procura a forma, abstraindo da idéa, porque em esthetica é ponto incontroverso que, sem aquelles dois elementos, não se alcança a realisação do bello. O dia de hoje é a creança que balbucia no berço, e que ha de ser gigante ámanhan: o poeta debruça-se-lhe no berço, interroga-a sobre os



os do futuro, e interpreta o olhar que ella vagamente pelo azul dos céus. Cada sorriso nesse berço é uma fonte de jubilos para o presente, e a voz da poesia irrompe-lhe dos labios, e pela esperança no futuro inflorado pela fé este caminho vão os poetas do futuro.

Deos envia para darem a mão á humanidade archa; mas nem todos os poetas são Moisés, frente do povo caminhem para a terra promissa, que nos acena de além com o terra promissa, paz, e com a fertilidade.

eremos falar dos que se sentam á beira do rio, cantando as dores e as alegrias do cora-ção, em quanto a caravana passa ávante, recipro-se esperanças e alentos. E a geração que ia escuta ás vezes esses cantos, porque lhe fa-ze saudade e amor, e porque também têm co-esses mesmos que atiram os olhos para um mais elevado.

não parâmos para ouvir esses cantos, não lhes nos os ouvidos. Ainda não chegámos á terra ettida, e é preciso, de onde em onde, amenisar rurais do deserto, ouvindo os sons dispersos os envia o genio das solidões. gar a Zimmerman; logar a Lamartine; logar iller; logar a Werner: são rouxinoes que no armo cantam para si, e para aquelles que os

ouvirem acaso. Escutemo-l'os; que, se herdámos *as* nobres aspirações, e o arrojo dos filhos de *Agar*, herdámos dos filhos do norte a suavidade do *idílio*, a ternura do sentimento, a delicadeza da expressão, e o pincel que traça a belleza simples e as feições universaes da natureza.

É um idílio o poemeto *Rosas brancas*. Simplicidade, naturalidade, delicadesa e sentimento — de tudo isto alguma cousa ha nas *Rosas brancas*.

Simplicidade e singelesa :

«Era em meio de dezembro,  
Quando a frouxa claridade  
Do dia espalha nos campos  
Umás tintas de saudade,  
E quando os álamos seccos  
Não têm gorgeios suaves  
E nem ha vozes nem echos,  
E nem ha flores nem avcs !»

Delicadeza e sentimento :

Ai ! eu bem sei que é de rosas  
Uma grinalda de noivos.  
Mas a da linda trigueira  
Não era assim : foi de goivos !  
Queixou-se uma tarde, á sesta ;  
E, quando a luz do arrebol  
Ao outro dia doirava  
O interior da floresta,  
Morria ! Um sol declinava,  
Quando nascia outro sol !...»

É este o anverso da medalha. No reverso, além da debilidade do assumpto, lemos este verso errado, pag. 32:

«Cada dia nascem mais e são mais novas.»

E d'estes o segundo, pag. 27:

«Mas ainda me falta  
Completar o quadro.»

Versos frouxissimos, notámos dez, posto que o poemeto abranja apenas 32 paginas.

Estes os defeitos de forma.

Bom ou máu, aos olhos da san critica, nada ganhou o livrete com vir prefaciado pelo sr. Antonio de Castilho; e, apesar de reconhecemos o merito do sr. Alberto Pimentel, cremos que d'esta vez não valia a pena importunar o poeta, que sob as suas arvores se estava deliciando com a poesia... das pombas.

Para trabalhos de mais fôlego, para livros volumosos como o *D. Jayme* do sr. Thomaz Ribeiro, é que talvez deva de solicitar *conversações preambulares*, para que, dada a falta de reconhecido merito, os leitores acorram em chusma a cotejar a obra e as bajulações do preambulo.

Por ora, dê-nos flores singelas, como aquella bonita *Côr de rosa*; e, quando poder tentar mais er-  
guidos vãos, apresente-se só, com o seu talento, porque todos, os que amam a verdade, o receberão com justsça.

---

## II

### JOANNINHA

Poema

### A NEREIDA

Poemeto

PORTO, 1868

Estava já composto o artigo precedente, ácerca das *Rosas brancas*, quando podémos ler o voluminho que encerra a *Joanninha* e a *Nereida* de Alberto Pimentel: é por isso que este segundo artigo parecerá deslocado, attentas as datas das respectivas publicações.

A *Nereida*, *devaneios ao luar*, como a inscreve o auctor, não passa realmente d'uma criação fantástica, onde as sereias e as nymphas da mythologia apparecem á flor das ondas, ou descantam ignotas melodias nos palacios doirados da nereida.

*Nereida*, diga-se a verdade, deve mais á fórma  
da *Joanninha*, e tem versos como estes:

«Tu nunca viste uma pérola,  
Um pingo de agua, uma bolha,  
Quasi a cair, inda trémula,  
Sem querer deixar a folha?...»

S também, sem falarmos de pequenos defeitos,  
é devemos apontar numa obra notavel, e es-  
lo é dizer porque, a *Nereida* é um protesto  
ra a passagem da *Joanninha* em que o auctor  
essa commungar a doutrina do mestre Boileau  
re a indivisibilidade da verdade e do bello.  
Tão julgamos necessario combater aqui a cele-  
sentença d'essa vulgaridade sábia chamada Boi-  
u:

*Rien n'est beau que le vrai;*

porque não ha ninguem de juizo claro, que não  
la á imaginação um dos primeiros logares, se não  
primeiro, na realisação do bello. Crer o contrario,  
não crer no genio.

Mas é infelizmente certo que Alberto Pimentel  
buta intimo culto á sentença de Boileau; e uma  
s demonstrações mais poderosas do nosso assérto  
o seu fanatismo pela *Delfina* de Thomaz Ribeiro.  
a, todos sabem que o poeta do *D. Jayme* tem pa-  
ias magnificas de uma naturalidade inimitavel;  
s todos sabem também que, especialmente na

*Delfina*, ha muitissima prosa em verso; e talvez Bocage, se hoje lesse alguns trechos de Thomaz Ribeiro, exclamasse:

«São versos naturaes... parecem prosa!»

Não supponham que estamos combatendo um genero de litteratura: adoramos a naturalidade, tal como ella se nos apresenta em o *Namouna* de Musset, nas poesias de Valmore, e até em muitas paginas de Thomaz Ribeiro: o que detestamos é a vulgaridade e a trivialidade, revestidas de pretenções a poesia.

Do que levamos dicto, e de se conhecer que o discipulo exagera sempre os defeitos do mestre, concluimos nós que os *versos* de Alberto Pimentel hão de a miude descambar, como de feito descambam, na *prosa*.

Para não citarmos aqui a introduccão das *Rosas brancas*, extraímos da *Joanninha* este trecho:

«Tinha dezeseis annos nesse tempo.

Era a rosa silvestre

Transplantada aos jardins d'uma cidade;

E criada do velho padre mestre

Com quem eu aprendi latinidade.»

Depois, o poema *Joanninha* contém 117 paginas, e, até á pagina 54, esquece-se a heroína, e de pouco mais se fala que de Fanny e Fernando.

O que nós, sobretudo, não podemos relevar, são os defeitos grammaticaes, e ha-os na *Joanninha*:

«Sabeis a côr dos olhos que mais gosto?  
Adivinhais-l'a pois?» (pag. 15)

Passaremos por cima de outros defeitos, para só notar que o verso

«Lembrando-se da infancia do seu lar»

nos faz perguntar ao auctor—se um *lar* poderá ter *velhice* e *virilidade*, assim como tem *infancia*.

De metrificação não falemos. Não tivemos paciencia para enumerar todos os versos errados da *Joanninha*, nem isso nos pésa, por vermos que Alberto Pimentel mais algum cuidado revela, a este respeito, nas suas composições posteriores.

Apesar de tudo, a *Joanninha* não é absolutamente destituida de merecimento; e, para prova, hão de ler com agrado o seguinte excerpto, se abstrairem de uma ou outra incorrecção:

« — Quem é esta Pepita? — *La hermosa*  
Que vive da guitarra e do *bolero* !  
A mulher mais bonita, e mais airosa !  
A primeira no talhe e no *salero* !  
Se dos labios lhe foge a *sigadilla*  
Acompanhada ao som da *guitarrilla*,  
Tangida com ardor,  
O seu olhar mais fulge e mais se anima,  
E como que a pupilla se illumina  
Da luz interior !

Não ha quem rivalise com Pepita  
 No *tango*, no *bolero*, emfim na *dança*,

Tal como é na Hespanha !

E quando no volteio a sáia agita,

É quasi uma visão, uma criança

D'uma alegria estranha !

.....  
 .....

Desde então lhe chamaram *la hermosa* !

Os *hidalgos* a 'querem para esposa,

Enchendo d'oiro a mão....

Pepita não aceita mais que a esmola,

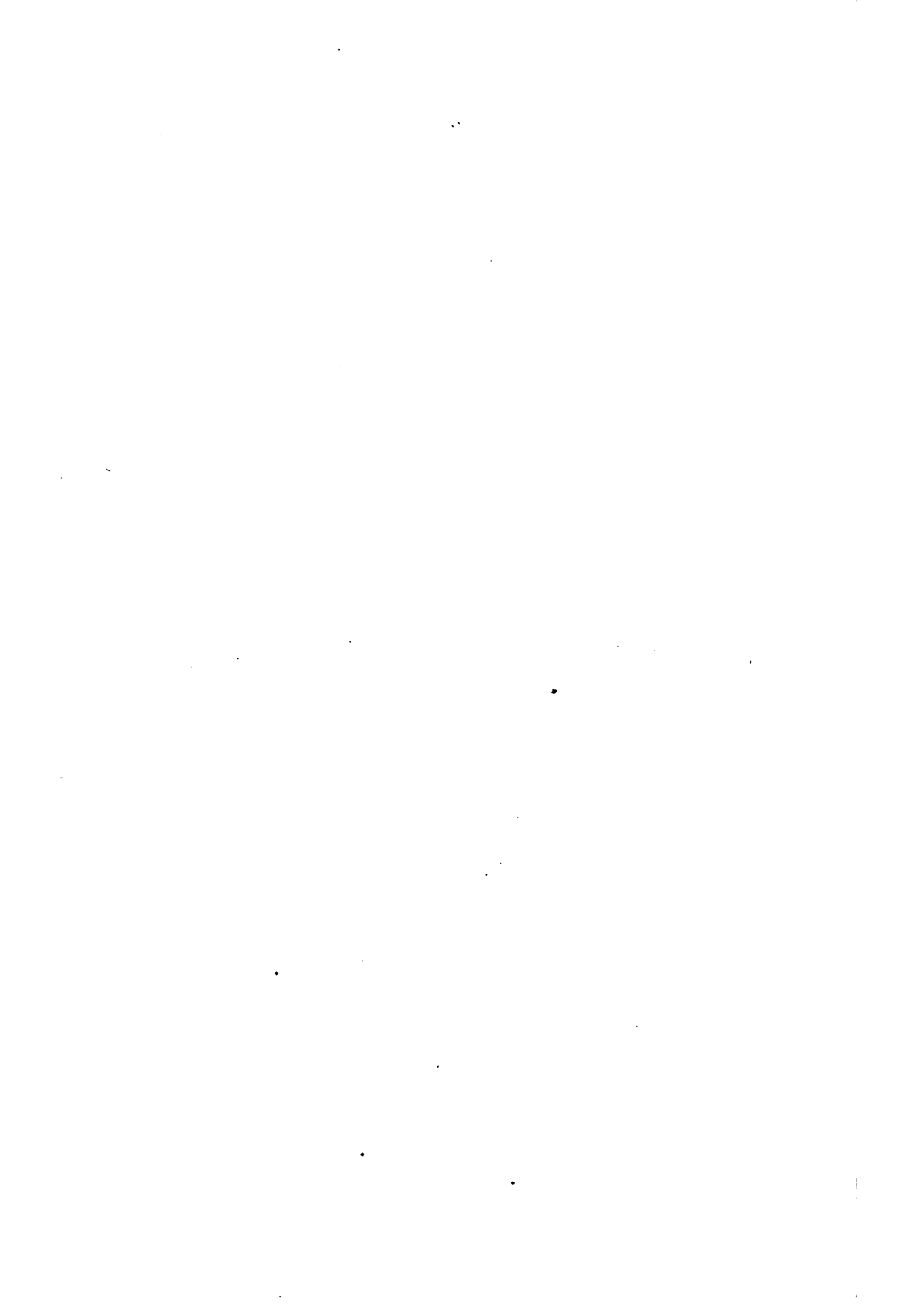
E diz que nunca póde uma hespanhola

Vender seu coração..."

• •

---





## CANDIDO DE FIGUEIREDO

### I

## QUADROS CAMBIANTES

COIMBRA, 1868

O anno litterario de 1868 não pode dizer-se de safra; mas esteril, tambem não. D'entre o muito joio, que houve, os seareiros ainda lograram estremar alguma espiga de boa medrança e melhor grão; e no mercado não houve a escassez, que em outros annos se sentiu.

Candido de Figueiredo, que se não descuida, e já de ha muito anda empenhado, e com proveito, no cultivo da poesia, veio expor nas alpendradas da sua ermidinha litteraria (que em pouco será templo sumptuoso e magnífico) alguns fructos saborosos de sua lavra; e muitos dos que passavam por alli, quedaram para lh'os admirar. Mendes Leal, J. Silvestre Ribeiro, Pinheiro Chagas, Simões Dias, Castilho, Xavier Cordeiro e não sabemos quantos mais apreciadores do que existe de bom em poesia, sahiram-se fóra de suas testadas para calmarem de sau-

dações o novo operario; e que bem lhe ficavam a elle, joven poeta, que verdadeiramente as merecera!

Sem mais relações do que as provenientes da matricula na mesma irmandade litteraria, aquelles escriptores eram desconhecidos de Candido de Figueiredo; d'onde parece promanar a imparcialidade do elogio. Entretanto, bem podia ser que o juizo d'elles não fosse sincero, não fosse recto. E temos d'isto eloquentes suspeitas; porque muitas vezes alguns d'elles temos visto gabar o que só merece censura. Demoremo-nos pois neste ponto.

Elogio que não venha contraprovado pela censura, é um favor; porque ninguem ha de dizer que um escriptor principiante, como Candido de Figueiredo, sómente dê motivos para elogio e nenhuns para reparos. Não apontar defeitos a quem deseja evital-os — é egoismo. Elogiar por systema é requintada perfidia. Favores em critica não se fazem:

Egoismo repugna ás almas bem formadas. Perfidia todos abominam. Estes são tambem os sentimentos de Candido de Figueiredo, porque temos tido occasião de o conhecer de perto. O que elle quer, como nós, é franqueza e lealdade; e se alguem tem stricta obrigação de ser sincero, são aquelles que o merito ou a fortuna pozeram á frente d'esta pequenina cruzada, que se aparelha para a conquista do futuro. Para que ha de este senado, esta especie de conselho amphictyonico, dar-nos o signal de com-

bate e julgar-nos promptos para a lide, se nós ainda não lustrámos a cota e a lança, se o alfageme ainda nos não deu prompta a partazana? Accusem-nos a inercia, preparem-nos com instrucções, armem-nos convenientemente, habilitem-nos com o estudo regular, e depois partiremos consciOS do infallivel triumpho. Fazer o contrario é expor-nos á derrôta, á cilada, á ignorancia. Um pequeno obuz, contra nós abocado, nos destroçará no mais leve recontro.

Deixemos, pois, o que disseram do auctor do *Anjo martyr*, e vamos ao que devia dizer-se.

Nos fins do anno passado Candido de Figueiredo foi a Coimbra publicar uma collecção de poesias liricas, a que deu o modesto titulo de *Quadros cambiantes*, titulo que elle justifica no prologo.

É força dizer que este livro é o melhor dos tres que o auctor tem publicado.

Os *Quadros* lhe deram o nome que já tem o novo poeta, e nome glorioso; porque *este livro é uma aurora*, como diz Mendes Leal.

Poucos poetas em Portugal se estreiam assim; e todavia a seu auctor ouvimos dizer — que uma boa terça parte das produções allí colligidas, de boa mente as retiraria, se agora tivesse de reimprimir aquella obra. Isto denota melhora de idéas, progresso, e estudo. Todavia encontramos na collecção poesias dignas d'este nome e — coisa notavel — as melhores são todas aquellas em que o poeta não

imitou. Abandonado á sua propria inspiração, norteado pelas luzes de seu grande genio, Candido de Figueiredo vòs por si tão alto, que mais parece um poeta já feito, do que um escriptor principiante. Entre as poesias, que estão á altura de Candido de Figueiredo, namora-nos aquella que se intitula *Em fim!*

«Sacrilegos!.. Julgaram que os altares  
podiam arrancar-te do meu peito,  
como se um dia fosse dado aos mares  
sahirem do seu leito!

Sacrilegos! quizeram que uma estola  
legitimasse uma união maldicta!..  
Maldicta, sim! o astro que vae e rola  
na abobada infinita,  
que vão casar-lhe os limos cá da terra  
o brilho que elle encerra...

E comprem-te por oiro! e ha quem diga  
que uma estola doirada prende e liga  
corações que jámais se comprehenderam!  
Mentira! Esses que os braços teus prenderam  
a um seio frio, frio, enregelado,  
venham rasgar meu seio,  
e cá dentro verão as tuas lagrimas;  
e cá dentro verão os risos teus,  
risos e prantos com que a aurora veio  
matisar-me as alfombras da existencia;  
e aonde um anjo verte uma só lagrima,  
e aonde latga as flores d'um sorriso  
lá fica a sua essencia!

Se ás vezes de mim foges e te occultas  
 quando a ti ergo os olhos magoados,  
 não é porque em teus seios jaspeados  
 o amor já não se albergue: é porque as lagrimas  
 podem trahir-te á face d'este mundo  
 que nos abysma num penar profundo !»

Esta poesia, de que transcrevemos algumas strofes, tem para nós um grande merito, porque é a chave d'um segredo intimo, e ao mesmo tempo explica toda a alma do livro.

Na vida de todos os poetas do coração ha uma quadra heroica e de aventuras tão profundamente sentidas, que a poesia jorra a flux em ruidoso Niagara de espuma, luzes, crystaes e flores; sustêr-lhe a impetuosidade é um milagre; deitar-se a gente no dorso d'esse turbilhão effervescente é o mais natural. Candido de Figueiredo não pôde subtrahir-se ao fatalismo d'essa magnetica perspectiva e escreveu, a grado de sua inspiração, as poesias *L'amour c'est la vie*; *Os meus desejos*; *Vinte annos*; *Tu*; *Adeus*; *Saudades*; *Iris*; *Ciumes*; *Flores da tarde*; *Folhas do Outonno*, e outras sentimentalissimas endexas, que a nosso ver retratam uma quadra, que mais terá occasião de gozar quem tão ao vivo a retratou.

Perdôe-nos elle, se somos indiscretos no que vamos dizer. O homem não tem sómente estomago. O coração tambem possui certas exigencias, que em vão a cabeça tenta dissimular. Supponham um poeta num

cemiterio, queremos dizer, num seminário; encerrado em uma cella, vigiado por um esbirro, que tem o lisongeiro nome de prefeito; prohibido de ler as *impiedades* de Byron e Musset; constrangido a decorar o Larraga e o Scavini; amortalhado em uma sotaína jesuitica e negra como a propria morte; atrelado de vez em quando á oração sacrilega dos cenobitas pela corda d'uma sineta estridula; imaginem-no assim a gemer noite e dia em trevas, sem conhecer outra luz, senão aquella que de continuo flameja nos olhos encolerisados d'um jesuita; e digam-nos se Tântalo soffreu mais? Para d'algum modo illuminar este quadro, pintem, a distancia do claustro do nosso captivo, uma janella que parece uma moldura, e no interior... a heroína do Goethe, como a formosa Madona em um nicho gothico; e digam-nos depois que tão abstinente Joseph teria o mundo, que deixasse a capa nas mãos de tal egypcia? Vós todos, que sabeis o quanto a prisão estimula o desejo, comprehendereis a intensidade d'aquelle affecto reciproco, e o desespero de duas almas a voarem uma para a outra sem esperanza de se abraçarem! Pensae nisto, e tereis o segredo d'estes versos:

«Nas brancas azas te libra,  
salva o dorso do escarceu,  
nos espaços te equilibra  
e vem pairar no meu céu !

.....

Já que um barbaro supplicio  
nos furta afagos d'amor,  
junctemos o sacrificio,  
sejamos irmãos na dôr!»

Agora meditaes no desfecho d'este drama. Aquella imagem inspiradora é arrojada aos pés d'um altar e d'um padre, e uma *estola dourada* amarra logo ali dois corpos ao mesmo trambolho social, como ao jugo se amarram dois vitelos, que se odeiam e ameaçam. A poesia *Emfim* é o ultimo canto d'este poema de lagrimas.

Afóra estas composições em que predomina esta ideia capital, e que fórma o que o livro tem de melhor, apparecem outras de menor tomo, se taes são alguns versos feitos para satisfazer pedidos, e se taes são imitações e traducções. Mais ou menos se resentem do logar, da occasião e das circumstancias especiaes do auctor. O estylo de Thomaz Ribeiro, conterraneo de Candido de Figueiredo, o modo poetico de João de Deus, e sobretudo o mysticismo de Lamartine, transparece visivelmente nos *Quadros cambiantes*. A ideia de Deus, inspirada talvez pelos livros que manuseava de continuo, intercala-se em quasi todos os versos do auctor. Seria isto originado tambem pelos excessos mysticos de Zorrilla, Espronceda, Catharina Coronado, Trueba e todos os poetas hespanhoes? Creio que não. Candido de Figueiredo quer desculpar-se e justificar-se com as aleivosias de seus directores



de claustro, que podiam accusal-o de impio, como os Clarets de Hispanha chamaram ao Castellar e a Olosaga, e os jezuitas de Portugal chamam aos crentes no progresso e na liberdade.

Os *Quadros cambiantes*, olhados assim, têm muito valor litterario, e reduzidos a uma terça parte formariam um livro perfeito no seu genero. Até a independencia do poeta lyrico, de que tanto falla o Hegel, neste livro não falta. O poeta não se prende com o que d'elle dirão, e escreve o que sente. O que sente, sim; porque Figueiredo não é nenhum Petrarcha choramingas, que phantasia dores e Lauras. Nisto se parece com Victor Hugo nos *Infants*, com Lamartine no *Joelvn*, com Valmore em todas as suas poesias domesticas, e com Musset no *J. Rola*. Candido de Figueiredo quiz ser ecletico, e para assumpto escolheu alguns quadros da natureza, em cuja descripção fez gemer a lyra dolente de Bernardin e Orphen; alguns de religião, traduzindo psalms e foreejando por acordar o esquecido nebel de Jeremias, — e alguns outros puramente comicos, fazendo estalar a cachinada estridula de Marcial e Tolentino. A maior parte, porém, versa sobre amores, que é o assumpto mais proprio dos 21 annos, e que nunca chegará a gasta-se, por mais que os atafoneiros laborem.

Como poeta lyrico, Candido de Figueiredo estreitou-se bem, e damos-lhe os merecidos parabens. Cremos que o seu nome ha de figurar vantajosamente na

lista dos poetas da geração nova. Esta fé não será desmentida, porque o poeta é trabalhador.

Desejámos contudo que elle escolhesse assumptos sociais e não individuaes, como tem feito. Nós não precisamos de contar tristezas em publico, nem, paraphrasear psalmos, nem desmaiar de amores, nem eu sei cá? de mil coisas que lisongeiam appetites. Mais alto é o fim da poesia, tal como a pôde conceber Tyrteu. Cante as agonias do seculo e as suas aspirações; pregue a caridade e as virtudes civicas do Direito; e quando as lagrimas lhe acudirem, recolha-as para si, que o mundo não está para commiserações. Desculpe a rudeza do nosso pensar. A experiencia é que nos aconselha. Quem tem talento, tem obrigação de empregal-o bem. O seculo não vae para trovas e cantares, senão para remedio no presente e coragem para arrostar o futuro.

Cante a sociedade e esqueça-se de si.

Os filhos da patria precisam de *Allons* de Beranger; haja quem o entôc.

## II

E lá nos iamoz esquecendo do *Anjo martyr*. Desculpem; tudo é fallar do auctor. A respeito d'este poema desejámos não fallar, não porque elle des-

honre quem o escreveu, mas porque não é a medida do auctor. O assumpto foi-lhe dado como aos *outeiristas*; se dava o mote para a glosa; e, quando o escriptor se vê constrangido a seguir as pantas que outrem lhe veio traçar no papel, que temos a esperar d'elle? Só se for o trabalho mecanico da photographia, se se fór a copia do modelo que lhe propozeram. O genio que dá vida, evoca e illumina o typo, desaparece. Resta o constrangimento do artista e não raras vezes a imperfeição d'um trabalho que não sentimos, porque não é nosso filho.

Avaliar um poeta por uns versos encommendados, vejamos se ha coisa mais triste...

O protagonista d'este poema é uma creança de cinco annos. Seu pae levou-lh'o a peste, sua mãe levou igual caminho.

O pobre anjito, orphão de pae e mãe, corre instinctivamente á igreja, e vendo-se sósinho no mundo, morre ás portas do cemiterio á fome e ao frio.

Como se desempenhou o artista d'esta missão? Como pôde. Pintou as alegrias proprias dos cinco annos para estabelecer o contraste com as lagrimas de Luizinha, que anda de porta em porta esmolando para sua mãe enferma; a respeito da caridade então um hymno social conveniente e necessario, carregando as sombras do quadro com a descripção do casebre onde a febre asphyxia a mãe enferma, tece alguns dialogos entre a criança e a mãe, e por fim abrevia

o desenlace da acção pela morte da enferma, e remata com o passamento de Luizinha. O assumpto é para um idyllo curtinho, tão sómente. Estendel-o, como o fez o auctor, a um poemeto de 52 paginas, parece-nos coisa de difficil execução. O resultado foi demorar-se excessivamente nas descripções, faltar por vezes ás exigencias dramaticas, retardando os lances, e consumir estancias e estancias recomen-dando a caridade. Até o epitaphio de Luizinha não faltou.

Estes defeitos, repetimos, não os attribuímos a Candido de Figueiredo, mas ao assumpto, que se não prestava ao poema dramatico.

Agora, considerando o *Anjo martyr* em cada uma de suas estrophes, e analysando-as de per si, encontramos poesia verdadeira na ideia e bastante correcção na fórma.

Este ultimo predicado é uma das vantagens do auctor dos *Quadros cambiantes*. A rima, em geral, é abundante e poucas vezes descáe da perfeição. Dizemos «poucas vezes» porque no *Anjo martyr* encontramos a pag. 13 *innocentinha* a rimar com *Luizinha*, defeito que nos seus livros é frequente e por vezes escandaloso, como na oitava da pagina 42, que diz assim:

«Vós que fazeis que a profuga andorinha  
quando vae em demanda d'outro clima,

em pleno mar encontre rochasinha.  
 onde a avezinha se realenta a anima  
 não deixareis que triste e só, Luizinha,  
 não tendo quem a guie lá de cima,  
 ao cruzar innocente o mar da vida  
 poise cançada na onda entumecida!...

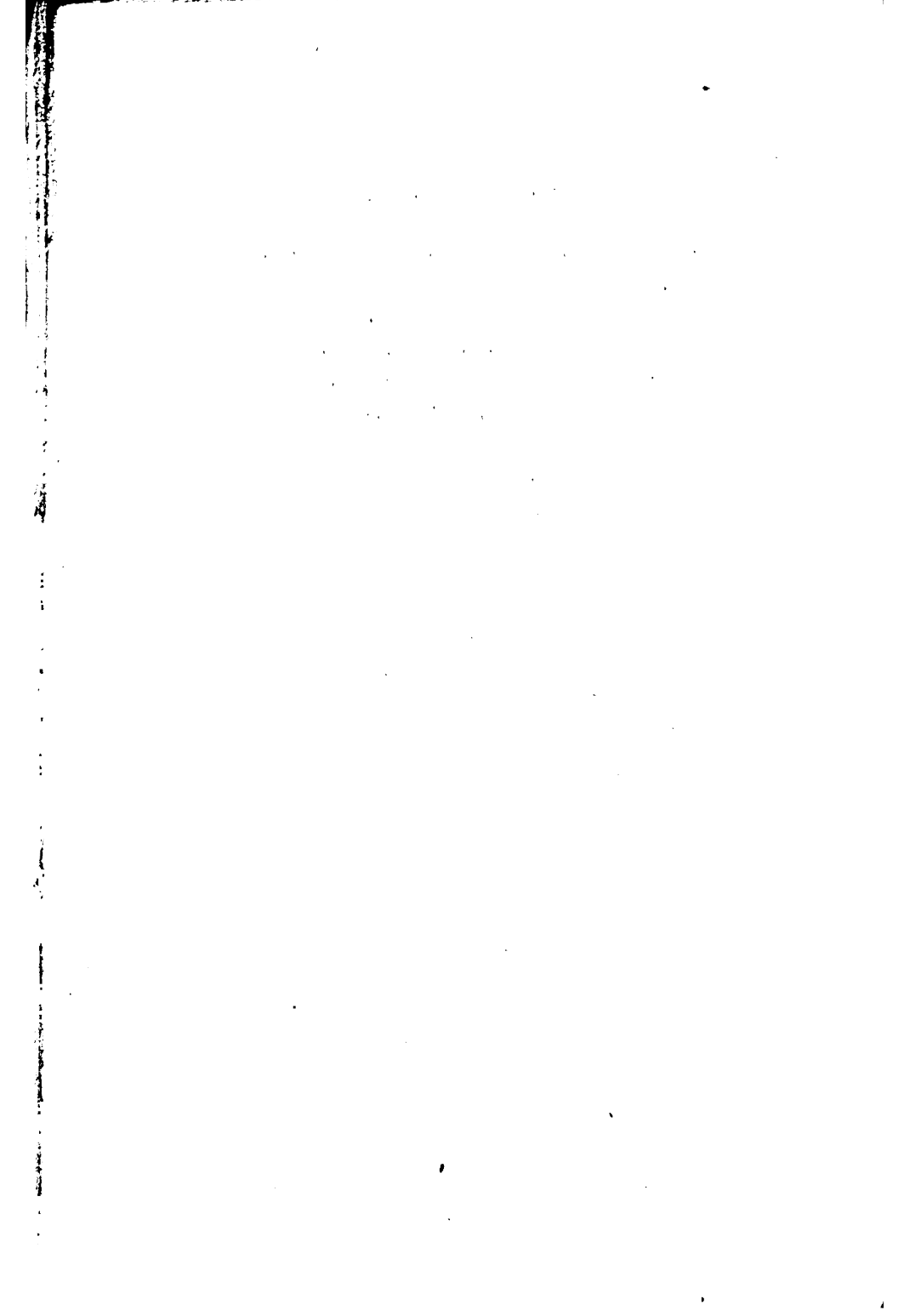
lém da pobreza da rimra, vejam na mesma es-  
 ia o predomínio do accento nos ii, defeito que  
 uma pouco primeira estrofe da pagina seguinte.  
 tambem nos desgostou alguma imitação, que no-  
 os, similhante áquella da pagina 11 «vae-se-nos a  
 a em delírio» que é um verso de J. de Deus.  
 estes defeitos de tão pequena mōta, que nem  
 isto devemos gastar papel.  
 Em conclusão: os livros poeticos de Candido de  
 ueiredo são uma estreia esperançosa. Superiores  
 muitos livros de versos, que a imprensa tem elo-  
 do mais do que ás obras de Candido de Figuei-  
 », os Quadros e o Anjo martyr não asseguram  
 ostentidade ao auctor.  
 filhos de uma escola, que é falsa em seus prin-  
 os, hão de morrer com ella: O nome do auctor  
 sobreviverá, porque tem muito talento e genio  
 tudo.  
 las circumstancias especiaes do auctor, sem me-  
 s, sem livros e sem convivencia, ninguém faz  
 s.

D'aqui concluimos, que irá muito longe, quem tão bem se estreiou.

Tudo quanto tem feito está abaixo do seu talento, cuja robustez de perto conhecemos.

Aguardamos a publicação de algumas obras do mesmo auctor, e veremos se então podemos assignar-lhe logar na poesia contemporanea. Estamos certos de que, em breve, Candido de Figueiredo será um dos nomes mais gloriosos da revolução litteraria, por que vamos passando.

---



E. A. VIDAL

---

## CANTOS DO ESTIO

LISBOA, 1868

A opiniões antecipadas raramente se esquivam os espiritos ainda os mais despreocupados.

Poeta, para nós quasi desconhecido, nunea o tivemos em grande conta, o auctor dos *Cantos do Estio*. Diziam-nos de longe e de perto, gregos e troianos, que Eduardo Vidal não passava de discipulo ou imitador servil de Bulhão Pato.

Ora, o auctor da *Paqueta* não nos deve lá mui lisonjeiro conceito, porque da *Paqueta* apenas uma carta da heroína a Pepe, a *malaguena*, e pouco mais, dão logar a saudações conscienciosas. D'ahi tiravamos nós que não lançaria longe a barra um athleta provado em tão estreita arena.

Enganámo-nos, porque nos enganaram a nós. Lêmos os *Cantos do Estio*, e, se entre Pato e Vidal houvesse relações de aprendizagem, inverteríamos a informação official, e diríamos que discipulo de



Eduardo Augusto Vidal era Raymundo de Bulhão Pato.

Se nos *Cantos do Estio* encontramos festões, que recendem o aroma indeciso de algumas flores ephemerias de Bulhão Pato, por certo que a *Beatriz*, *Uma noite de verão*, a *Laura*, o *Futuro*, não são pimpolhos enxertados nos pomares de Bulhão Pato: ora nos lembram o *D. Juan* de Byron, ora o *Diablo-mondo* de Espronceda, já a *Confession d'un enfant du siècle* de Musset, já os cantos livres do desditoso Alvares de Azevedo. Não ha imitação: ha camaradagem e communhão de crenças no banquete do seculo, e a mesma luz a diffundir-se em raios.

Apesar de tudo, Eduardo Vidal não comprehendeu devidamente o *Namouna* de Musset, obra que elle tomou para modelo de muitas composições; ou, se o comprehendeu, não pôde vasar no papel aquella graciosissima naturalidade do *Namouna*.

É por isso que, em geral, preferimos nos *Cantos do Estio* as composições em que o auctor se esquece do modelo, e deixa correr a pennia ao gráo da sua indole verdadeiramente lyrica, sentimental e cheia de aspirações.

Aspem dos *Cantos do Estio* um terço dos versos, e terão um livro de poesias, digno de entrar numa bibliotheca escolhida.

Esse terço dos versos cifra alguns d'aquelles que datam d'uma época, em que o auctor tentava ainda

desferir o vóo para os céus anilados da poesia, e outros em que o desleixo da forma não encobre a tibieza do pensamento.

Já que estamos em via de apontar desacertos, notaremos um *galimatias* imperdoavel, que se lê a pag. 4:

— *“Eis, pois, o nosso destino;  
Que importa qual seja a sorte?”*

Em pontos de linguagem, é Eduardo Vidal apurado, escrupuloso e talvez classico. Duvidamos porém da vernaculidade do verbo *fitar*, empregado por elle a miude com a significação de *olhar*. Em vez de dizer:

*“Erguia então meus olhos  
Para fitar os teus.”*

deveria dizer:

*“Erguia então meus olhos  
Para os fitar nos teus.”*

Pelo que respeita a metrificacão, Eduardo Vidal roça pelo escrupulo dos mais insignes metrificadores, se bem que uma vez o verbo *apparecer*, e outra ou duas a palavra *querida*, pela falta perdoavel d’uma apostrofe, dêem ao verso uma syllaba de mais. Além do quê, é errado o segundo d’estes versos:

*“Não! a damnada vibora  
.....  
Nasceu te, ó Cleopatra,  
No inferno das caricias.”*

Defeituosos são também os versos alexandrinos da pagina 126, datados de 1860, quando o poeta não sabia talvez ainda que, para a perfeição dos versos aludidos, não basta o constarem de doze syllabas, mas que é também mister principie na 7.<sup>a</sup> o 2.<sup>o</sup> hemistichio, quer a primeira d'este soffra ou não elisão na ultima do antecedente. Assim, é perfeito este:

«Eis-te mulher esposa : a donzelinha d'hontem, etc.

É já defeituoso est'outro:

«Quando este céo que esplende nos convida aos sonhos.»

Haja vista o segundo dos versos que seguem, e terminem nelle os poucos reparos, que fazemos ao livro de Eduardo Vidal:

*«Como esse par venturoso*

*«Que andara fugindo ao inverno.»*

O *amor* é a idéa que domina o livro, é o sonho favorito do poeta, é o anjo que lhe vibra a um tempo todas as cordas da lyra intima, fazendo ecoar ao esplendor do sol e á luz da lua, cantos alegres, endeixas lagrimosas, ternos idilios, serenadas folgasans. A lyra, consagrada hoje ao culto do deos loiro, ha de um dia espalhar suas notas por todo o templo da natureza, onde cada homem é um altar e cada pensamento um idolo. Contentemo-nos por

ora com as promessas do *Futuro*, e remiremo-nos em quadros como este :

“..... Eu quero em minha fronte  
Uma c'roa de lyrios ; em meus braços  
O meu anjo infantil ; sobre os meus labios  
Um beijo ardente e longo ; e o mundo inteiro  
Que desabe em redor : feliz e altivo  
Hei de viver de amor entre as ruinas !”

É o pensamento do velho Horacio :

— “Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum ferient ruinae.”

Ao diante, parece entrevêrem-se umas fôrmas indecisas, umas roupagens fluctuantes ao bafejo das tepidas brisas do sol-posto, quando lemos :

“Hoje, sento-me á tarde, olhando as nuvens  
Que vão correndo alem :  
Como as nuvens, meus sonhos incantados  
Eu vi fugir tambem.”

Depois, lembramo-nos saudosamente de *Manuela Rey*, d'aquella criança loira, que endoidava quantos a ouviam no palco, e quantos lhe entreviam, através o angelico e franzino das formas, o genio tão precoce quanto malfadado ; lembramo-nos de *Manuela*, quando levamos os olhos por estes maviosos

versos, que ella recitava em a noite do seu ultimo beneficio :

«Ai, meu amor, meus risos,  
Minha ventura immensa,  
Anjos da minha crença,  
Rosas do meu jardim,  
Sol que me dêste alento,  
Manhã sempre florida,  
Vida da minha vida,  
Porque morreste assim!

Ai, Deus! desfez-se o incanto  
Que eu crêra immenso e eterno;  
Meu sol foi sol de inverno,  
Que aponta e que se esvae.  
Sumiu-se o alvor ethereo  
Do meu viver risonho:  
Acordo em fim de um sonho,  
E acordo ao som de um ai!»

O *Futuro*, se não é a mais bella, é a melhor poesia do livro. Oçam um fragmento :

«Deixae, deixae quebrar-se este implacavel somno.  
Crescem na solidão fructos de opimo outono,  
Que os homens de amanhã têm de ir colher sorrindo;  
O bello ha de assomar, o bem-virá florindo:  
Quem vacilla é traidor; o mote da bandeira  
É liberdade e luz. Etc.»

À luz da liberdade desmedre pois o poeta, para junctar seus cantos á epopeia do progresso, que é a *Iliada* dos tempos que lá vêm!

---

ERNESTO PINTO DE ALMEIDA

---

NARRATIVAS POETICAS

PORTO, 1868

Muito ha que não vimos uma impressão mais nítida, que a das *Narrativas poeticas*. Realmente, se os arrendados interiores, os capiteis, as columnatas, correspondessem á magnificencia do portão do edificio, o livro de Ernesto de Almeida não desmerecia a sorte dos versos de Alvares de Azevedo, versos que as damas brasileiras expunham ás suas visitas, como se expõe um album preciosissimo. Infelizmente para nós, o poeta brasileiro ficou acima do poeta portuguez, e o ingenho de Ernesto de Almeida ainda d'esta vez não elevou o nome d'este poeta até onde se podia guindar, mais discretamente dirigido. Abramos o livro aos olhos do público.

O volume abrange sete poemetos que se intitulam: *Flor do Herminio; A casa branca da azinha; Ondas malevolas; Lagrimas e auras; O filho do assassino; Nupcias de fogo; e O anjo da eloquencia.*

apto de cada um dos poemas é trivial, e  
 effeito, exceptuando-se o das *Nupcias de*  
*do Herminio* não é uma criação gigante,  
 aia com o inchado, e, ás vezes, nobreza  
 a fôrma destôa da singeleza do assumpto.  
 ho, cansado pelos annos, serve-lhe de ar-  
 eto e uma neta; o velho perde-se uma noite  
 osos reconcavos do Herminio, e o cansaço  
 pros tram-n'o com o neto naquelles desvios  
 a distancia da cabana onde a neta o espe-  
 ceia frugal. Mas, em vez do velho, só ba-  
 ta o fiel rafeiro, uivando triste. Maria, a  
 terminio, interrogou, comprehendeu o po-  
 al, e acompanhou-o, pelo escuro da noite,  
 brir o pobre velho. Estava livido, da livi-  
 orte; Maria debruça-se-lhe sobre o peito,  
 la com o seu affecto e com o calor do seu  
 velho como que resuscita.  
 sa branca é mais trivial o assumpto: o  
 naide namora a lavadeirinha da Casa bran-  
 a, esquece-a depois, e ella morre de penas  
 ndas malevolas é tudo fantastico: o laitor  
 s amores desesperados do protagonista, que  
 l'um rochedo á beira-mar dirigia impreca-  
 navio que lhe levava a traidora amante e

o feliz rival. O que se sabe é que Deos ouviu as imprecações, e que o par fugitivo appareceu morto na praia, victima d'um naufragio.

*As Lagrimas e auras* são o transumpto d'um d'aquelles estafados contos da Palestina, em que o heroe deixa na patria a amante, e sai em cata de aventuras em paiz de infieis, e volta um dia ao casal paterno, com as barbas crescidas, e involto em habitos estranhos, surprehendendo os que já não criam na sua volta. Ernesto de Almeida teve porém o bom senso de, em vez de mandar o seu heroe á terra sancta, mandal-o ao Brazil a opulentar-se de oiro, que bem mais vale hoje em dia que todas as glorias dos cruzados; mas lá vem elle depois, Alfredo, o heroe, bater desconhecido á porta do seu casal: não teve perigos de guerra entre os infieis, mas luctou com as ondas do mar. O mais notavel é que Alfredo confiava tão pouco na sua estrella, que, ao desfazer-se o baixel, entregou a um amigo o anel da sua Magdalena, para que lh'o entregasse a ella, caso chegasse um dia a porto de salvação — como se diante d'uma tempestade se não devesse de considerar egual a sorte de todos os tripulantes, e Alfredo não devesse de conservar consigo sempre o penhor dos seus amores! O facto é que o amigo do heroe escapa do naufragio, e, antes de Alfredo se salvar tambem, em cima d'um mastro, já Magdalena possuia o anel, sem es-



perança de ver o seu companheiro da infancia! Os poetas fazem d'estes milagres.

O *Anjo da eloquencia* é um retrato. Não conhecemos o original, e por isso não podemos avaliar a fidelidade da copia.

Agora, no *Filho do assassino*, já se encontra um fim social, um plano não vulgar, e scenas dispostas na devida ordem. Ha ahi o anathema da poesia, fulminando os prejuizos da sociedade, que expelle do seu seio uma alma boa e dedicada, mas que teve por pae um assassino!

As *Nupcias de fogo* são uma pagina da historia das Hespanhas, em que a inquisição desempenha o papel mais horroroso da historia universal. Em o nosso caso, o inquisidor D. Nuno, movido por desejos libidinosos, quer seduzir Julia, a amante de Carlos. A donzella resiste aos afagos de D. Nuno, mas não resiste á força dos esbirros. No carcere é torturada a innocente em nome da religião; mas a causa sabia-a ella e D. Nuno. Por amor de Carlos, soffre Julia os maiores tormentos, mas não accede aos desejos de inquisidor. Este, por sua parte, segundo antigas praxes, não podia deixar impune tão insolita resistencia: Julia é queimada num auto de fé. Mas o amor dá forças a Carlos: na fogueira estava a noiva, faltava o esposo. — Carlos abeira-se do logar do supplicio; ouve os gemidos da victima, e

- precipita-se nas chammás, onde consummou seu noivado de fogo.

Ernesto de Almeida sabe o que foi á inquisição, e por isso escreveu elle os seguintes versos :

«Do auto de fé quadro sinistro, infando,  
Ante esse povo ora exhibir-se vai...  
Fallece a phrase, tanto horror narrando,  
Das mãos a penna, vacillante, cáe.

Horrendo quadro de paixões terrenas;  
De hypocrisia, de ambição brutal,  
Que homens transformam em ferinas hyenas,  
De Deos em nome consagrando ao mal !

Vis assassinos, canibaes ferozes,  
Que, do grão Martyr conspurcando as leis,  
Erguem com benções seu dominio — algozes ! —  
Sobre os terrores imbecis dos reis !.....»

O quadro não está desenhado com mestria, mas avultam nelle uns pontos negros que formam o seu fundo de verdade.

Mas deixemos horrores e sangue; voltemos algumas paginas atrás, lembremo-nos da luxuriante vegetação das terras de Sancta Cruz, e leiamos estas estrophes :

«De mil prodigios mãe, radiante de belleza,  
Dos sonhos orientaes formosa huri, louçã,  
Campeia alli ovante, altiva a natureza,  
Que assim devia ser do Eden na manhã.

Emanam d'este solo aromas, sons e flores,  
 — Maravilhas a flux que o vil mortal não diz —  
 Flóreas matas sem fim, aves d'iríadas côres,  
 Rios rivaes do oceano, e collossaes reptis.»

Estes versos dão-nos uns longos de alguns dos melhores alexandrinos de Thomaz Ribeiro; nos versos d'este poeta ha por certo mais colorido, mais matizes, mais aromas; Ernesto de Almeida, porém, sobreleva vantagens a Thomaz Ribeiro, em quanto consagra mais d'alma a sua musa ao culto do pensamento, que assim o pede o seculo que vamos atravessando.

Vimos logo no principio d'este capitulo o merito ou demerito do livro no assumpto; passemos agora os olhos por alguns defeitos de fórma.

Na pagina onde se lêem os versos ultimamente citados, lê-se tambem:

«Longe da culta Europa alem nos amplos mares,  
 Floresco o rico imperio, etc.»

A pesar de o dizer Ernesto de Almeida, temos para nós que ninguem ficará crendo que é *nos mares* o florescente imperio do Brazil.

Na pagina 97 lê-se:

«Corria o estio calmoso,  
 O outomno envolto em tristeza,  
 A estação sombria e austera  
 Em que é morta a natureza.»

O estio e o outomno — dizem todos os almanaks, e dil-o todo o mundo — são duas estações, uma depois da primavera e outra antes do inverno. Cremos que o poeta não póde tanto nas coisas do mundo real, que reduza a uma as duas estações, como faz o auctor das *Narrativas*.

Vem a ponto citar aqui duas palavras de Pinheiro Chagas a proposito das *Narrativas poeticas*: «A gente ancea — diz elle — por um verso errado, como se póde anceiar por uma gota de agua no deserto, e o verso errado não vem.»

*O sancta simplicitas!* Pois Chagas tinha lá animo para notar um verso errado numa obra, a que se propõe tecer encomios! elle que viu como Antonio de Castilho passou por cima dos versos errados do *Poema da mocidade!* — Seria um destoar imperdoavel das theorias do mestre; e Pinheiro Chagas presa mais do que o seu nome estas pouco honrosas contemporisações.

Não admiramos pois que o illustrado critico não apontasse um verso errado em as *Narrativas poeticas*, e damos até de barato que elle o não encontrasse, a pesar de ler o livro.

A Pinheiro Chagas e ao publico ousamos nós porrem apresentar um verso, que se nos deparou na obra alludida, e que nós sustentamos ser errado, em quanto Pinheiro Chagas ou qualquer mestre não demonstrar que só é errado o verso que não abrange o devido nu-

mero de syllabas grammaticaes. Nós entendemos o contrario, e temos do nosso lado todo o mundo que não é leigo nesta materia. O verso é o que segue:

«Não véda chuva e neve o colmo que a encobre.» (Pag. 11.)

Alem d'isto, são defeituosos os seguintes versos:

«Que em teu throno coroadá de boninas.» (Pag. 5.)

«Que no affecto da irmã materno affecto achara.» (Pag. 13.)

Defeitos d'outra ordem são, por muitas vezes, a vulgaridade da expressão, em que o poeta descamba da altura em que se quer conter. Exemplo, o fecho d'estes versos:

«Eram entrados no sombrio valle;  
Juncto de annoso derrubado tronco  
Que a neve recobria, extincto, examine  
Jaz estendido o misero Francisco.»

Oçam ainda, pag. 96:

•Era uma familia honrada,  
— Era uma sancta familia —  
A paz dos justos serena  
No seu seio residia.»

E quereria o poeta rimar *familia* com *residia*?  
O que já agora está longe de duvida, é que o in-

genho de Ernesto de Almeida não se adapta nem adaptará á feição suave do idílio, e muito menos á poesia popular. Quiz metter a *Casa branca* no caminho do *Romanceiro* de Pizarro, mas os passos começaram logo tão deseguaes, que d'ahi a instantes já na *Casa branca* não havia sombras d'aquella naturalidade elegante de Ignacio Pizarro.

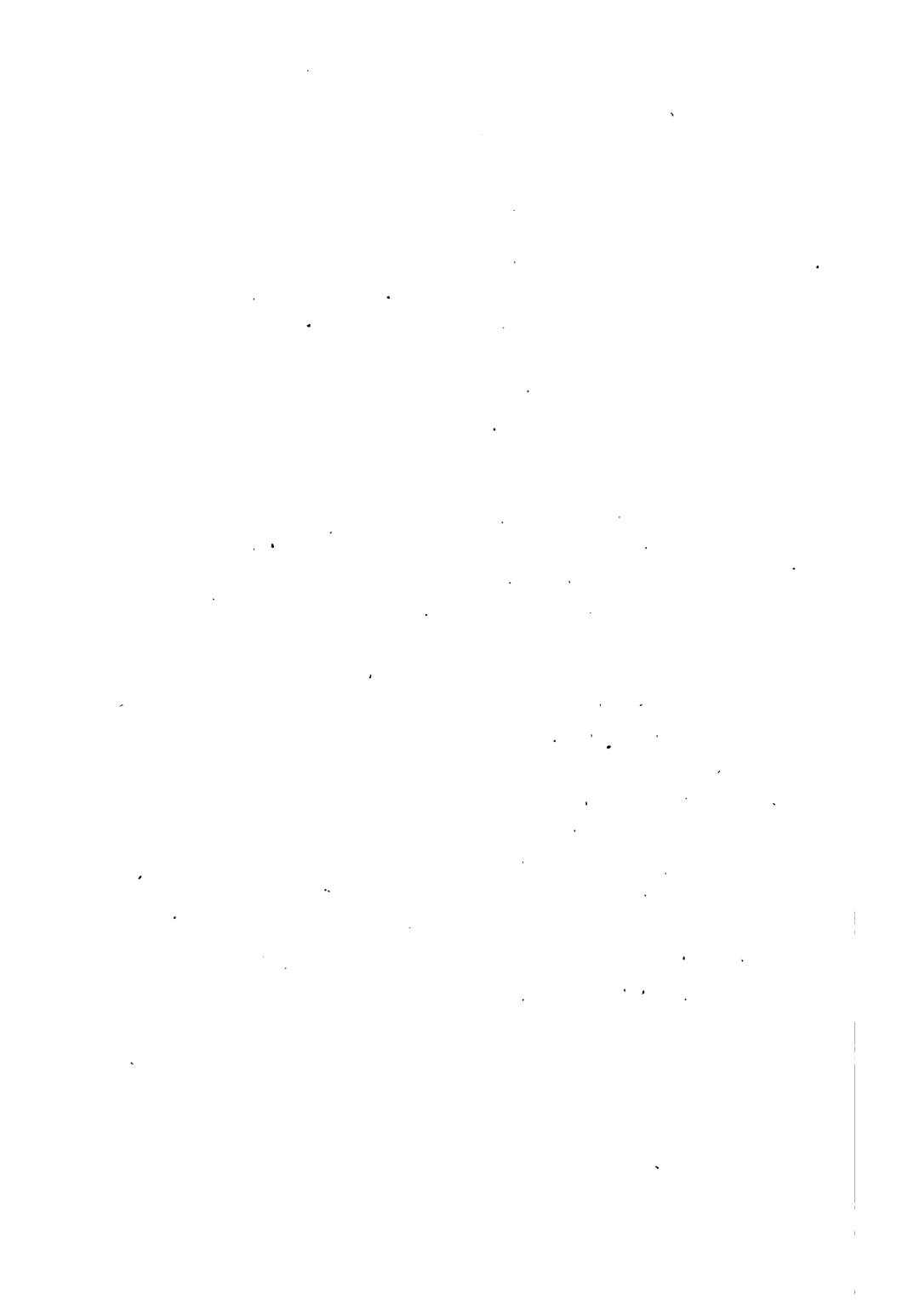
Mas o poeta, se continuar a ensaiar o vôo para mundos mais altos, que este dos idílios e trovas populares, não perderá nada, e até lhe agoiramos melhor futuro.

A pesar de Pinheiro Chagas dizer que a verdade e a singeleza são as duas fontes eternas do bello, nós pedimos venia ao illustre crítico para junctar áquellas duas fontes a grandeza, e dar até a preferencia a esta.

É verdade que do sublime ao ridiculo vai um passo; mas o poeta que se eleva do campo da poesia facil e rotineira, é mais digno de chamar a vista dos que amam o bello, do que os versistas ephemeros que passam a vida a cantar as borboletas e as volantinas da varzea.

Aos que não vêem na *grandeza* a fonte primaria do bello, responde-lhes o *Inferno* de Dante, o *Paraiso* de Milton, o *Hamlet* de Shakspeare, o *Cor-sario* e *Lara* e o *Childe Harold* do primeiro poeta d'este seculo — lord Byron.

---



## EUGENIO DE CASTILHO

---

### PATRIA

Contra a Iberia

LISBOA, 1868

Resmonearam por ahi sobre a fusão de Portugal com a Hespanha, e levantou-se de prompto a flor da nossa mocidade letrada, protestando contra aquelles que mirassem a roubar-lhe a independencia da patria. A patria é a nobre dama, por quem esta *ala de namorados* se apresentou na estacada, em frente do inimigo.

Encheu-nos de jubilo ouvir tantos brados de patriotismo, e não tremêmos pela sorte da patria.

Em seguida aos *Eccos de Aljubarrota*, de que logo falaremos, chegou-nos ás mãos o poemazinho patriotico de Eugenio de Castilho. Herdeiro de um nome que tarde esqueceremos, desmedrado á beira de quem fala a primor a lingua de fr. Luiz de Sousa, foi-nos bem vindo o poeta.

Bem dispostos em favor do auctor, começámos a leitura da *Patria*. Dissaboreou-nos porem, e, se nos



permittissem o anglicismo, *desapontou-nos* o primeiro verso. Effectivamente :

«Patria! meu Portugal! terra do nascimento!»  
 não diz nada. *Terra do nascimento* é-a também o Congo, o Japão, como o Egypto e a Siberia.

Continuámos.

Maior desgosto nos aguardava o quarto verso, onde o auctor nos diz que chora

«de ouvir pensar na Iberia!»

Era lá possível! Quando é que se ouviu o pensamento? Eugenio de Castilho não releu por certo aquillo; nem os seus intimos, que o obrigaram á publicação do poemeto, foram homens que lhe notassem o desacôrto.

Proseguindo a leitura, vimos que o auctor, havendo cahido desairosamente logo no introito do canto, se ia a pouco e pouco alevantando, revestindo-se de galhardia, e tentando afinar a voz pelos cantos de Beranger. De vez em quando, desagradava-nos uma ou outra exaggeração, uma ou outra emphase mal-cabida; mas logo o vôo tomava um curso regular, até que chegámos a este bellissimo trecho, que sobresáí em todo o poema, como as ilhas de verdura no Sahara deserto:

«Em cada valle em flor; em cada funda serra;  
 em cada monte ervoso, em cada noite escura;  
 palpita um coração, reluz uma alma pura,  
 que se ha de erguer leão de juba solta aos ares,  
 feroz, ameaçador, a defender seus lares.»

# GUERRA JUNQUEIRO

## I

### VOZES SEM ECHO

---

COIMBRA, 1868

O auctor d'este livro deve-nos sympathia, não pelo que escreve, mas pelo que ha de escrever, se a esperança nos vingar em fructos. — É um dos nossos moços estudiosos, que parece compenetrar-se do espirito e da indole do seculo, para não andar na piugada dos apostolos das escolas mortas e das escolas moribundas.\* O *Baptismo de amor*, de que ao diante falámos, abstraindo dos defeitos inherentes a uma estreia, accusa as sobremodo louvaveis aspirações do auctor, justifica o bom conceito que formamos do seu futuro, e parece traçado com mais firmeza do que as *Vozes sem echo*.

As *Vozes sem echo* têm algumas bellezas, especialmente na descripção de Jerusalem; mas, não falando dos primeiros versos do poemeto *Amor funesto*, que são, com poucas alterações, os primeiros versos da

*Ondina do Lago de Theophilo Braga*; contem paginas intoleraveis, como a poesia *A Hispanha*, dedicada a Victor Hugo.

Não enfastiaremos os leitores com a enumeração dos versos errados e defeitos grammaticaes que ha nas *Vozes sem echo*, porque, afóra outras considerações, o publico não se impressionou tanto com a aparição d'este livro, que valha a pena desvendar-lhe os olhos.

Somos severos? Só mol-o, porque tal o pede a justiça; e a critica é a justiça applicada ás obras da arte; é um templo onde se adora a verdade em toda a sua nudez, e nunca um vaticano, d'onde se espalhem indulgencias pela face da terra.

Mas, se hoje é este o nosso falar e o nosso sentir, nutrimos boas esperanças de um dia apertarmos a mão a Guerra Junqueiro, e bradar-lhe convictos: salvè, poeta!

## II

### BAPTISMO DE AMOR

---

PORTO, 1868

Ha muito que desadoramos, quando não detestamos, isto de apresentações litterarias, preambulos, juizos criticos, e tudo o que, á maneira de taboleta de loja de mercearia, mão estranha colloca á frente de tentativas litterarias. Em geral, tresanda-nos isso a orgulho, filaucia e certa intolerancia com que nos parece ouvir dizer ao apreciador: — Ahi vae o livro; lê-o, mas não o analyses, porque a analyse está feita, e a verdade digo-a eu.

Não estão, de todo em todo, neste caso as oito linhas e meia com que o insigne prosador Camillo Castello-Branco abriu o *Baptismo de amor* de Guerra Junqueiro. A apresentação não põe nem tira nada ao poemeto, e faculta ao leitor o livre exame, sem perigo de contradizermos o illustre romancista.

O *Baptismo de amor*, independentemente da apreciação de Camillo Castello-Branco, é um esboçosinho d'um dos quadros sociaes, que a arte moderna vae pendurando na immensa galeria d'este seculo essen-

cialmente revolucionario, e oscillando sobre a duvida entre dois abysmos — o mysterio do porvir e as crenças pallidas, que se esvãõ na voragem dos tempos. Presente-se ali um espirito investigador que estuda, vacillante ainda, os phenomenos caracteristicos das gerações hodiernas: e adivinha-se uma ideia que pode um dia tomar proporções collossaes, mas que se confrange por ora nos limites d'uma intelligencia novel e entre os desprimores do artista incipiente.

O enredo é frivolo e destituido de interesse; a metrificação e a rima defeituosas a revezes; e a expressão descamba a espaços pelo resvaladoiro do vulgar e do trivial da prosa chã.

Mas o fogo sagrado, *que os anjos chamam graça,* e os *homens genio*, revela-se por vezes; e pensamos em a *Noite na taverna* do grande poeta brasileiro, quando ouvimos aquelle brado, solto por entre o fumo da crápula, na embriaguez da orgia:

«Ouvís a tormenta rugindo lá fóra  
Mil cantos soturnos com tetrica voz?  
Eu amo a tormenta: cantemos agora,  
.....

Folguemos, que as ondas de gozo embriagam,  
Os raios corisçam, deixemos a dor;  
As rosas se murcham, estrellas se apagam,  
Gastemos a vida cantando de amor!»

## GUILHERME BRAGA

---

### ECCOS DE ALJUBARROTA

PORTO, 1868

Não sabemos se ha limites, e, se os ha, não sabemos porque, entre a litteratura de Lisboa e a de Coimbra e a do Porto. O certo é que chegamos, por exemplo, a Lisboa, falamos de Guilherme Braga, ou de Pinto Ribeiro Junior, ou de B. Wernek, ou de Cherubino Lagoa, e litteratos e localistas encolhem os hombros, como quem não conhece taes nomes. Mas se falarmos de Luiz de Araujo, de Manoel Roussado, de Marianno Fróes, vemol-os tirar o chapéu, como Newton, quando ouvia a palavra—Deos. A nós nos quer parecer que vem isso da proximidade do *Diario de Noticias*, ou de outra qualquer folha que se incumba de fazer reputações a troco d'um folhetim, d'um epigramma, ou d'um *calem-bourg*. Seja o que for, a nós incumbe-nos passar por cima d'estas pequeninas miserias, e mostrar o merito onde realmente o houver.

Guilherme Braga! Ora ahi está um nome, que não tem sido apregoado pelos clarins da fama, e

que vale bem mais que o de muita gente letrada, conhecida especialmente pelos cartazes magestosos em que annunciam suas producções.

Todos conhecem Alexandre Braga, o auctor das *Vozes d'alma*; pois Guilherme é irmão d'aquelle poeta, e tão poeta como elle. Guilherme Braga talvez possua mais sentimento de harmonia, e distribue melhor a luz no desenho dos seus quadros.

Uma prova do que avançamos, é o poemeto — *Eccos de Aljubarrota*, publicado ha poucos dias, ao levantar-se ahi essa poeira de dissertações sobre a união iberica.

O poemeto é dedicado ao rei de Portugal, e leva por thema aquelles versos do auctor das nossas glorias:

«Esta é a ditosa patria minha amada,  
.....  
A terra nunca d'outrem subjugada.»

Poesia e patriotismo — é o que se respira nestes versos de Guilherme Braga. O *allons, enfants de la patrie* de Beranger, repercute-se em todos os corações generosos, é e será em todos os tempos o mote escripto na bandeira de todos os que amam a sua terra. Oíçam o nosso poeta nacional:

«D'entorno á bandeira augusta,  
Filhos da patria, ajuntae-vos!  
Se inda tem sangrentos laivos,  
Nodoas de lama não tem !

Roma a viu no Herminio; a Hespanha  
 Nos campos de Aljubarrota;  
 E a França, em larga derrota,  
 No Bussaco a viu tambem!»

Depois a valentia da phrase toma novas propor-  
 ções, e fala assim ao rei:

«Quando o Mestre d'Aviz, nas campinas  
 Onde á patria esse templo se ergueu,  
 Abraçava o estandarte das quizas,  
 Já sagrado co'as bençãos do ceu,  
 Gladio e c'roa, em momento fadado,  
 Deos lh'os deu para escudo da grei!  
 Era o gladio nas mãos d'um soldado!  
 Era a c'roa na frente d'um rei!»

D'un só traço pinta eloquentemente o poeta o  
 estado da desditosa Izabel de Bourbon:

.....  
 «A rainha a desventura  
 Só deixa por cortezã.  
 Hontem, um reino e seus brilhos!  
 Hoje... só o esposo e os filhos!  
 Ninguém, talvez, amanhã...»

Depois:

«D'ahi, d'esse castello, olha o futuro... e pasma  
 Da realeza proscripta o pallido fantasma.  
 Que luz, que nova luz, cegando-lhe a pupilla,  
 O assombra? É Deos que a manda... e Deos não se fudila!  
 Mas... basta! É feio o insulto á c'roa que desaba,  
 E onde o exilio começa, é lá que a injuria acaba!»



Mas o poeta olha para a patria, e lobriga no seio  
d'ella filhos desnaturados, que lhe minam a ruína.  
Inflamma-o então o ardor patriotico, e exclama:

«Não; não pode essa bandeira,  
Deslebrando antiga fama,  
Rojar-se agora na lama,  
Perder seu lustre no pó!  
Rota embora, embora humilde,  
Mas nossa, mas portugueza!  
Embora já sem grandeza,  
Mas sempre livre, mas só!»

E quando lhe dizem que o progresso das nações  
*manda unir os imperios*, e que nós e Hespanha se-  
remos o povo que ha de assombrar o futuro, Gui-  
lherme Braga responde:

«Bem sei que ficamos tendo,  
Opprimidos e oppressores,  
Pela terra as mesmas flores,  
Pelo espaço o mesmo azul.  
Mas nós seremos os fracos,  
E a Hespanha a forte, e a potente!  
Ella, a Russia do occidente,  
Nós... a Polonia do sul!»

Basta. Guilherme Braga não será um poeta? Ex-  
pressão energica, escolha de rima, robustez de pen-  
samento, *metrificação* escrupulosa... tudo isto vemos,  
e em poucas paginas.

Em metrificacão, notámos apenas, como defeituoso, aquelle septisyllabo durissimo:

“A liberdade é um egoismo...”

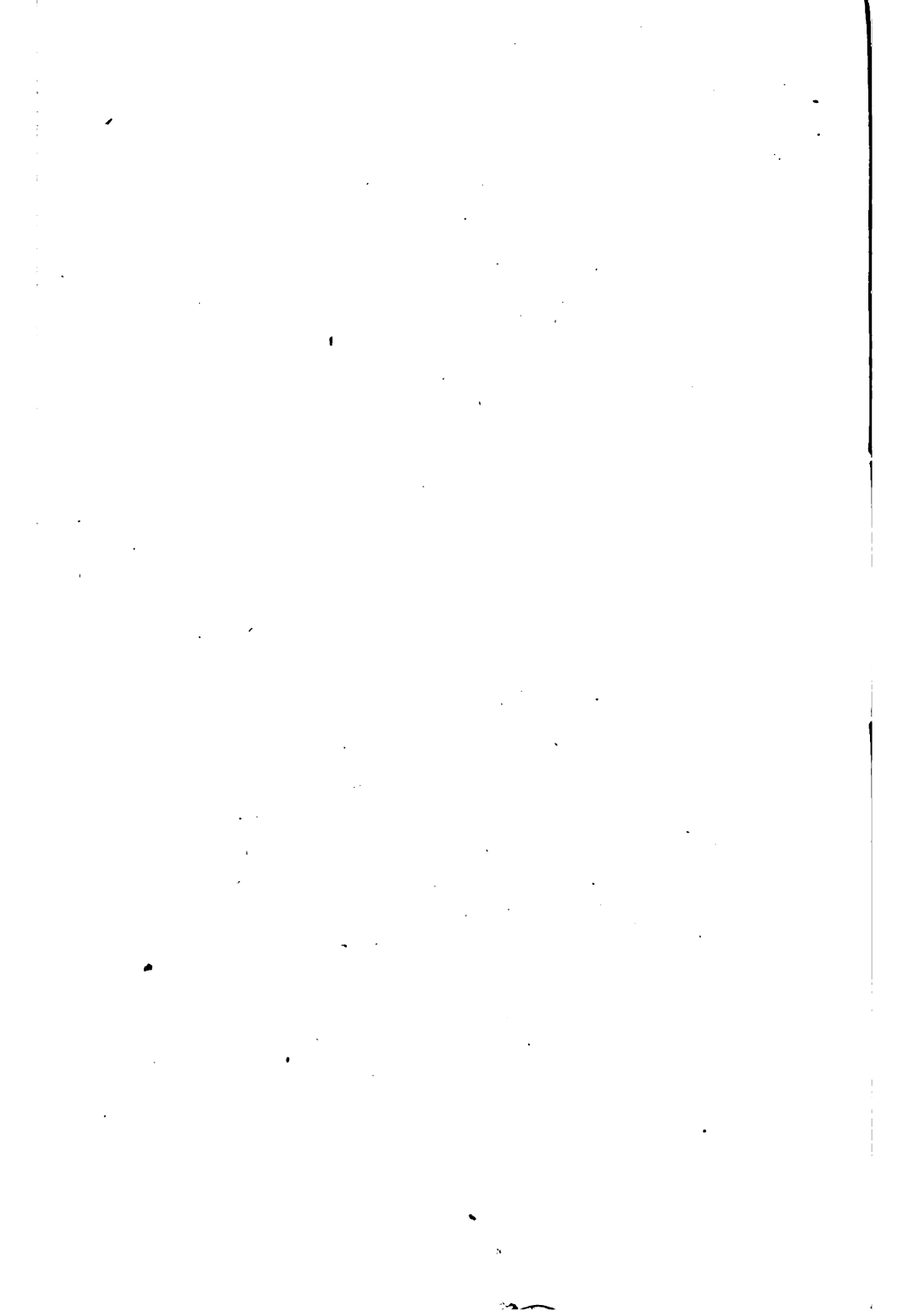
Aprofundando a idéa do poemeto, notámos também, e com algum desagrado, a nimia falta de crença no progresso da Hespanha:

„Saudemos a Hespanha irmã;  
Saudemos, hoje, essa aurora,  
Que ha de ser noite ámanhã.”

Quem disse ao poeta que a nobre Hespanha, atolada por tantos seculos em sangue, e por tantos seculos accorrentada ao poste do obscurantismo, e esmagada pelo braço dos déspotas, não surgirá d'esse letargo com vida nova, e se não assentará, rejuvenescida e livre, ao banquete social, onde as demais nações da Europa commungam a religião sancta do progresso e da liberdade? Mais fé e mais esperança quadram sempre á nobreza d'um peito moço.

Pedimos a Guilherme Braga trabalhos de mais pulso, porque nol-os pode e deve dar. Talvez que então lhe assignemos logar entre os nossos pouquissimos bons poetas. Por hoje, saudamos-lhe conscienciosamente a estreia, ficando á espera do muito que nos promette.

---



J. C. LATINO DE FARIA

---

PALMAS E MARTYRIOS

(Publicação posthuma)

LISBOA, 1868

A mão, que escrevia hontem essas paginas, já hoje é cinza. Vimol-a percorrer trémula, e já descarnada, o papel onde o anjo da morte vinha projectar a sombra das suas azas lugubres. Momentos depois, já não se ouvia o canto do cysne, e uma viuva trajava luto, e chorava sobre a campa do poeta.

Ficavam-lhe sobre a terra uns sons dispersos, que lhe tinham sahido d'alma: eram uma reliquia de amor para aquella que em vida partilhara as alegrias momentaneas e as longas mágoas do poeta; mas eram tambem obras de arte, que seria egoismo roubar á admiração dos homens. A magoada esposa reuniu esses cantos e deu-os á estampa: foi um tributo de saudade á memoria do poeta, e um brinde valioso ás letras da nossa patria.

— Que são as *Palmas e Martyrios*? Um livrinho que se não recommenda pela novidade do estylo,

nem por elevação de pensamento, mas que é o transumpto fiel d'uma alma de poeta, d'um ingenho não vulgar, que não desmedrou quanto devia, porque tropeçou, ao despontar, na agonia e no desalento, resvalando após no paradeiro do tumulto.

A sorte do poeta e as condições do livro destroem a indiferença do leitor e desarmam a crítica. Os olhos voam-nos espontaneamente por aquellas paginas, onde a cada linha ouvimos ora um gemido, ora uma nota de saudade.

Aqui o poeta, mirandô o seu retrato, onde se lhe estampa o rosto cadaverico, exclama tristemente:

«Eil-o: no fundo lugubre,  
Que a pallidez lhe aviva,  
Resae em traços vividos  
A imagem afflictiva  
A quem sopro mephytico  
Crestou da vida a flor.»

Ali sente, como André Chénier, que alguma coisa tem no craneo augusto; mas vê diante de si a verdade tremenda, e geme :

«Assim eu, na verdura dos meus annos,  
Sem alegria ter, na terra dura  
Vou descançar,  
E meu nome comigo sepultado  
Só nalgum peito amigo ha de a revezes  
Triste echoar.»

Ora deita os olhos á esposa idolatrada, e vê tão proximo o estalar das doces algemas que os ligam sobre a terra, que procura em vão illudir-se :

«A minha alma alento busca  
Em teus perfumes, oh flor ;  
Mas entre ti e meu peito  
Pela amargura desfeito  
Vem sempre assentar-se a dôr.»

Ora, na quadra triste do outomno, vê, como Millevoye, que os dias lhe vão passando como as folhas seccas das arvores, e sóta um sentidissimo canto, que abre assim :

«Ao bosque o pallido outono  
O lugubre olhar lançou,  
E do seu risonho manto  
Folha a folha o despojou.»

A pesar de tudo, o livro tem defeitos. A poesia *Oh rus*, é um quadro bucolico em desharmonia com a arte moderna. Exemplo :

«Feliz quem do bulicio descuidado  
Do mundo fraudulento, as horas passa  
No remanso dos bosques, tão valido  
Das musas apraziveis.»

É o echo froixo do canto eterno do poeta venusino, canto imitado e traduzido por Andrieux,

por Paulino Cabral, e não sabemos por quantos  
mais:

*Beatus ille qui procul negotiis,  
Ut prisca gens mortalium,  
Paterna rura bobus exercet suis,  
Solutus omni foenore.*

Mas... terminemos com as seguintes palavras do  
immortal cantor de *Jacques Rolla*: — *Il me semble  
que la critique ne doit frapper que quand elle espère;  
car autrement, sévère sans mesure, si elle est juste,  
elle est inutile, et si elle se trompe, elle nuit.*»

..

JOSÉ DE LEMOS DE NAPOLES

---

FLORES SILVESTRES

---

COIMBRA, 1868

É um livro decorado por uma nitida capa o em que temos agora os olhos. O numero das paginas roça por quatrocentas, e a lombada traz o nome de — J. DE LEMOS.

Muitos hão de julgar que o nome do auctor, assim escripto no lombo do livro, é um chamariz traíçoeiro, destinado a chamar os olhos dos curiosos para um volume do cantor da *Lua de Londres* apparentemente. Nós não. Ha muito que abrimos mão de suspeições infundadas, e nunca nos abalançamos, sem provas seguras, a pôr em duvida a lealdade e lisura d'um escriptor que présa a sua reputação.

Se não andou ali obra do acaso, inclinamo-nos a crer, por muito, que andou lá fanatismo litterario...

O que é certo, certissimo, é que José de Lemos.



de Napoles tem manuseado assiduamente os versos de João de Lemos. Não o deshonra a companhia, mas não lhe invejamos a camaradagem. Todas as escolas litterarias têm o seu esplendor, como o seu occaso.

Ora, a escola de João de Lemos vae passando, se já não passou; e a um moço de talento, que, pela vez primeira, confia ás ondas da publicidade um livro, fiador do seu nome, desejavamos-lhe melhor direcção no seu trabalho, e mais amor á poesia do seculo.

Quando assim falamos das *Flores Silvestres*, avaliamol-as na sua generalidade; pois que, se entrássemos em minuciosidades, encontraríamos versos d'um sabor extremamente novo, e muito avessos aos moldes em que o auctor vasou a maioria das suas composições. *Ignoto Deo*, por exemplo, é uma composição, onde transparece o sentimento da poesia moderna através de roupagens diáfanas e vaporosas. Fôsse lá José de Napoles sujeital-a ao juizo do mestre Boileau, e dos semsaborões da nossa Arcadia, ou confrontasse-a com as denguiças alambicadas de muitissimos versos de João de Lemos, e acharia que, sem o querer, se curvou diante dos altares de verdadeira poesia.

Como dissemos, não julgamos assim a maior parte do livro. O mesmo José de Napoles não teve em demasiada conta as suas estreias, porque não quiz apresental-as ao publico sem uma apresentação honrosa. Consta-nos que o auctor mostrara os seus versos a João de Lemos, na Figueira da Foz, e que o poeta

legitimista o aconselhara a publical-os mais tarde, para que mais tempo houvesse para a lima. Se assim foi, houve consciencia no conselho; mas o facto é que José de Napoles, não se considerando, talvez, tão moço, que deva sobremodo confiar no progresso de seus melhoramentos, deu agora o seu livro á estampa, precedido d'uma carta de João de Lemos.

D'esta vez — e ainda bem — não tivemos *juizo crítico*, nem coisa que o valha. — É uma carta escripta a *vol d'oiseau*, e quem sabe se devida a importunas instancias! Seja o que for, João de Lemos não feriu em demasia a modestia do auctor: disse-lhe o que de ordinario se diz, por delicadeza, a um amigo em quem desejamos fomentar estimulos. Mas se João de Lemos falasse com toda a franqueza, ao menos diria ao auctor que no seu livro ha muitos e muitos versos errados, porque nesta parte não havia communhão de escola, sendo certo que nos versos de João de Lemos tudo se poderá contestar, menos a exactidão no metro.

De resto, pouco valeria para nós o juizo de João de Lemos, pois que desadoramos as lentejoulas falsas que fazem a reputação d'este poeta

„Sobre o mar de lisa prata,  
„Na prata do liso mar...

Lêmos portanto desassombradamente o livro de José

..

de Napoles ; e, se do que levamos dito, **alguem inferir** severidade excessiva, soccorra-se ao livro, que não encontrará novidade de estylo, nem belleza de forma, nem opulencia de pensamentos. Só, sim, de espaço a espaço, como oasis no meio de um deserto, lá surge a fôrma indecisa d'uma esplendida miragem, onde se reflectem as luzes d'uma intelligencia sã, e onde ecôam as vozes do coração, quebrando por momentos a monótona ronceria de cantilenas mediocres.

..

THOMAZ RIBEIRO

I

## SONS QUE PASSAM

PORTO, 1868

Os homens de nome poucas vezes são julgados com imparcialidade. Os seus apreciadores, move-os, a uns a inveja, a outros a adulação systematica ou estúpida.

Felizmente, aqui não ha mestres nem discipulos. Deixamos a outros a penna venal, afeita a adulações servís e a salamalekes officiosos, e a penna envenenada que só traça diatribes e criticas desbragadas — effeito miseravel de invejas baixas e malcavidas emulações.

Aqui apenas ha o ecco fidelissimo da nossa consciencia, se ainda é permittido em Portugal fallar de consciencia... Podemos errar, e d'isso ninguem se isenta; mas quando alguem nos aponte o erro, não se vá julgar que morremos impenitentes. Não; de bom grado confessaremos a culpa, excepto quando, á min-

gua de razões, nos queiram convencer com o pêso da auctoridade, porque ás auctoridades litterarias é-lhes defesa a entrada em o nosso modesto laboratorio. Neste ponto, não somos do aviso de Chateaubriand, que, denunciando as suas crenças, lamenta que a democracia haja penetrado nos sanctuarios da litteratura, e que já se não reconheçam auctoridades nem mestres, nem opiniões estabelecidas, dando-se entrada ao livre exame na litteratura, politica e religião, como consequencia do progresso do seculo. Respeitamos a memoria do cantor dos *Martyres*, mas rejeitamos plenamente neste ponto as suas theorias; o que elle condemna e lastima, festejamos-o e abraçamos-o nós. Que seria da litteratura, se tivéssemos de crer cegamente nas decisões dos chamados pontífices das letras? Aquelles que a fama exalta mais, são, muitas vezes, os que menos se aproximam da verdade na apreciação das obras de arte. Não citamos exemplos, porque nos escaceia espaço bastante. Queremos a liberdade do exame, porque é pelo embate de opiniões contrarias que muitissimas vezes se aclara a verdade, e porque sobretudo defendemos as legitimas *consequencias do progresso do seculo*.

Sem nada nos importar o que se tem dicto e o que se pensa de Thomaz Ribeiro, vamos pois fallar dos *Sons que passam*; e, tão franca e sinceramente fallaremos, quanto é sincera e franca a estima em que temos o poeta.

O auctor dividiu o livro em tres partes: *Corôa de espinhos*, *Rosas pallidas* e *Lagrimas*.

Na *Corôa de espinhos* ha bellezas e ha trivialidades, que nem honram nem deshonram o poeta. Não nos deteremos sobre esta parte, porque temos mais a dizer da segunda e da terceira. No entanto, não passemos ávante sem notar aquelle ponto:

*Atraz um passo recuou o infinito,  
ao ver o crime da infiel Sião.*

Aqui, alem d'um defeito gravissimo de metrificacão, ha um d'aquelles arrojós balofos, que parecem muito e não dizem nada.

*Atraz um passo recuou o infinito (!...)*

Estamos no caso d'aquella distincção entre o *pó vivo* e o *pó*, na *Delfina do mal*.

Passemos ás *Rosas pallidas*. A sua dedicatória ao pae do auctor é feliz :

.....

„Sempre em teus olhos me sorriram jubilos;  
sempre os teus braços me acolheram francos!  
se alguma c'roa me destina a gloria,  
cinge com ella os teus cabellos brancos!”

Lê-se ao diante a *Festa e a caridade*. Todos o

conhecem e todos a présam. Ha alli belleza e harmonia. Exemplo:

.....  
 «Para outros, as noites não tem lua;  
 o sol é sem calor; o ar sem perfume;  
 o leito sem enxêrga; a mesa... nua!  
 os armarios... sem pão! o lar... sem lume!»

Mas notemos de passagem alguns defeitos metricos.

A pag. 44 lêmos um verso froixo:

«Os sons, o alaude.»

E, como este, aquelles, que sublinhamos:

«*Eu bem sei que a poesia*  
*perdeu seu manto de luz.*» (Pag. 212.)

«*Eram de sangue as cidades!*  
*de sangue, o templo, o altar!*» (Pag. 216.)

«*lá vive no inferno*  
*a engulir em secco.*» (Pag. 184.)

E, pois que fallámos de versos defeituosos, apon-

taremos um verso errado. Numa excellente pagina de alexandrinos, lê-se este:

«*Pranto, eslou só, és litre! irrompe, suavisa inunda!*» (Pag. 297.)

O segundo verso que segue, se não nos concederem que está *errado*, não podem negar-nos que é *durissimo*:

«Era o epilogo da festa,  
olhos profanos não o vêem. (Pag. 166.)

O mesmo dizemos d'este:

*O filho, neto ou irmão do Adamastor.* (Pag. 287.)

Desenganemo-nos: em Portugal, não sabemos de poeta que possa atirar a primeira pedra a Thomaz Ribeiro, por culpas de versificação. Camões, o inspirado cantor das nossas glorias, e o popular Bocage, um dos nossos mais escrupulosos metrificadores, não escaparam da lepra. Hoje, o mesmo Castilho, a quem muitos têm na conta do nosso melhor metrificador contemporaneo, lá errou, poucas semanas ha, um alexandrino na traducção das *Femmes savantes* de Molière. Podem lê-lo:

«—Agrada-lhe?—E até muito.—Agrada-lhe?! T'arrenego!»



Descance pois Thomaz Ribeiro, que não serão os seus erros metricos que o hão de apeiar do pedestal em que o erguerem.

O que não é de tão pouca monta são os descuidos na construcção grammatical. Na pagina 92 lê-se:

“¿ Tu já tens visto arbustos na montanha..... ?

.....

..... has de, sem custo,  
achar o meu retrato  
nesse infecundo arbusto.”

O auctor vem fallando de arbustos, no plural, e depois refere-se a elles, no singular. Isto, num poeta mediocre, nem sequer o notariamos na leitura; mas d'um poeta de bom nome, como Thomaz Ribeiro, devemos exigir mais correcção na fórma, e menos precipitação no correr da penna.

Mas, na mesma poesia, onde se nos deparou este defeito, ha um trecho rico de sentimento e de poesia. Leiam :

“És pae!... Ser pae é viver sempre immerso  
em ondas de poesia e de esperança;  
é ser mais seu e não pensar em si;  
é trasbordar de amor;  
é derramar prazer do seio a flux;  
é correr, correr sempre cauteloso,  
e não sair do quarto, em derredor.”

do seu morbido ninho,  
 como anda a borboleta em torno á luz,  
 a abelha em torno á flor;  
 é presentir um ai, e alvoroçar-se;  
 aprender só de si que se resume  
 o almo sustento para o caro implume  
 em manjares de leite e de carinho!  
 Ser pae é ser bemdito do Senhor!..."

É que, poetas de sentimento, como Thomaz Ribeiro, conhecemol-os rarissimos; e até não nos lembra agora senão aquella doce poetisa e mãe ternissima, Desbordes Valmore. Infelizmente, o poeta que se compara com o *arbusto maninho*, não pôde dizer com a insigne poetisa franceza:

"Venez, mes chers petits; venez, mes jeunes âmes;  
 Sur mes genoux, venez tous les deux vous asseoir."

Voltemos algumas paginas. Ainda que leiamos de relance a pagina 145, dá-nos na vista um defeito-sito, que vae no segundo d'estes versos:

"serias galvanismo d'este morto  
 que boiava á mercê sobre baldões."

Á mercê  
 á mercê não de quem, ou de quê? Cremos que boiar  
 etc. Tenha é o mesmo que boiar á ventura, á tóa,  
 paciencia Thomaz Ribeiro: temos a obri-

gação de ser escrupulosos com aquelles que se constituem no dever de o ser consigo mesmos.

Sabemos quantos abrolhos ha por este caminho da verdade e da franqueza; mas diz-nos a consciencia, que nesta luta servimos as nossas letras, e que a geração por vir, se não a presente, nos fará a devida justiça.

Terminemos divagações, talvez estéreis, e vejamos como, apesar de tudo, é um verdadeiro poeta o auctor dos *Sons que passam*. Vamos agora admirar uma parte d'aquelle idilio, que se lê a pag. 205. Os idilios de Thomaz Ribeiro não têm o assucarado e as denguiques, ás vezes ridiculas, dos Gessner e dos Florian; nem os pastores e as cordeiras dos Bernardes e Bernardins; nem os cosmopolitas pifanistas, que emigraram da Arcadia grega, visitaram as faias sicilianas, e adormeceram á sombra das papoilas da nossa Arcadia, de pouco saudosa memoria.

«Imagina, senhora,  
uma casinha branca entre arvoredos;  
um lago juncto d'ella;  
juncto ao lago um jardim.

A porta da morada incantadora  
uma hastea de era a entretecer um arco,  
e a inrolar-se nos vimes d'um jasmim;  
no jasmineiro um ninho;  
uns ovinhos lá dentro, e os ternos medos  
com que os guarda amorosa filomela.

Dentro do lago um barco;  
 e nelle uma donzella  
 de olhos humedecidos e formosos,  
 grandes, azues, profundos como o espaço;  
 cabello ondeado e solto;  
 collo de cisne; o corpo esbelto e airoso;  
 lira de oiro poisando-lhe no braço;  
 um véu de gaze, em ondas mil revoltos  
 por sobre a azul roupagem;  
 como aérea visão que se evapora  
 quando o poeta enamorado acorda  
 ao sentido vibrar de íntima corda,  
 ou névoa matinal velando a aurora.  
 E em quanto de seus labios melindrosos  
 fogem suaves, indistinctas máguas,  
 e tímida suspira,  
 sua elegante e seductora imagem  
 a reflectir-se no crystal das aguas,  
 e a segredar-lhe uns magos sons a lira !...

Serranias gigantes,  
 erguendo-se nevadas e arrogantes  
 na extrema do horisonte,  
 e do outro lado o mar !

Com murmurinho manso, incerto e vago,  
 a poetica lympa d'uma fonte  
 desce furtiva, e a medo  
 se escoa e cai dos musgos d'um rochedo  
 a tintilar no lago."

¿ Não é um bellissimo quadro, este? Mas, se ha  
 côres e harmonia e vida nesta pintoresca descripção,

ha-as tambem, e muito mais, *naquelle* sentidissimo poema das *Lgrimas*.

*Lgrimas* é a terceira e ultima parte do livro. São suspiros entrecortados, lagrimas soltas, que o poeta offerta á alma pura de sua mãe.

«Quando ella agonisava,  
suspensa a vida entre o mysterio e o mundo,  
procurava-se um padre, um velho... um justo  
que lhe rezasse as preces da agonia.  
O filho sacerdote, que chorava,  
ergueu-se, e disse então, solemne e augusto :  
— Se minha mãe me visse moribundo,  
    não me deixava o leito :  
quero pois que a sanctinha deixe o mundo  
    encostada ao meu peito !  
quero rezar-lhe a prece derradeira !  
    eu sei que isto a consola.—  
E foi-lhe ajoelhar á cabeceira,  
Resvalava-lhe o pranto pela estola,  
pelas dobras do leito mortuario,  
luzindo a espaços com sinistro brilho ;  
a voz, estrangulava-lh'a a garganta ;  
tremia-lhe entre as mãos o breviario ;  
    mas a supplica sancta  
mandou-a a Deus o soluçar d'um filho.»

Bravo ! Aqui ha verdade e sentimento, que moye e arrebatá. Os arvesamentos artificiosos, os arbiques dengues da phrase, corridos de vergonha,

fugiram-se d'este magnifico trecho, como de todo o poema das *Lgrimas*.

Querem saber o que em poesia é mimo, saudade, sentimento e tudo o que nos falla ao coração, abrindo-nos o coração alheio? Oçam :

« Bem sei que ella vive alem  
por trás d'aquellas estrellas !  
quando eu choro, riem ellas,  
que sabem de minha mãe !

Choro... não é de saudade ;  
choro com pena de mim !  
é porque me vejo assim...  
no meio d'esta orphandade !

Mas ella chora tambem,  
e as lagrimas são aquellas !  
Que sementeira de estrellas  
choradas por minha mãe !...

Como os olhinhos da abelha  
atrái o viço das flores,  
levam-me a vida as saudades  
atrás d'aquelles amores !

Quero chorar... e não posso ;  
quero fallar... e immudeço ;  
quero sorrir... e suspiro !  
quero viver... esmoreço !

Se eu fiz d'este amor um culto !  
 se eu sou como ave estrangeira,  
 que viu partir seus amores,  
 e aqui ficou prisioneira !»

Os corações, que ainda não empedraram com a gelidez do scepticismo, e os que abriram mão do culto fanatico das escolas velhas, hão de entender e chorar as dores do poeta orphão. Agora, uns certos arlequins que nós conhecemos, macacos voltairianos, que, franzindo um lado do rosto, estereotypam e ensaiam ao espelho um meio sorriso, com que a tudo respondem, por não revelarem ignorancia parvoa; esses, ao deitar os olhos sobre o poema das *Lagrimas*, hão de rir-se e voltar a folha. E os ledores, que encaneceram estudando os modelos anacronicos d'aquelles bons tempos de Camões, Bernardes e Filinto, hão de ver nas *Lagrimas* uma novidade subversiva, e a poesia elegiaca baixada da peanha, aonde a guindaram os poetas que lá vão.

¿ Que diria, por exemplo, o sr. José Silvestre Ribeiro, se lesse aquella pagina que assim começa :

— Ao pé da residencia ha tres loireiros — ?

Provavelmente, suava e resuava, mexia-se e remexia-se na cadeira, e acabava por uma invectiva :  
 — Apre ! os nossos poetas classicos não fallavam as-

sim ! Isto são palestras familiares ! Isto é prosa !  
é desastro ! —

A proposito : quando vemos o sr. conselheiro  
Silvestre, escriptor aliás cruditissimo, e a fallar  
de poesia, fechamos logo os ouvidos, e deixamos  
attenção dos ouvintes, de penna, e promette

Ê que nós vimos, exempli-gratia, como ell  
*Jornal do Commercio*, fallou da Primavera de  
ther, poema onde poucas são as paginas que  
sam verdadeiros elogios. É verdade que Thom  
beiro e Castilho haviam-lhe dado o exemplo  
esperava-se outra coisa da sidade do sr. Jo

Fallando dos *Quadros cambiantes* de Can  
Figueiredo, numa noticia bibliographica,  
fallou muito, e disse pouco, embirrou com  
verso, ninguém sabe porquê :

— Na rua uma criança ia passando então —

Plausivelmente foi porque não é um verso  
sonante, arrevesado, ou o que quer que seja.  
Fallando das odes de Camões, citou d'ella  
modelos, muitos, longos e variados trechos, onde,  
ha poesia, também a ha nos artigos do aprimorac  
escriptor.



¿ Mas aonde nos levam estas divagações ?

O que nós queremos dizer é que o sr. Silvestre Ribeiro, e todos os mantenedores da sua escola, não devem ler as *Lagrimas* de Thomaz Ribeiro.

Concluindo : nos *Sons que passam* ha composições de grande merito, como o *Herminio*, a *Festa* e a *caridade*, as *Lagrimas*, a *Judia*, etc.; outras ha, cuja mediocridade se não compadece com o talento do auctor, mormente as de mais antiga data, se bem que nenhuma d'ellas é anterior aos vinte e tres annos do poeta.— Para dizer toda a verdade, Thomaz Ribeiro não foi um talento precoce; e, versos que elle escreveu, já nos seus ultimos tempos de Coimbra, bom é para elle que não estejam ao alcance de todos. Isto não importa nada á boa conta em que todos temos o poeta. Mais vale quem Deus ajuda...

---

## II

### A DELFINA DO MAL

---

#### POEMA

LISBOA, 1868

Damos começo a este artigo, registrando uma noticia que nos encheu de tristeza. O correio que nos trouxe a *Delfina do mal*, «o poema da humanidade», nos trouxe com ella a infausta nova da morte de Rossini, de Havin, Berryer, Sinibaldo de Mas e Rotschild, astros da humanidade aureolados no occaso pelos clarões da gloria. Quando o sr. Thomaz Ribeiro se levanta em Portugal aventando aos ares os Vedas do seu credo commiserativo e social, vestem-se de lucto as torres de Pesaro, cerram-se as portas da typographia do *Siècle*, soluçam plangentes as illustrações de França, traja de crepe a erudição e a diplomacia de Hespanha, e até o banco de Inglaterra e do mundo retira por tres dias, de seu portal, o symbolico Mercurio de cobre! A estante que se desentranhava em operas, o jornal que se multiplicava em edições, o prélo que se desfazia

..

em livros, o cofre que arrebentava em libras, deixaram passar o anjo da exterminação por sobre as faces lividas de seus melhores sacerdotes, para ouvirem da lyra portugueza um canto perenne de resignação! A *Delfina do mal* appareceu a tempo. Em dias de lucto, como estes, é que a sua leitura faz bem a tantas almas, que por aqui andam repasadas de tristeza. Fé, esperança e caridade; crença, aspiração e amor: eis as tres virtudes capitães desenvolvidas no livro de Thomaz Ribeiro. Quando foi que a prégação d'estas verdades se tornou tão necessaria como hoje? Porisso bem dissemos da vinda do apostolo, cujo tom jeremiaco, apaixonado e suave, já de ha muito conheciamos pela poesia do *D. Jayme*. Envergonhem-se os padres, a cuja competencia Jesus Christo encommendou o predicamento d'estas virtudes! Se a palavra do pulpito foi arrastada ao lymbo da chocarrice, se mais d'um impio já foi estender nas tábuas do confessionario a toalha asquerosa da bambuchata, resgatou-se agora no tribunal da imprensa, e não consintam que os profanos se vejam obrigados, em nome de Deos e do mundo, a vestir o burel, o sacco e o cilicio para evangelisar a palavra divina. O sr. Thomaz Ribeiro faz vergonha aos prédadores christãos. Canta como um propheta, e chora como uma creança immaculada. Bem vindo seja.

Passando agora dos accidentes que vêm acompanhando a hora em que este livro é publicado, omit-

tindo tambem a be-  
balho presente, isto  
maz Ribeiro, entre

O auctor chama-  
deixa de justificar-  
mal tem dez cantos  
estas razões não v  
do auctor justifica  
no poema da *Delfina*  
é da leprosa. Até a  
perança de que ass  
miseria; de que ou  
mentos rebentarem  
de que assistiremos  
*Delfina*; mas, quan  
para as conversas d  
murmuram ao soalh  
do baile de Josephin  
de Albano, se desfaz  
nos transporta para  
sistirmos ao encontro  
fina, nos mostra depo  
sephina fartando-se d  
res patrios, e a final  
de relatorio, que Albar  
accordamos no ultimo ca  
Oh! meu Deos! Thoma  
é o poema da *Delfina*

andam a annunciar ha bons tres annos! Não pode ser; houve engano por força. Ainda se este livro se intitulasse — *Annos de Albano*, ou de *Josefina*, ou cousa assim, passe... ao menos traria o nome do assumpto maior... Como o livro tem muitas acções (duas com certeza), não era muito de estranhar que o titulo fôsse extrahido d'aquella que parece a alma do poema (chamamos-lhe poema, porque assim lhe chamou o auctor).

A respeito da falta de unidade no poema, defeito que nos não parece dos menores, bom é que ouçamos Thomaz Ribeiro. No canto VII, que elle chama *entre-acto*, prevê os defeitos que a critica lhe notará a proposito do reparo que ahi fizemos — de serem muitos os protognistas, duas pelo menos, as acções, de se ter olvidado a Delfina, de ser frouxo o enredo, etc. etc., e assim se defende:

“E com tudo o meu canto é verdadeiro!  
 Historiei cantando. É pois bem certo  
 que mil vezes no mundo a chã verdade  
 absurdo se affigura aos olhos da arte!  
 Espere o final, e a pós julgae-me!  
 Nascem d'um tronco só ramos diversos,  
 que se affastam do centro, e se recurvam  
 em direcções oppostas; mas do meio  
 sobe a altiva coruta e põe remate  
 á harmonia do roble.”

Faz ainda outra comparação dos seus versos com

as arcarias d'um templo, que vão prender-se ao fecho da ogiva, e continúa:

«Exigir symetria nos meus cantos  
é condemnar-me ao leito de Procastus!  
Oh! não! deixae, — deixae que eu ande immune  
por todas as paragens do infinito  
a sabor dos caprichos do meu estro!  
Ensinou-me a cantar a natureza!  
a symetria é da arte.»

O poeta continúa a demonstrar que o seu poema não é tão absurdo como se affigura; e philosophando, a cantar, se embrenha em principios metaphysicos e estheticos, com tal habilidade, que os seus versos mais parecem trechos de Hegel ou Kant pelo abstruso da dicção, do que notas dulcissimas e suaves de Thomaz Ribeiro. Com o coração nas mãos declaramos que nos magoou a leitura das paginas 196 a 199 da *Delfina do mal*. Numa d'aquellas estancias justificativas lê-se o seguinte:

«Em cada ser, ou seja insecto ou mundo,  
duplo raio vital impera e inspira,  
— a vida universal e a vida propria; —  
naquelle ha o servo; ha nesta o individuo;  
ali o imperio; aqui a liberdade.  
Uma só d'estas leis a arte conhece;  
ambas a natureza.»

Aqui está o modo *indirecto*, como o sr. Thomas Ribeiro se defende. Sublinhámos o *indirecto*, porque o

auctor parece fingir que não póde defender-se, nem quer justificar-se:

«A critica fallou e eu curvo a frente,  
porque os preceitos da arte me fulminam.»

Confessa o defeito, mas defende-se d'elle. Paremos, porem, um pouco para reflectir. Ha ou não unidade? Quem ler o poema da *Delfina do mal*, reconhece que a não ha. O sr. Thomaz Ribeiro curva a frente, porque os principios da arte o fulminam, isto é, declara que tal unidade não existe, e logo em seguida manda-nos esperar pelo final para o julgarmos, confessando depois que o seu poema a tem, servindo-se da imagem do roble e do templo para a demonstração!

Existe ou não existe? O auctor diz que sim e que não; nós optamos pela negativa, e nem um só leitor nos poderá desmentir. Será isto um defeito numa obra, que o sr. Thomaz Ribeiro escreveu (como confessa) para a humanidade? Os mestres que o digam: o sr. Thomaz Ribeiro apenas declara que deseja andar immune por todas as paragens do infinito, ao sabor dos caprichos do estro. Ensinou-o a cantar a natureza, e a symetria é pertença da arte — conclue-se d'aqui o profundo desprezo em que o sr. Thomaz Ribeiro tem a arte; a arte é um obstaculo, não é um meio; é um tropeço, não é um subsidio! Isto não o espera-

vamos do auctor do *D. Jayme*! Quem ha ahi que possa dizer bem d'uma poesia sem arte?

Historiei cantando, diz o auctor. Isto o que quer dizer é que metrificou historia; mas se assim é, porque chamou poema á *Delfina do mal*? Pois um poema é lá por ventura uma historia metrificada? O metro não é já de si um conjuncto de leis artisticas? Quem tem o nome de Thomaz Ribeiro não póde occupar-se em mover historia no realejo da metrificação.

Na ultima estancia que citamos diz o auctor que, em cada ser, duplo raio vital inspira (sic) a vida universal e a vida propria, o servo e o individuo, o imperio e a liberdade; que uma só d'estas leis a arte conhece e ambas a natureza. Não sabe a gente qual é a lei que, só, a arte conhece. As leis da vida universal pertencem á providencia, são leis de imperio e de servo; provavelmente o poeta — sem arte — está sujeito a estas leis como o insecto e o átomo no conjuncto da harmonia immensa. Pelos subseqüentes conhece-se que o sr. Thomaz Ribeiro só reconhece estas leis naturaes, porque embirra com os imperios absolutos do metro, o metro classico de direito divino. Logo, escreve o sr. Thomaz Ribeiro poesia, assim como o cego de nascimento fala de cores, sem convicção, por instincto. Se o sr. Thomaz Ribeiro se perdeu, como um átomo, na magestade deslumbrante da natureza, no conjuncto dos seres creados, e no seu extasis divino se intitula o poeta



da natureza, deixando-se arrastar pelas leis eternas da Providencia, que o faz cantar á toa, em vez de poemas, devaneios como declara, para que se diz livre neste verso :

«Mas sou tambem poeta, hei de ser livre?»

Confessamos ingenuamente que não percebemos a metrificacção do illustre poeta ! Confessa que a arte determina o circulo da vida propria, da liberdade em que vive o individuo, declara-se poeta e livre, e portanto na circumscripção da arte ; e foge da arte, separa-se do individuo, abusa da vida propria, tudo para ser poeta e livre fóra da arte, cujas leis dirige a liberdade ! Oh mysterio !

A poesia subjectiva, isto é, considerada como um sentimento, pode existir e existe sem arte ; quando fallada ou escripta, negamos ; e deixe-nos dizer-lhe que ser poeta ou pintor da natureza, fazendo abstracção da arte, é photographar a natureza, é copiar-a, não é pintar-a, muito menos poetisar-a. No prologo disse o sr. Thomaz Ribeiro: «A arte e a poesia que se não inspirarem da verdade e se não modelarem pela natureza, não são poesia nem arte.» Disse bem ; mas deve notar que a poesia e a arte não copiam o modelo, não acceitam o objecto tal como elle é, como um pintor de retratos ; não copiam a verdade absoluta, contentam-se com a relativa, que é a unica

de que as artes se occupam. O que a obra d'arte muda nos objectos é tão sómente o conjuncto das relações e das dependencias mutuas das partes. O desenvolvimento d'estas verdades póde o sr. Thomaz Ribeiro encontrar-o em qualquer livro de arte, e principalmente em H. Taine (*Philosophie de l'art*, pag. 42 a 46). Tambem devemos declarar-lhe que não é vantajosa a posição que para si creou. Triste coisa é sair-se um auctor a defender-se d'um phantasma de sua consciencia, mórmente quando o publico ainda lhe não pedia contas, nem o atacava. Não desejavamos que o auctor tivesse de pedir desculpa a quem lhe não exigia satisfações, e, quando voluntariamente as desse, não fosse no corpo do poema e por aquella fórma.

Bem sabemos que alguns poetas hespanhoes, que Byron, e Alvares de Azevedo no seu *Poema do Frade*, fizeram o mesmo; mas bem deve saber que as liberdades do poema humoristico não podem ser imitadas num poema serio como a *Delfina do mal*.

Continuemos. O sr. Thomaz Ribeiro na dedicatoria do seu livro ao abbade de Sancta Maria de Silgueiros declara-se abertamente contra as glorias guerreiras purpureadas de sangue, e noutra parte até se incommóda porque o rei usa de espada. Está no seu direito; em todo o caso advertiremos que o sr. Thomaz Ribeiro não é tão inimigo do sangue e das espadas, que não cingisse as cintas de dois heroes do

*D. Jayme*, a de um com a espada de *D. Martinho*, a d'outro com o punhal do bandido; por signal que justificou depois o *D. Jayme* das cruezas de seu character, pondo-o fora da sociedade, da lei humana e até divina! Se dissesse que o amante de Estella era um homem; que como tal o quiz pintar; que não foi sua intenção retratar santos, vá; mas defendel-o com uma theoria absurda, porque nega a liberdade e a responsabilidade do crime, chamando-lhe doença do entendimento, não parece que tenha razão. Vê-se todavia que o sr. Thomaz Ribeiro não desgostava de sangue, quando escreveu o *D. Jayme*; e agora, por mais que diga, se diverte e os seus heroes bombardeando os montes da Laceira contra inoffensivos animaes.

Um homem de bacamarte ao hombro não pode ver que um rei use de espada! A espada não é emblema de tyrannia, mas de respeito e magestade. A espada não é contra os povos, mas contra as feras, que em todas as camadas sociaes existem e hão de existir. Nunca ninguem se lembrou de accusar S. Jeronymo, porque usava de uma bengala com fórma de serpente, e mais a cobra não é dos bichos mais dóceis.

O sr. Thomaz Ribeiro não ambiciona glorias, e até questiona sobre a razão que teve para assignar os seus livros. Então, por que motivo introduz sempre em seus poemas a sua pessoa, que é uma especie

de *ciceroni* que vae levar o leitor a todos os mais despreziveis logares da sua Parada de Gonta; porque é que se não esquece nunca de si, da sua terra, e dos seus amigos, e dos seus cães, e dos seus montes, e de seu tudo? Em Portugal sabiamos que era deputado, que era de Parada de Gonta... ¿para que entra tudo agora no seu poema, se o sr. Thomaz Ribeiro não aspira a que os vindouros lhe vão co-roar de louro as pedras da sepultura? Não lhe invejamos a gloria, sr. Thomaz Ribeiro; oxalá que ella seja tão esplendida e tão duradoira como deseja e para a nossa patria é mister; mas creia que lo-grava maior dita seguindo por vereda mais larga, abstrahindo mais de si, cujas particularidades indi-viduaes estão sufficientemente manifestas na carta-prefacio, que o sr. Castilho fez ao seu *D. Jayme*. Quanto mais que, sendo este poema para a humani-dade, assim como o *D. Jayme* foi escripto para a patria, a moldura da idéa devia ser mais ampla do que é. A humanidade circumscripita no «Valle de Besteiros» custa a crer!

Em quanto ao tom do seu canto, vemos que ainda conserva a corda coral em que cantou no *D. Jayme*. Aqui, se não desceu, não adiantou nem aprendeu. É a melodia e a variedade metrica do Zorrilla e do Espronceda. Neste ponto é iberico,—com a diffe-rença de que se aproveita d'alguma cousa boa, que a litteratura hespanhola por lá tem, para gladiar a

Hespanha. Succedeu assim no *D. Jayme*. Isto não é accusal-o de ingratidão; é louvar-lhe o patriotismo. Faz-nos isto lembrar os gladiadores antigos, quando arrancavam a espada ao contrario para lh'a enterrar no coração. Gostamos d'essa fórma hespanhola, mas não desejáramos que d'ella fizesse máo uso, como por vezes acontece; pois é um facto, que até o sr. Castilho confessa, que nem sempre o verso corresponde á idéa. O desejo de variar de metro faz-lhe esquecer os reclamos do pensamento: versos ha que têm parentesco mais proximo com uns do que com outros. O sr. Thomaz Ribeiro não attende a isto, e fez d'um poema um ditrambo — cousa indigesta, que nem é poesia nem prosa.

No tocante a descripções o sr. Thomaz Ribeiro é um digno discipulo do seu patricio Braz Garcia Mascarenhas. Pena é que seja tão minucioso. Nisto representa a eschola ingleza tão habilmente como o sr. Gomes Coelho o fez no romance.

É um paizagista, como não conhecemos outro; não lhe escapa nem um átomo sobre um lyrio!

Thomaz Ribeiro representa na poesia o papel que Denner representava na pintura. Este não conhece os traços largos de Van-Dyck, aquelle os de Shakespeare. Ainda nas descripções encontramos o defeito da morosidade; o poeta enreda-se num silvedo, distrae-se escutando um passaro, abysma-se, e fica extatico a contemplar as estrellas e a immensidão;

e, assim enredado, distraído e extático, deixa passar o lance dramático, e em 300 paginas compõe um poema que cabia em 190. Parece-nos um pantheista da Asia; a natureza é o seu Deos e o seu culto, o seu meio e o seu fim. Ainda pelo amor da natureza physica é que o ultimo canto sahio um relatorio. Parece que o ultimo canto d'um poema corresponde ao ultimo acto d'um drama. Quando todos os caracteres estão bem definidos, a acção sufficientemente desenvolvida e todo o movimento tem chegado a um ponto tal de tensão, que é impossivel reprimil-o por mais tempo, a explosão não deve retardar-se, o desenlace é instante: cumpre que tudo o que tem conspirado se precipite, para que os animos não esmoreçam; pois na *Delfina* acontece o contrario! Quando se aneia o remate, vem Albano fazer-nos um relatorio de suas viagens, longo, bem como as conversas descriptivas de um aventureiro viajante; e a pobre Delfina, de quem ha muito não sabiamos, surge ao longe encostada ao braço de Domingas, creada de Albano; e, só com o espectaculo d'aquella Domingas cega e d'aquella Delfina mutilada, Albano deixa cahir da mão a pistola do suicidio e se regenera!

Não penssem agora que a *Delfina do mal* é um máu livro de poesia, como é um máu poema; não, senhores: ha ali excellentes versos, magnificas e delicadissimas scenas, abundancia de rimas, elevação

rarias publicadas neste anno, que merecem menção. Respondemos a isto—que algumas haverá de que não tivemos conhecimento; e que outras, como os *Mysterios de Fafe* de Camillo Castello-Branco e os *Novos Ensaios criticos* de Pinheiro Chagas, não chegaram a tempo de tomarem nesta revista o respectivo lugar. Estas ficam de reserva para o anno que vem; aquellas, nem sequer poderemos noticiar o seu apparecimento, senão quando seus auctores, compenetrados de que o dizer do *Aristarco Portu-guez* lhes vale mais do que as bajulações ridiculas dos thuriferarios de officio, nos brindarem com um exemplar dos seus trabalhos.

Os melhoramentos do *Aristarco* hão de regular-se pela acolhida que lhe dêr o publico sensato; por hoje, se não promettemos, esperamos que o *Aristarco* de 1869 virá augmentado com uma revista scientifica e outra theatral.

Como ninguem crê na infallibilidade dos juizos humanos, é possível, é até natural, que as nossas apreciações destõem do sentir de alguém, e, principalmente, d'um ou d'outro individuo, cujas obras analysámos. Neste caso, aceitamos de bom grado quaesquer observações, que se nos façam, em opposição ao nosso dizer; e, merecendo as honras da discussão, serão tractadas em secção determinada. Em polemica, escusado é declarar que, rejeitando ou combatendo um principio ou uma eschola, não terçare-

mos armas com quem não faça absolutamente abstracção de personalidades, e se não conserve dentro dos limites d'uma discussão grave e decente.

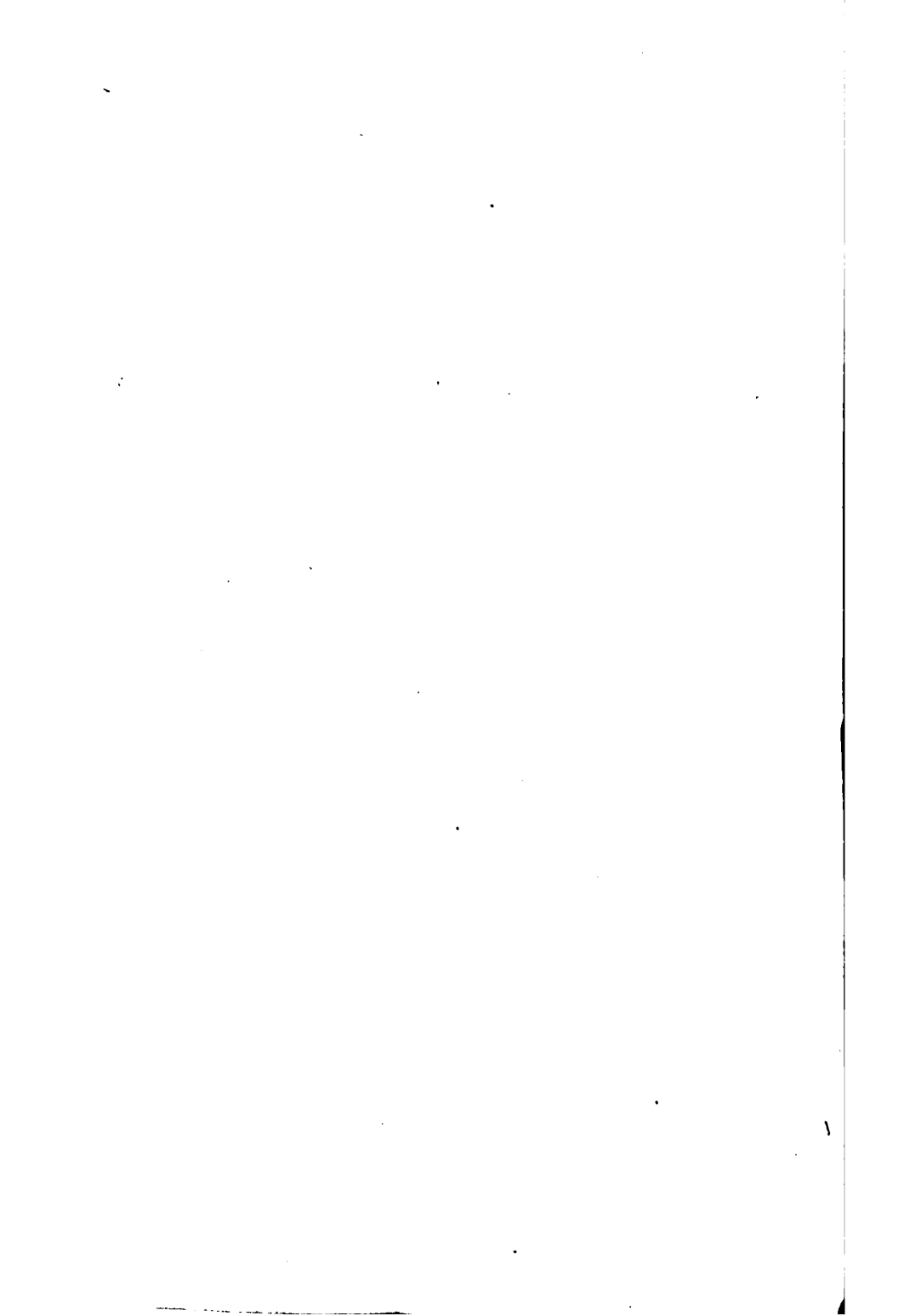
Toda a correspondencia relativa ao *Aristarco Portuguez* pode ser dirigida ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade.

..

h.v

---





PQ 9000 .A7

C.1

O Aristarco portuguez.

Stanford University Libraries



3 6105 034 528 229

